



RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Pesquisa em rádio e mídia sonora: a contribuição do Grupo ConJor

V.16, N.3 | 2025.3



RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

ISSN: 2675-8067

Pesquisa em rádio e mídia sonora: a contribuição do Grupo ConJor
V.16, N.3 | 2025.3

Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, antiga Rádio-Leituras (ISSN 2179-6033), é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conta com o apoio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O objetivo da publicação é ser um espaço para análise e reflexão sobre o rádio, a mídia sonora, o radiojornalismo e os processos de convergência que dialoguem direta ou indiretamente com as diversas modalidades de comunicação sonora. A revista pretende promover debates e estimular o desenvolvimento e difusão de conhecimento científico, contribuindo, juntamente com outros esforços e iniciativas, para o crescimento do campo dos estudos radiofônicos e da mídia sonora como um todo. Desta forma, a publicação encoraja a abordagem de questões metodológicas e conceituais relativas ao estudo do rádio e da mídia sonora, estimulando também a interdisciplinaridade nas propostas e o diálogo com pesquisadores de outros países. Radiofonias prioriza publicações decorrentes de pesquisas em nível de pós-graduação e inéditas. Destina-se a pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação e especificamente de rádio.

RADIOFONIAS

REVISTA DE ESTUDOS EM MÍDIA SONORA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

realização:

PPG COM
UFOP
Comunicação e Temporalidades

PÓS COM

CONJOR
Convergência e Jornalismo

apoio:

INTERCOM
GP Rádio e Mídia Sonora

Equipe Editorial / Editorial Board / Equipo Editorial

Marcelo Freire (UFOP) • Natália Cortez (UFOP) | editores de dossiê
edição comemorativa: os artigos foram avaliados pelos editores convidados

**Debora Cristina Lopez (UFOP) • Juliana Cristina Gobbi Betti (UFOP) •
Sheila Borges de Oliveira (UFPE)** | editoras

Aline Monteiro Homssi (UFMG) | assistente editorial

**Giovanna Tito de Fuccio • Isabella Ponciano • Isabeau Cotrim • Igor Silveira •
Marcelo Afonso** | mestrandos UFOP

Conselho Editorial / Editorial Board / Consejo Editorial

Belén Monclús

Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha

Daniel Martín Pena

Universidad de Extremadura (UEX), Espanha

Doris Fagundes Haussen

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) / Conselho Nacional
de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

Eduardo Meditsch

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Eduardo Vicente

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

José Luis Fernández

Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina

Luciano Klöckner

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Luiz Artur Ferraretto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Madalena Oliveira

Universidade do Minho (UMinho), Portugal

Mágda Rodrigues da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil

Manuel Fernández Sande

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Marcelo Freire

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

María del Pilar Martinez-Costa

Universidad de Navarra, Espanha

Mia Lindgren

Swinburne University of Technology, Austrália

Monica Rebecca Ferrari Nunes

Escola Sup. de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

Nair Prata

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Nelia Rodrigues Del Bianco

Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Othon Fernando Jambeiro

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sonia Virginia Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

Tiziano Bonini

Università di Siena, Itália.

Projeto gráfico

www.lenabenz-comunica.com

Capa

Aline Monteiro Homssi, sobre fotos
de FreePik

Editora:

Universidade Federal de Ouro Preto
R. Diogo de Vasconcelos, 122.
Pilar | Ouro Preto | Minas Gerais
CEP 35402-048

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Pesquisa em rádio e mídia sonora: a contribuição do Grupo ConJor Marcelo Freire; Natália Cortez	1
Por um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero Debora Cristina Lopez	9
Podcasts, corpus e temas sensíveis: uma proposta metodológica para capacitismo e feminicídio Sônia Caldas Pessoa; Livia Kelly Labanca Ferreira	35
A comunicação radiofônica sob a ótica das epistemologias plurais: representações sobre o padrão de beleza contemporâneo no podcast <i>Café da Manhã</i> Dayana Cristina Barboza Carneiro	59
Tramas coloniais e enredamentos epistemológicos Juliana Gobbi Betti; Ariane Stefanie da Silva; Sabrina Kelly Roza	78
O True Crime em podcast: reflexões pela perspectiva sonora Carlos Jáuregui; Luana Viana	103
Hodor Cavalo e as Beterrabas em Fúria: dinâmicas entre o podcast e seus fãs Aline Monteiro Homssi	133
Arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos de 2000 a 2022 Paulo Fernando de Carvalho Lopes; Sheila Borges de Oliveira; Norma Meireles; Patrícia Monteiro	156
Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio Izani Mustafá; Kátia Fraga; Nayane Cristina Rodrigues de Brito	181

Pesquisa em rádio e mídia sonora: a contribuição do Grupo ConJor

Investigación en radio y medios sonoros: la contribución del Grupo ConJor

Research in radio and audio media: the contribution of the ConJor Group

Marcelo Freire; Natália Cortez

O Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo, o ConJor, completou 15 anos em 2025. Mas sua história começou antes, com o Núcleo de Pesquisa em Mídia Sonora, o Nupems, que reunia, além dos então coordenadores Debora Cristina Lopez e Marcelo Freire, estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen. O Nupems foi criado no segundo semestre de 2008 e menos de dois anos depois, em 2010, encerrou suas atividades para dar espaço ao ConJor. Consideramos, então, que o ConJor nasce nos estudos radiofônicos, na preocupação com os fazeres sonoros e com os fazeres científicos sobre rádio e mídia sonora.

>> Como citar este texto:

FREIRE, Marcelo; CORTEZ, Natália. Pesquisa em rádio e mídia sonora: a contribuição do Grupo ConJor. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 01-05, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Marcelo Freire
marcelofreire@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-1936-7243>

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da UFOP. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais da UFOP. Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Natália Cortez
natalia.cortez@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-9608-0241>

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da UFOP. Doutora em Comunicação (UFMG). Realiza estágio pós-doutoral na UFMG. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

O Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo, o ConJor, completa 15 anos em 2025. Mas sua história começa antes, com o Núcleo de Pesquisa em Mídia Sonora, o Nupems, que reunia, além dos seus coordenadores Debora Cristina Lopez e Marcelo Freire, estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen. O Nupems foi criado no segundo semestre de 2008 e menos de dois anos depois, em 2010, encerrou suas atividades para dar espaço ao ConJor. Consideramos, então, que o ConJor nasce nos estudos radiofônicos, na preocupação com os fazeres sonoros e com os fazeres científicos sobre rádio e mídia sonora.

Entre os muitos reconhecimentos deste ano, destacamos o recebimento do Prêmio Luiz Beltrão na categoria Grupo Inovador, outorgado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom. Como disse uma das coordenadoras e fundadoras do Grupo, Debora Cristina Lopez, no dia da premiação, o ConJor hoje conta com 64 pessoas pesquisadoras de 19 universidades. Já derivou em outros grupos, como o Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef) e o Laboratório de Humanidades Digitais (LabHD UFOP), ainda ativos, e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin) e o Centro Hipátia para a formação de Divulgação de Ciência, já encerrados.

Para marcar a data e entender como, no decorrer deste período, construímos conhecimento sobre som e sonoridades, surge este dossiê. Na edição especial “15 anos de pesquisa em rádio e mídia sonora no ConJor” apresentamos alguns dos resultados de projetos e pesquisas desenvolvidos no grupo, especialmente na linha de pesquisa “Estudos do Som”.

Ainda que não se trate de uma fotografia de momento, os textos presentes nesse dossiê refletem o amadurecimento dos pesquisadores e pesquisadoras. Os artigos publicados não esgotam, vale dizer, os estudos desenvolvidos nestes 15 anos de trajetória. O ConJor sempre se destacou pela proposição conceitual e avanço dos estudos de som. Entre eles destacamos radiojornalismo hipermediático e ouvinte-internauta, derivados da tese doutoral de Debora Cristina Lopez (2009); webradio e radiomorfose, derivados da tese doutoral de

Nair Prata (2008)¹; a análise crítica da narrativa radiofônica, desenvolvida na tese de Mirian Redin de Quadros (2018); a abordagem inovadora da imersividade e do jornalismo narrativo em podcasting, construída na tese de Luana Viana (2023); a proposta de organização metodológica de estudos de interação em rádio – aplicável também a outras perspectivas – proposta na tese de Roscéli Kochhann²; as abordagens metodológicas da Análise Estrutural da Narrativa Sonora, de João Alves (2021), de análise de ambientes sonoros em audiodramas, de Patrícia Consciente dos Santos (2022); da Análise de Discurso em Podcasts, de Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2025).

Além desses, obras desenvolvidas em artigos pelos integrantes do grupo representam avanços na área, como as epistemologias plurais nos estudos radiofônicos (Lopez, Betti e Freire, 2025) e abordagens interseccionais (Lopez e Carneiro, 2025; Lopez, Betti, Roza e Silva, 2025); escuta multiplataforma (Martínez-Costa e Prata, 2017) e escuta plataformizada (Lopez, Cortez, Jáuregui e Freire, 2023); plataformização do rádio (Pinheiro e Bianco, 2022), modelo de negócio e rádio corporativo (Prata e Martins, 2017; Avelar e Prata, 2019; Avelar, 2017); distintas contribuições metodológicas e conceituais aos estudos de *true crime* (Jáuregui e Viana, 2022a; 2022b; Viana e Pernisa Júnior, 2022); o diálogo com humanidades digitais e pesquisa automatizada de áudios (Freire; 2025; Freire e Lopez, 2018); aproximações a perspectivas metodológicas que olham para as especificidades do objeto, como as sonoridades (Jáuregui e Lopez, 2021), a serialidade (Lopez e Alves, 2021) e o olhar para o próprio campo a partir da arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos (Lopes, Meireles, Oliveira e Monteiro, 2023); o debate sobre as memórias sonoras (Oliveira, Lopez e

¹ Ainda que tenha sido proposto antes de sua entrada no grupo, consideramos que as contribuições conceituais de Nair Prata reverberam até os dias atuais nas pesquisas desenvolvidas no grupo.

² As pesquisas de Mirian Quadros, Luana Viana e Rosceli Kochhann foram desenvolvidas, respectivamente, na Universidade Federal de Santa Maria, na Universidade Federal de Juiz de Fora e Universidade Federal do Paraná. No período, as autoras eram pesquisadoras ativas do ConJor e isso se reflete em sua construção acadêmica.

Meireles, 2023); e o avanço de propostas já existentes, como o binge listening (Lopez, Gambaro e Freire, 2023) e a relação dos fãs com o podcasting (Lopez e Monteiro Homssi, 2021).

Este dossiê acolhe artigos derivados de estudos desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras do ConJor, já finalizados ou em estágio avançado de desenvolvimento, em seu período de vinculação ao grupo. Os sete artigos aprovados são escritos por membros ativos ou que já se desligaram do ConJor, mas que fazem parte destes 15 anos. No primeiro deles, Debora Cristina Lopez (ConJor/UFOP) apresenta uma adaptação do Jornalismo com perspectiva de gênero para objetos sonoros, considerando as afetações da natureza do objeto na apropriação do gênero como categoria. No segundo texto do dossiê, a ex-integrante do ConJor, Sônia Caldas Pessoa (UFMG) e Livia Labanca Ferreira (UFMG), aproximam o debate sobre temas sensíveis, capacitismo e feminicídio dos estudos de podcasting. Já em “A comunicação radiofônica sob a ótica das epistemologias plurais: representações sobre o padrão de beleza contemporâneo no podcast Café da Manhã”, Dayana Barboza Carneiro (ConJor/UFOP) discute corporalidades, interseccionalidade e podcasting. A autora busca entender como a comunicação radiofônica pode atuar na (re)construção das representações sobre o padrão de beleza contemporâneo.

Analizando o podcast Tramas Coloniais, Juliana Gobbi Betti (ConJor/UFOP), Ariane Stéfanie da Silva (ConJor/UFOP) e Sabrina Kelly Roza (ConJor/UFOP) constroem uma crítica decolonial, observando o potencial educativo da produção a partir das epistemologias plurais. Dando sequência a pesquisas desenvolvidas anteriormente no grupo, Carlos Jáuregui (ConJor/UFOP) e Luana Viana (ConJor/UFOP/Assembleia Legislativa de Minas Gerais) apresentam caminhos metodológicos para análise de podcasts de true crime a partir de eixos sonoros, dando prioridade para elementos como música, efeitos e silêncio. A pesquisadora Aline Monteiro Homssi (ConJor/UFOP) vincula mais uma vez seus estudos sobre fãs ao universo dos podcasts buscando entender as dinâmicas entre as *hosts* e o público engajado da produção Hodor

Cavalo. O estudo é um dos exemplos do diálogo contínuo estabelecido entre as duas linhas de pesquisa do Grupo ConJor nesses 15 anos de trajetória.

Também dando sequência a um estudo anterior – vinculado a um projeto de pesquisa interinstitucional desenvolvido no Grupo ConJor – Paulo Fernando de Carvalho Lopes (UFPI), Sheila Borges de Oliveira (ConJor/UFPE), Norma Meireles (ConJor/UFPB) e Patrícia Monteiro (UFPB) buscam entender o lugar da metodologia nas pesquisas sobre rádio apresentadas no Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), entre 2000 e 2022. A pesquisa integra um movimento de compreensão dos próprios estudos radiofônicos, que recorre a revisões sistemáticas e à metapesquisa para entender o amadurecimento da área e pensar sobre a trajetória e os caminhos futuros dos estudos radiofônicos brasileiros. Esta preocupação é compartilhada por Izani Mustafá (ConJor/UFMA), Kátia Fraga (ConJor/UFV) e Nayane Cristina Rodrigues de Brito (UFMA) no artigo “Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio”, que encerra este dossiê. Buscando contribuir para a construção de uma historiografia do campo que considera o gênero como categoria de análise, as autoras focam seu texto em mulheres profissionais que contribuíram para a história do rádio brasileiro do final do século 20 e século 21.

Esta é uma edição comemorativa de Radiofonias, que marca a história e a trajetória do grupo ConJor. Por isso, não foram considerados como impedimentos o interstício de publicação da revista Radiofonias ou a exigência de inclusão de doutorandos/as ou doutores/as na equipe de autoria.

Referências

ALVES, João Vitor de Almeida Brito. Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: um estudo de “Caso Evandro”. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

AVELAR, Kamilla Morando. Rádio corporativo: o Branded Content como estratégia de programação. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de

Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair. O branded content como modelo de negócio: o caso da agência Radioweb. REVISTA GEMINIS , v. 10, p. 71-88, 2019.

FREIRE, Marcelo. Análise automatizada de objetos sonoros: caminhos e desafios metodológicos. In.: 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Vitória, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2025.

FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos. Anais... 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville. 2018.

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. Relatos sonoros de um crime: O Caso Evandro pela ótica do True Crime. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 29, n. 1, p. e41123, 2022a. DOI: 10.15448/1980-3729.2022.1.41123. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/41123>. Acesso em: 21 nov. 2025.

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. A análise psicológica no True Crime: um estudo dos podcasts Modus Operandi e Assassinos em Série. Revista Insólita, v. 2, n. 4, p. 27-44, jul./dez. 2022b. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/insolita/article/view/4481>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. In.: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

KOCHHANN, Roscéli. Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2024.

LOPES, Paulo Fernando; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MONTEIRO, Patrícia. Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 14, n. 3, p. 9-39, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. La Trama de la Comunicación, [S. l.], v. 29, n. 01, p. 102 – 136, 2025. DOI: 10.35305/lt.v29i01.893. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/893>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CARNEIRO, Dayana Barboza. Podcast Escute as Mais Velhas: olhares alternativos para a história dos feminismos. In: Encontro Nacional De História Da Mídia, 15, 2025, Mariana (MG), Brasil. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Alcar, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; ROZA, Sabrina; SILVA, Ariane Stefanie da.

Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. *Encuentros Latinoamericanos (segunda época)*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. DOI: 10.59999/el.v9i1.2633. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CORTEZ, Natália; JAUREGUI, Carlos; FREIRE, Marcelo.. Platformed listening in podcasting: an approach from material and scales potentials. *Convergence-The International Journal Of Research Into New Media Technologies*. v.1, p.1 - 18, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina; GAMBARO, Daniel; FREIRE, Marcelo. Binge Listening: Dimensões do consumo de áudio em podcasting. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 14, n. 3, p. 199-226, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina e MONTEIRO HOMSSI, Aline. Cuando se encuentran cultura fan y podcasting: las nuevas relaciones con la audiencia en O Caso Evandro. *Hipertext.net*, (23), 2021. 93-103. <https://doi.org/10.31009/hipertext.net.2021.i23.09>

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019*.

MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar; PRATA, Nair. La radio en busca de su audiencia: hacia una escucha diversificada y multiplataforma. *INTERCOM (SÃO PAULO. IMPRESSO)*, v. 40, p. 109-128, 2017.

OLIVEIRA, Sheila Borges de; LOPEZ, Debora Cristina; MEIRELES, Norma. Memórias sonoras: deslocamentos da vida cotidiana em Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco. *Novos Olhares, São Paulo, Brasil*, v. 12, n. 2, p. 77–89, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2023.217111. Disponível em: <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/view/217111>.. Acesso em: 21 out. 2025.

OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo de. Revirando pelo avesso, a análise de discurso em podcast narrativo de ciência: uma proposta metodológica. 2025. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

PINHEIRO, Elton B. B.; DEL BIANCO, Nelia R. O rádio brasileiro no contexto da plataformização: experiências, impasses e desafios. *Esferas*, v. 1, n. 23, p. 56-83, 1 jul. 2022.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. 2008. 395 f. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PRATA, Nair; MARTINS, Henrique Cordeiro. Brand radio: La segmentación personalizada como modelo de negocio. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, v. 4, p. 77-85, 2017.

QUADROS, Mirian Redin de. O lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas: concessão de voz e critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores. 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Faculdade de Comunicação Social, UFSM, Santa Maria, 2018.

SANTOS, Patrícia Consciente Pereira dos. A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias". 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

VIANA, Luana. Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Insular, 2023.

VIANA, Luana; PERNISA JÚNIOR, Carlos. True Crime em podcasts narrativos: : O uso de formatos complementares ao áudio. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 318–339, 2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27655. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27655. Acesso em: 21 nov. 2025.

Por um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero

Por un periodismo sonoro con perspectiva de género

Towards an audio journalism with a gender perspective

Debora Cristina Lopez

Resumo

Neste artigo, partimos do conceito Jornalismo com perspectiva de gênero para propor a incorporação de características e elementos próprios do objeto sonoro na construção do Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero. De caráter ensaístico e propositivo, a pesquisa considera o gênero como categoria e discute construções discursivas e materialidades próprias do objeto sonoro no jornalismo com perspectiva de gênero.

Palavras-chave: Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero; Estudos radiofônicos; Estudos de gênero; Sonoridades.

Resumen

En este artículo, partimos del concepto de periodismo con perspectiva de género para proponer la incorporación de características y elementos propios del objeto sonoro en la construcción del periodismo sonoro con perspectiva de género. De carácter ensayístico y propositivo, la investigación considera el género como categoría y analiza las construcciones discursivas y las materialidades propias del objeto sonoro en el periodismo con perspectiva de género.

>> Como citar este texto:

LOPEZ, Debora Cristina. Por um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 09-34, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Debora Cristina Lopez
debora.lopez@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professora do PPGCOM e da graduação em Jornalismo (UFOP) e bolsista Produtividade em Pesquisa PQ2 (CNPq). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef). É coordenadora adjunta do GT Estudos Radiofônicos da Compós. Integra o Laboratório de Humanidades Digitais (UFOP), o Coletivo Andorinhas (UFOP), o Observatório Caleidoscópio Sul-Sudeste vinculado ao INCT Caleidoscópio (UnB) e a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC).

Palabras clave: Periodismo sonoro con perspectiva de género; Estudios radiofónicos; Estudios de género; Sonoridades.

Abstract

In this article, we start from the concept of gender-sensitive journalism to propose the incorporation of characteristics and elements specific to sound in the construction of an audio journalism with a gender perspective. Essayistic and propositional in nature, the research considers gender as a category and discusses discursive constructions and materialities specific to audio objects in gender-sensitive journalism.

Keywords: Audio journalism with a gender perspective; Radio studies; Gender studies; Soundscapes.

Introdução

Mataram o rádio. Uma vez. Duas vezes. Incontáveis vezes. Podemos dizer que ele é uma das linguagens mais resilientes que podemos encontrar. Com sua capilaridade, a sonoridade integra-se à comunicação audiovisual e digital. Mas sua representação central, o rádio, segue firme, metamorfoseando-se e reforçando a cada dia seus laços com as práticas comunicacionais contemporâneas. Debora Cristina Lopez (2009) e Nair Prata (2009) já diziam isso no início deste século. Enquanto uma defendia a integração do som nos ambientes digitais, destacando a manutenção da espinha dorsal narrativa sonora, a outra explorava as mutações a partir do conceito de radiomorfose. Em comum, a permanência do rádio como um fenômeno comunicacional e acadêmico que mantinha sua força e a relação estreita com as audiências. As autoras falam, neste período, sobre os novos espaços ocupados pelo rádio e as formas de narrar que vão além do som, apropriando-se das linguagens e dinâmicas de circulação digitais para compor esta metamorfose comunicacional. Caminho similar toma Marcelo Kischinhevsky (2016), ao centralizar o debate nas gramáticas de circulação do rádio em movimentos de expansão a outros territórios.

Neste texto, partimos do cenário da radiomorfose (Prata, 2009),

entendendo que cada mudança na ecologia midiática vai gerar impactos tanto nos meios produtivos quanto nos estudos sobre ele (Cunha, 2021). Ao olhar para os estudos radiofônicos, compreendemos que seu objeto se apresenta complexificado, mas não somente pela tecnologia. Concordamos com Debora Cristina Lopez e Luãn Chagas (2022), quando indicam que a multidimensionalidade do objeto sonoro vai além disso.

Importante demarcar que partimos aqui da compreensão do podcasting como parte do rádio como fenômeno de pesquisa e comunicação. Entendendo-o como linguagem, reconhecemos que não só é tributário, mas integra o som como linguagem e se apropria de modos de contar caracteristicamente radiofônicos. O podcasting se “configura como um fenômeno multifacetado e complexo, que potencializa a experiência radiofônica através da proximidade, do trabalho cuidadoso da narrativa sonora, do diálogo e das dinâmicas de escuta, imbricando-a à onipresença e ao enredamento que marca a comunicação digital” (Lopez, 2024, p. 12).

A consideração da multidimensionalidade e da complexidade do objeto radiofônico – ou sonoro, para aqueles não compreendem o podcasting como parte do rádio – agrega aspectos de mediação, de materialidade, de circulação, de sonoridade, de discursividade, de produção e de consumo. Entendemos que os aspectos da mediação e da materialidade são indissociáveis da própria compreensão do objeto. Os demais aspectos, no entanto, são percebidos mas podem ser acionados ou não na sua descrição ou na percepção de suas especificidades em uma dada pesquisa. Entendemos que as dimensões da circulação e do consumo se aproximam à materialidade e que a discursividade e a produção se aproximam da mediação. Todos estes aspectos, no entanto, condicionam e estão condicionados à sonoridade, elemento chave constituinte do objeto sonoro (Figura 1).

Figura 1 – Aspectos do objeto sonoro



Fonte: elaboração própria

Estes aspectos não são excludentes ou hierarquizáveis, mas complementares e transversais. Desta forma, consideramos que não é possível compreender qualquer um deles isoladamente, mas podemos perceber protagonismos – que podem ser estabelecidos pelos sujeitos da comunicação sonora ou pelos objetivos de um estudo específico. Defendemos ainda que estes aspectos que caracterizam o objeto sonoro sejam sempre observados de maneira contextual, entendendo que as temporalidades e as territorialidades trespassam processos comunicacionais, definindo ações e leituras possíveis dos fenômenos. Podemos aplicar aos objetos sonoros o que dissemos anteriormente sobre o podcast: “[...] não podemos entender o fenômeno do podcasting sem entender sua história e seu presente. E isso implica compreender quem faz, fez ou foi impedido de fazer história nestes espaços e em quais condições isso ocorreu” (Lopez, 2024, p. 14).

Neste debate, concordamos com Rosceli Kochhann (2024b), que apresenta o rádio como um fenômeno multifacetado que tem no som a sua centralidade, mas aciona estratégias parassonoras para alcançar sua potencialidade central, a construção de vínculos e as interações. Para a autora, esses vínculos podem ser potencializados pelas plataformas digitais, mas

ancoram-se fundamentalmente na escuta e no acionamento de “áreas emocionais”, não somente da “área pensante” do ouvinte (Kaplún, 2008), conectando-se às vivências afetivas e potencializando a criação de laços.

Para Rosceli Kochhann (2024b, p. 11), “o rádio sempre acompanhou o movimento de uma sociedade em constante transformação”. Defendemos que esta mudança não é exclusivamente tecnológica, mas atende a movimentos socioculturais que caracterizam a sociedade em cada tempo histórico. Desta forma, os estudos que endereçam os aspectos constitutivos do objeto sonoro devem considerar esses contextos transformadores, como as categorias de gênero, raça, território, corporeidades, entre outras. Isso não significa dizer que defendemos que **toda** a pesquisa sobre estudos radiofônicos desenvolvida contemporaneamente centre seu olhar em questões do campo do sensível, mas sim que estes temas **precisam** ser considerados como contexto do fenômeno. Isso se deve a uma crença na indissociabilidade da técnica, da ética e da estética na constituição de fenômenos comunicacionais alocados temporalmente.

Entendemos que os aspectos delimitação da multidimensionalidade do objeto sonoro (circulação, materialidade, sonoridade, discursividade, produção e consumo) permitem compreender os eixos de construção de abordagens metodológicas para análise de som que indicamos: a) o som como guia da experiência; b) a observação dos elementos sonoros e parasonoros; c) a articulação contextual do objeto radiofônico; d) as tecnologias e suas apropriações nas práticas radiofônicas.

Considerando o som como base identificadora da comunicação radiofônica, iremos tomá-la como ponto de partida e centralidade, articulando seus acionamentos com as demais variáveis. Acionamos Roscéli Kochhann (2024a) uma vez mais, organizando nosso debate a partir do microssistema sonoro e apropriando-nos do microssistema parassonoro como complementar, no caso de objetos de circulação digital.

Figura 2 - Representação visual de elementos constituintes de microssistemas sonoros e parassonoros



Fonte: Kochhann, 2024a, p. 203

A autora defende que os elementos integrantes dos microssistemas sonoro e parassonoro são regularmente identificados em objetos radiofônicos e, por isso, constitutivos do próprio fenômeno, sendo acionados em maior ou menor complexidade de acordo com a orientação da pesquisa ou com a natureza do objeto. Nesta proposta, vamos nos concentrar no microssistema sonoro, formado pelos elementos constitutivos da linguagem radiofônica (Kaplún, 2017 [1978]) organizados em um sistema semiótico (Balsebre, 1994) que permite entender reconstituições de sentido a partir de articulações acústicas.

Carmen Lúcia José (2007) já revelava, na primeira década deste século, que a academia olhava de maneira muito modesta para a sonoridade e à oralidade priorizando, segundo o seu diagnóstico, “dois aspectos: 1. da compreensão da composição por parte da recepção e/ou 2. dos efeitos da composição sobre a audiência” (José, 2007, p. 179). As sonoridades, em uma perspectiva complexa, não devem estar restritas às verbalizações da palavra

escrita ou sobrepostas pelo microssistema parassonoro. É momento de dar um “passo atrás”, buscando voltar a escutar o fenômeno radiofônico, não só ouvi-lo (Meditsch e Betti, 2019), não só vê-lo em suas outras manifestações midiáticas.

Mozahir Salomão (2004) falava em uma fragilização do ouvir e clamava por uma reeducação para o ouvir, com caráter pedagógico que leva a reposicionamento do indivíduo frente à informação sonora. Acionando a pesquisadora alemã Hildegard Westerkamp alerta que “a maioria de nós vem sendo condicionada (...) a ignorar o ambiente sonoro, incluindo o rádio” (*apud* Salomão, 2004, p. 2). Quase 20 anos depois, podemos dizer que identificamos complexificações sonoras nas produções brasileiras, especialmente nos podcasts narrativos e ficcionais (Viana, 2023; Alves, 2021; Santos, 2022; Silva e Maia, 2025), mas o rádio de antena ainda vive um cenário de empobrecimento acústico, com predominância do rádio falado.

“O mundano, pobre e restrito universo da palavra expulsou do rádio a força sônica da trilha sonora, dos efeitos especiais... o poder que o rádio teve de tocar a memória e a imaginação do ouvinte pela sensorialidade se enfraquece diante de um mundo tomado pela imagem e cada vez mais deseducado para a escuta” (Salomão, 2004, p. 7). Ainda que haja certa dramaticidade na fala do pesquisador, sua análise sobre as perdas da composição estética do rádio brasileiro pode ser pensada ainda hoje. Não podemos dizer que a causa seja exclusivamente um mundo tomado pela imagem. A fragilização atinge o posicionamento do rádio no mercado de comunicação. Com menor fatia do bolo publicitário e sofrendo para conseguir novas formas de financiamento, o investimento nas redações diminuiu e levou à precarização das condições de trabalho. A formação de profissionais “para o mercado”, com menor investimento em experimentações narrativas e sonoras também cobra seu preço a médio e longo prazo.

O chamado é amplo. Como defendia Carmen Lúcia José (2007), devemos “desencaixotar” pesquisas que consideram a centralidade das sonoridades e oralidades nos estudos radiofônicos. Devemos pensar a prática jornalística em diálogo com Paulo Freire, como defende Eduardo Meditsch (2012), observando o

mundo a partir da perspectiva da transformação, entendendo o jornalismo como prática emancipatória e o seu ensino como uma responsabilidade crítica e coletiva. Desta forma, o ensino de rádio tem a responsabilidade também de retomar a escuta (em todas as suas dimensões), de pensar como é possível contribuir para a transformação através do estabelecimento dos vínculos, que no rádio são construídos, em grande medida, a partir da (re)composição sonora (Kaplún, 2008).

Atendemos ao chamado na reflexão sobre os fazeres científicos e metodológicos sobre rádio e mídia sonora a partir da dimensão sonora. Para entender o lugar do microssistema sonoro na comunicação radiofônica, acionamos o conceito de autoria apresentado por Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2019) a partir de J. Martin Daughtry. Isso significa dizer que a auditoria se constrói a partir de uma perspectiva ativa, reflexiva, demandando uma postura de escuta. Buscamos, então, compreender o som, não simplesmente ouvi-lo, abstraindo, construindo e deduzindo, como defendem os autores. Ancorados nos aspectos auditáveis do som como técnica de observação, defendemos o foco em elementos não-verbais, sejam eles os silêncios, as trilhas, os efeitos, o som ambiente, a voz (não restrita à palavra) e, especialmente, suas articulações na composição de cenas, ambientes, sensações e paisagens sonoras.

Como defendem Carlos Jáuregui e Debora Cristina Lopez (2021), os sons (no caso dos autores materializados em sonificações de dados) têm potencial de acionar gatilhos emocionais e de ampliar a proximidade e a imersividade das produções. Isso ocorre especialmente a partir do que Eduardo Meditsch (2001) chama de propriedades físicas do som: amplitude, frequência ou tom, timbre e curva dinâmica. A partir das duas primeiras é possível identificar intensidade, volume e altura do som. Pela sua combinação pode-se perceber a identidade do som e pela curva dinâmica é possível relacionar variáveis de amplitude ou velocidade do som. O autor propõe associar essas categorias aos estudos musicais, acionando tempo ou andamento, melodia e ritmo para entender a

relação entre os sons. Desta forma, seria possível inferir sentidos sonoramente inscritos na construção sonora da peça.

Debora Cristina Lopez e Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2024), ao pensar uma metodologia de análise do discurso aplicada à mensagem sonora, propõem associar esses dois grupos de categorias à corporeidade da voz (Spritzer, 2005), aos demais elementos da linguagem sonora (Balsebre, 1994) e às estratégias de montagem (Kaplún, 2017 [1978]). Podemos dizer que os autores apresentam a montagem como elemento central de uma análise de sonoridades ao buscar sentidos inscritos na articulação não só entre as categorias apresentadas, mas especialmente entre os sons. Então, o encadeamento, a interrupção, o prolongamento, a aceleração, a sobreposição de sons, quando pensada a partir de contextos discursivo, de acontecimento e sociocultural permite construir e perceber mensagens e vínculos na mensagem sonora.

A questão de gênero nos estudos radiofônicos

O debate sobre gênero no jornalismo sonoro gira prioritariamente em torno da voz. Seja a voz figurativa, que representa o direito à fala, a garantia da escuta e o reconhecimento da argumentação, seja a voz literal, com suas corporeidades, seu espaço na transmissão e nos processos de produção, a credibilidade na fala, a voz está sempre relacionada com o poder sobre si, sobre suas decisões e sobre sua colocação no mundo. No rádio, as disputas e negociações têm relação estreita com a voz e com a fala. Como lembra Mirna Spritzer (2005), é pela voz que a pessoa se personifica no rádio, que se demarcam suas identidades, suas interações e suas representações.

Nos estudos radiofônicos brasileiros, os debates sobre o gênero ampliaram-se na última década, especialmente a partir do início do projeto de pesquisa coletivo “A história das mulheres no rádio do Brasil - revisão do relato histórico.”, coordenado por Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto - como apresentado em Betti e Zuculoto (2021) - e que mobiliza integrantes de diversas regiões brasileiras em um esforço para registrar e reconhecer a presença das

mulheres na história do rádio no país. Partindo do gênero como categoria analítica (Scott, 1995), as autoras não buscam construir uma história das mulheres no rádio, mas rever certezas históricas, corrigindo apagamentos e silenciamentos do protagonismo feminino na história do rádio. A ideia é fugir ao paradigma do homem como sujeito universal e, portanto, sujeito da história, que relega as mulheres: a) a um papel coadjuvante, de apoio às ações e conquistas masculinas; b) a um contexto de tokenização¹, em que a presença de uma mulher é utilizada como argumento para negar a perspectiva universalizante do homem como protagonista; c) ao desenvolvimento de uma história das mulheres no rádio paralela à história do meio, escrita por e sobre homens, que manteria seu caráter canônico.

Ancoradas na obra de Constância Duarte, a pesquisa de Raphaela Ferro e Valci Zuculoto (2025) explicam que existe um memoricídio na história do rádio brasileiro, levando a um apagamento cultural das mulheres. Seria um “processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história, pois, ao eliminar a memória de luta e resistência ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade às pioneiras” (Duarte *apud* Ferro e Zuculoto, 2025, p. 2).

Entendemos a existência deste silenciamento também na pesquisa. Consideramos, a partir de estudos anteriores (Lopez *et al.*, 2024; Lopez, Betti e Freire, 2025; Lopez *et al.*, 2025) que, ainda que sejam predominantes nos cargos de gestão e sejam maioria, são menos reconhecidas como produtoras de conhecimento. Seus textos são menos referenciados, alcançam com mais dificuldade os postos mais altos da gestão acadêmica. Ao analisarem as pessoas mais referenciadas em textos do GT História da Mídia Sonora da Alcar,

¹ “Os tokens são descritos como não apenas pessoas “desviantes” ou que se diferem do grupo, mas pessoas identificadas pelas características atribuídas, como gênero e raça, que carregam pressupostos sobre sua cultura, status e comportamento por parte dos dominantes. Nestes grupos, existem três fenômenos associados aos tokens: (i) a visibilidade, em que eles obtêm uma parcela desproporcional de atenção e que gera pressões sobre o desempenho; (ii) a polarização, em que as diferenças entre tokens e dominantes é exagerada e que gera maiores limites por parte dos dominantes; e (iii) a assimilação, em que os atributos dos tokens são distorcidos para se encaixarem em generalizações pré-existentes do seu grupo e que gera o confinamento dos tokens em papéis pré-concebidos” (Trindade, 2025, p. 28).

Juliana Gobbi Betti, Debora Cristina Lopez, Marcelo Freire e Livia Gariglio (2024) concluíram que há uma pulverização de referências a homens e uma concentração de referências a mulheres. Isto é, poucas mulheres são autorizadas ao reconhecimento como fonte no campo, enquanto o reconhecimento aos autores homens é quase compulsório, sem precisar ser conquistado. As mulheres presentes na lista de autorias mais referenciadas são ou ex-coordenadoras de grupos ou pioneiras em suas áreas, o que lhes atribuiria validade e autoridade. Então, apresentam alta concentração de citações. Já entre os homens, ainda que os mais referenciados também sejam os ex-coordenadores, percebe-se maior diversidade de sujeitos e distribuição mais equilibradas das referências.

Uma visão compartilhada por todos os textos que analisam a questão de gênero nos estudos radiofônicos brasileiros é de que não se trata de uma representação de fragilidade acadêmica e baixa autoridade construída deliberadamente, mas que é naturalizada, vinculada a uma estrutura centrada no machismo estrutural e na depreciação da capacidade reflexiva das mulheres. “O movimento de questionar as práticas de pesquisa, os modos e processos do fazer científico e de rever epistemologias consolidadas historicamente está diretamente relacionado à maturidade do campo de conhecimento” (Lopez *et al.*, 2025, p. 178). As autoras lembram que nos estudos radiofônicos brasileiros este é um esforço coletivo que, embora já tenha se iniciado, demanda uma racionalização do ponto de vista em relação ao meio, à sua história, ao seu ensino e aos seus modos de fazer. Lopez *et al.* (2025) defendem que esta mudança de postura diz respeito não só ao gênero, mas às interseccionalidades, e apontam as epistemologias plurais como um caminho a seguir.

Esta perspectiva estruturalmente misógina e racista repercute também nas práticas de ensino, muitas vezes sem que percebamos que as replicamos. No Brasil, ensino e pesquisa são integrados, desenvolvidos pelos mesmos sujeitos das universidades. Compreende-se que as pessoas que hoje participam dos grupos de pesquisa de rádio nas associações são as que ensinam rádio nos

bancos escolares. E são os estudantes de pós-graduação que hoje participam destes mesmos fóruns de debates que, com o passar dos anos, ocuparão espaços nas redações e nas universidades. Se seu processo formativo é construído a partir de referências universalistas, elaboradas a partir de um ponto de vista masculino, cisheteronormativo, branco e elitista, é deste lugar que se elaborarão suas premissas sobre o fazer jornalístico e o fazer radiofônico.

Uma formação em rádio – e radiojornalismo – conectada com os debates e preocupações do mundo contemporâneo aciona autorias e vozes diversas, temáticas plurais, questiona abordagens estereotipadas ou que naturalizam violências. Devemos, nos nossos planos de curso de mídia sonora, acionar pesquisadoras mulheres, de identidade de gênero distintas, de etnias variadas. Esta preocupação com a diversidade não é um formalismo, mas representa a compreensão de que a universidade se estabeleceu historicamente como um espaço ocupado por grupos específicos, que construíram processos de subalternização e que, como lembra Cida Bento (2022), reiteram um pacto narcísico de manutenção dos seus iguais nos espaços de poder. Somente a partir da escuta do outro, do reconhecimento dos privilégios e da busca por outros sujeitos e outros pontos de vista será possível pensar um rádio – e um ensino de rádio – que rompa silêncios e silenciamentos, como defende Alice Andrade (2025a).

Buscamos estabelecer um diálogo entre a questão de gênero e perspectivas interseccionais (Collins e Binge, 2021; Carrera, 2021) que reconheçam as diversas avenidas de opressão (Akotirene, 2019) que agem sobre os sujeitos para discutir alternativas ao epistemicídio que, para Sueli Carneiro (2005), materializa o apagamento de saberes de sujeitos subalternizados. Concordamos com Alice Andrade (2025b), que apresenta a escuta como um ato político e antirracista. “Escutar, em uma lógica decolonial, é reconhecer vozes historicamente silenciadas e disputar os modos de produção de memória e conhecimento” (Andrade, 2025b, p. 11). É preciso, como lembra a autora, construir perspectivas teórico-metodológicas que valorizem as oralidades e que

considerem outras formas de narrar, não necessariamente vinculadas a lógicas hegemônicas de produção.

Considerar outros corpos e outras vozes como protagonistas dos processos comunicativos significa expressar práticas sociais que não silenciem sujeitos subalternizados e reconheçam que processos de desumanização e de colonialidade ainda são parte do rádio – e dos estudos radiofônicos – brasileiro. É preciso expandir o questionamento sobre as práticas e escutas para o ensino, acionando autoras e autores negros, indígenas e amarelos; considerando outras formas de pensar o som e seu lugar na cultura brasileira a partir de sua raiz amefricana (Lopez e Carneiro, 2025; Gonzalez, 2021); apresentando sonoridades e vozes diversas como referências de produção e discutindo angulações, valores notícia e fontes constituídas a partir de lugares hegemônicos no ensino de rádio.

“Na perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), não basta incluir negros nos espaços acadêmicos, é preciso incluir os saberes negros – e isso também vale para as pesquisas no campo radiofônico” (Andrade, 2025b, p. 22). O tensionamento de certezas históricas, epistemológicas e técnicas do rádio e do radiojornalismo permite uma integração à perspectiva emancipatória e problematizadora proposta por Kaplún (2017 [1978]).

Compreendemos o ensino de rádio como um fenômeno a ser observado em perspectiva contextualizada, ancorados na abordagem de Kaplún (2017 [1978]), que há quase 50 anos já defendia que “era prioritário estimular a capacidade de olhar a realidade além das aparências”, buscando despertar “consciência crítica” (Magnoni, Villegas Uribe e Betti, 2013, p. 6). Ao construirmos um debate ancorado na categoria gênero (Scott, 1995), propomos uma aproximação à tomada de posição no jornalismo, alinhando-nos à proposta do jornalismo com perspectiva de gênero, tensionando valores fundamentais do campo, como a objetividade, em prol de uma mudança de olhar em relação à profissão, à sua organização e às suas formas de narrar (Gustafson e Bertasso, 2024).

Jornalismo com perspectiva de gênero

O Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima, 2022) indica que 57,8% das redações são compostas por mulheres, 41,9% por homens e 0,3% por outros gêneros. “Contudo, se a profissão continua majoritariamente feminina, a participação de mulheres se reduziu em seis pontos em comparação ao estudo anterior (64%): a presença masculina cresceu de 36% para 42%” (Lima, 2022, p. 207). Em relação à raça, predominam as pessoas brancas (67,8%), seguidas de pardas (20,6%), pretas (9,3%), amarelas (1,3%), indígenas (0,4%) e outras (0,5%).

Ainda que quantitativamente sejam maioria, Márcia Veiga da Silva (2014) é categórica ao afirmar que o jornalismo brasileiro é masculino. Segundo a autora, as redações ainda reproduzem relações de gênero e de poder que caracterizam a cultura em que se inserem e o mercado de trabalho. “[...] o sistema patriarcal-capitalista transforma a mulher numa produtora e reprodutora socialmente controlada, explorando o seu trabalho assalariado e não assalariado” (Saffioti, 1987, p. 38). As duas pesquisas refletem a desigualdade nas redações, mas sob pontos de vista distintos. A Women and Leadership in the News Media 2025 indica que mulheres jornalistas recebem em média 5,7% menos que homens. Embora o Perfil do Jornalista Brasileiro diga que “elas são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos” (2022, p. 22), não questiona o contexto destes dados ou porque isso ocorre. Simplesmente aponta a feminização das redações como um vetor de precarização do jornalismo, sem questionar problemas estruturais e misoginia, fazendo recair sobre a mulher, mesmo que inconscientemente, a causa da precarização.

As oportunidades nas redações diferem entre gêneros, assim como a presença de mulheres em cargos de poder, muitas vezes pelo não reconhecimento de sua capacidade de liderança. De acordo com a pesquisa Women and Leadership in the News Media 2025, somente 21% das mulheres atuam em cargos de gestão no trabalho editorial, mesmo que elas sejam maioria. Como lembra Biroli (2015), a posição ocupada pelos sujeitos nas relações de

poder é fundamental para sua capacidade de definir sobre sua própria vida e de acessar recursos para sua atuação. No jornalismo, isso inclui sua percepção sobre as possibilidades de tensionamento de modos de fazer canônicos, estabelecidos historicamente e ancorados nas redações masculinizadas de que fala Veiga da Silva (2014).

O jornalismo com perspectiva de gênero é “aquele que pauta desigualdades de poder vinculadas aos papéis de gênero, permeado na transversalidade e com uma própria ótica de cobertura jornalística” (Miguel e Ávila dos Santos, 2022, p. 173). Como dissemos em relação à história, isso não significa ficar limitado a coberturas de “temas femininos” ou sobre violências contra mulheres. Pautar desigualdades é um ponto de vista e permeia toda a cobertura jornalística, lançando um olhar crítico para a sociedade e buscando compreender como se manifestam essas relações de poder. Busca-se, então, como lembram as autoras, um deslocamento dos posicionamentos hegemônicos ao observar papéis de gênero nas coberturas jornalísticas.

Pensar o jornalismo com perspectiva de gênero e não o jornalismo feminino permite realizar este deslocamento, trabalhando com representações e disputas de poder de maneira transversal. Desta forma, a cobertura não trata de temas delimitados – muitas vezes a partir de uma cultura ou um olhar masculino – como femininos, mas olha para o mundo a partir com um ponto de vista feminista e interseccional. Miguel e Ávila Santos (2022) defendem, então, que o jornalismo com perspectiva de gênero pauta desigualdades de poder e papéis de gênero construindo uma transversalidade na cobertura jornalística que busca trabalhar pela equidade de gênero revelando, deliberada e politicamente, a subordinação feminina na sociedade.

Jaqueline Andriolli Silva e Karina Janz Woitowicz (2024) discutem o jornalismo a partir da colonialidade, defendendo, a partir de Moraes e Veiga da Silva, que são “resultado da colonização dos povos, no contexto brasileiro, do falso discurso da modernidade, além de ser machista, racista, branco, heterossexual e classista” (2024, p. 92). Partindo desta premissa, defendem um

tensionamento das certezas canônicas inscritas nos conceitos de objetividade, neutralidade e imparcialidade. Para as autoras, não se tratam somente de objetivos inatingíveis, mas de mecanismos de legitimação da exclusão. A objetividade, por exemplo, ancora-se em padrões universalizantes que se constituem como subjetividades de grupos dominantes que foram impostos socialmente como objetivos. A partir de Danna Haraway (1995), as autoras retomam o conceito de objetividade corporificada, que defende que conhecimento e objetividade não são neutros, mas influenciado pelo lugar social dos sujeitos. “Em vez de buscar uma visão objetiva e distanciada, Haraway propõe que o conhecimento deve reconhecer suas raízes corporificadas, ou seja, é moldado por fatores como gênero, raça, classe e contexto histórico” (Silva e Woitowicz, 2024, p. 91).

Consideramos neste texto que os sujeitos são políticos e que o jornalismo e a comunicação são atos políticos. Desta forma, o ativismo está inscrito nas práticas cotidianas da comunicação. O processo educativo que se movimenta, como dissemos anteriormente, “o da teoria-prática-teoria ou o da prática-teoria-prática” (Freire & Betto apud Meditsch, 2021, p. 105) impede um posicionamento supostamente objetivo, imbricando-se em experiências de mundo ao construir o jornalismo. O “[...] fazer e o pensar sobre o pensar e sobre o fazer” que Paulo Freire (1996, p. 58) defendeu demanda uma compreensão do caráter político da sociedade, da educação e do jornalismo.

Atendo ao que propôs Eduardo Meditsch (2021) e busco um reencontro da Comunicação com Paulo Freire, mas não somente nos bancos universitários. Entendo o jornalismo com perspectiva de gênero e o questionamento de conceitos canônicos da prática jornalística como o pensar sobre o pensar e sobre o fazer, como uma revisão de diretrizes que nos orientaram por anos – com debates e questionamentos – e que, se olhadas com ponto de vista dialético, perdem seu sentido.

Então, a defesa do jornalismo construído a partir de um ponto de vista pode se ancorar na compreensão dos saberes localizados apresentados por

Haraway (1995) quando fala da objetividade corporificada. “Questionar os já questionados fundamentos do jornalismo a partir de uma perspectiva de gênero significa a possibilidade de mudar o olhar sobre a profissão e redefinir suas técnicas e objetivos” (Gustafson e Bertasso, 2024, p. 174). Isso significa dizer que ainda que a feminização das redações (apresentada como um problema vinculado à precarização no Perfil do Jornalista Brasileiro) seja importante, ela não basta. É preciso pensar na organização das redações, nas disputas internas de poder, nas pressões organizacionais, nas delimitações editoriais. E é preciso mudar os modos de fazer do jornalismo, pensando a definição da notícia e sua hierarquização, a circulação de conteúdo, a seleção e o contato com as fontes e a formas de narrar a partir do gênero.

Isabella Bergo Costa (2022) defende a confrontação da matriz de poder eurocêntrica de produção do jornalismo, orientando-se por um jornalismo decolonial que subverta práticas comunicacionais hegemônicas. Em um caminho próximo, Jaqueline Andriolli Silva e Karina Janz Woitowicz (2024) acionam o enquadramento como uma estratégia de construção de um jornalismo com perspectiva de gênero, revelando possibilidades de um fazer feminista interseccional ancorado “na diversificação de fontes, na problematização da temática ou no uso da linguagem” (p. 96). Entendemos, concordando com o que apontam Barbara Maria Popadiuk e Karina Janz Woitowicz (2021), que o jornalismo com perspectiva de gênero é tanto uma nova categoria de análise quanto uma maneira inovadora de interpretar a realidade, questionando práticas cristalizadas no campo jornalístico. Buscaremos, nesta proposta, pensar como ele se inscreve nos estudos radiofônico, especificamente a partir das sonoridades.

Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero

A percepção da importância de pensar um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero surgiu ao desenvolver artigos que analisavam produções especiais em podcast sobre aborto. Na primeira delas, o artigo “Jornalismo com

perspectiva de gênero no podcast Caso das 10 mil”, escrito em coautoria com Giovanna Fuccio e Karlo Rodrigues, iniciamos o debate sobre esse modo de fazer que tensiona práticas canônicas do jornalismo. Nele, exploramos questões vinculadas ao fazer, como a seleção e tratamento das fontes, o acionamento de depoimentos e histórias de vida, a angulação da produção, o endereçamento dos direitos reprodutivos buscando fugir de narrativas hegemônicas, estereotipantes e subalternizantes. Ao construir uma análise descritiva, endereçamos o debate sonoro a três eixos: dramaticidade, uso de trilhas e entonações.

Buscando articular descrições verbo-textuais e contextos informativos com a entonação e o acionamento emocional inscrito na voz, especialmente a partir das locuções, apresentamos o “Caso das 10 mil” como uma produção que busca subverter lógicas androcêntricas através da centralidade de depoimentos, informações e análises apresentadas em vozes femininas e, acionando o contexto, das contradições do sistema jurídico-patriarcal. Entendemos que a montagem (Kaplún, 2017 [1978]) foi apropriada na produção como estratégia para evidenciar “como mecanismos aparentemente neutros de produção midiática podem reproduzir desigualdades de gênero” (Lopez, Fuccio e Rodrigues, 2025, p. 15). Essa demonstração surge, por exemplo, no acionamento de entonações e na constituição de corporeidades vocais que geram uma ampliação ou estreitamento da relação entre quem fala e quem escuta ou ainda atribuem protagonismo a uma voz da narrativa. Os aspectos auditáveis do som permitem perceber sentidos inscritos e ressignificar o lugar de sujeitos no acontecimento ou na narrativa, especialmente quando construídas com o propósito de tensionar narrativas e modos de fazer hegemônicos e desnaturalizar hierarquias sociais que subjagam mulheres ou grupos minorizados.

Demonstramos também como a dramaticidade não reativizadora se constrói no discurso sonoro a partir das trilhas sonoras. As histórias articulam-se com o contexto, tensionando relações políticas, sociais, religiosas e legais em busca de uma complexificação narrativa. Acusticamente, a narração

deliberadamente dialogal e o uso de depoimentos nas vozes das jornalistas que produziram a série atribuem uma mínima sensação de leveza aos casos que, associados a trilhas sonoras específicos, conduzem a tensão narrativa.

A articulação entre os sons de frequência mais baixa como fundo para os offs e a montagem que articula silêncios para a criação de expectativa narrativa e o crescendo musical para demarcar pontos de tensão ou suspense são estratégias da montagem para criar um ambiente mais imersivo e gerar identificação emocional (Lopez, Fuccio e Rodrigues, 2025, p. 13).

A trilha assume papel de organizadora da narrativa e demarca mudanças sensoriais na relação das histórias contadas com seu contexto e serve também como explicitação de uma tomada de posição em relação ao tema. Em outro artigo escrito sobre a série especial “Sala de Espera”, que trata de serviços de aborto legal e direitos reprodutivos no Brasil, Debora Cristina Lopez e Gabriely Lemos (mimeo, p. 13) demonstram: “O ambiente sonoro criado pelos sons agudos revela a tensão vivida pelas mulheres e também, a partir da articulação com o baixo que volta a soar nos minutos seguintes, demarca a busca pela garantia de direitos dessas pessoas”.

A montagem, a trilha sonora, a corporeidade vocal materializada na narração demarcam o ponto de vista de gênero a partir de um posicionamento vocal por vezes firme, por vezes dialogal. “As variações de ritmo, de timbre e de tom e sua articulação com a apresentação de trilhas, sons ambientes e falas das fontes buscam garantir uma não revitimização dos sujeitos” (Lopez e Lemos, mimeo, p. 15). O ponto de vista sobre o acontecimento, a tomada de posição que marca o jornalismo com perspectiva de gênero e a preocupação com a transversalidade (Miguel e Ávila dos Santos, 2022) das disputas de poder e com a matriz interseccional de construção narrativa reiteram-se a partir do som. Partindo o olhar de Barbara Maria Popadiuk e Karina Janz Woitowicz (2021), defendemos que o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero propicia não somente novas formas de ver, mas também de escutar o mundo.

Consideramos a escuta aqui como um gesto de reparação, alinhada com a escuta decolonial apresentada por Alice Andrade (2025b). Esta escuta, defende

a autora, é capaz valorizar vozes que produzem percepções e sentidos diversos sobre o mundo. “Incorporar essas vozes como protagonistas da notícia, e não como objeto, exige uma revisão ética, estética e política das práticas jornalísticas” (Andrade, 2025b, p. 23). As reflexões da pesquisa, ancoradas nas questões étnico-raciais, são apropriadas aqui na materialização de um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero que, como indicado antes, não pense exclusivamente no gênero. Este movimento seria impossível, já que se trata de uma proposta contextualizada e que busca compreender os fenômenos e acontecimentos a partir de uma complexificação ancorada em relações de poder e desigualdades. Desconsiderar as avenidas de opressão (Akotirene, 2019) ou as hastes interseccionais (Carrera, 2021) e como se materializam nas práticas jornalísticas seria pensar um jornalismo que não considera a plenitude das relações de gênero ao tensionar e questionar posicionamentos hegemônicos no jornalismo.

Conclusões

A reflexão sobre o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero nasce do diálogo com pessoas pesquisadoras e da observação do mundo, dos fenômenos e dos objetos de estudo. Ele nasce de uma virada de chave, de um deslocamento epistemológico que não permite mais olhar para a técnica da comunicação sonora a partir de um ponto de vista singular.

A proposta aparece pela primeira vez em dois textos escritos em colaboração com mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Giovanna Fuccio e Karlo Rodrigues, e com a graduanda em Jornalismo (e mestra em Artes) da UFOP, Gabriely Lemos, mas ancora-se no conceito de epistemologias plurais para os estudos radiofônicos, desenvolvida com Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire.

Defendemos, então, que o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero assuma e complexifique as características que Caher e Santoro (2007) apresentam como fundamentais, como a adoção de fontes que tensionem o ponto de vista masculino do jornalismo (Veiga da Silva, 2014); o cuidado com a linguagem, seja na negativa da universalização do masculino, seja

no cuidado discursivo com a representação dos sujeitos, especialmente os que estão em situação de vulnerabilidade; a construção imagética (visual, verbo-textual ou sonora) crítica dos acontecimentos; e, a partir disso, o desenho de um posicionamento editorial crítico, contextualizado e que busque a equidade (Lopez e Lemos, mimeo, p. 15).

A proposta também não pode ser visto como consolidada ou finalizada, mas aponta para uma construção sonora crítica, contextual, antirracista, feminista e ativista que considere o som como protagonista da narrativa e mobilizador social. Tensiona o conceito de jornalismo com perspectiva de gênero, que vem de outras pessoas autoras do campo da comunicação, a partir das características do objeto sonoro, entendendo suas características essenciais. Precisa ser endereçado, nas aplicações possíveis a objetos sonoros, a partir da interseccionalidade, tensionado a partir de outros olhares e outras compreensões de gênero. Mas ele abre caminhos para pensarmos o som e suas especificidades ao tratar das experiências, dos sujeitos, ao pautar temas sensíveis. Busca ainda discutir uma necessidade de uma construção da comunicação sonora a partir do sujeito, retomando a ida a campo, o diálogo com as fontes, a observação e a escuta do mundo, ressensibilizando-nos na construção da informação sonora.

Defender esse jornalismo sonoro com perspectiva de gênero passa inicialmente por questionar processos consolidados no cotidiano do jornalismo, mas não se encerra numa proposição única. Isso porque não se pode dizer apenas que o jornalismo deve passar a ser feito desta forma, com um olhar mais atento ao gênero. Como todo conceito ancorado na ideia de transformação social, o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero não se encerra em si mesmo como uma proposta para o exercício profissional, para a pesquisa ou para a docência, mas se desenvolve de forma espiralar na medida e no ponto em que cada um destes espaços se conecta. Desta forma, o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero, ainda que se materialize na prática comunicacional, se nutre na docência que, por sua vez, se torna mais crítica a partir da reflexão científica sobre a prática.

Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen Editorial, 2019.

ALVES, João Vitor De Almeida Brito. Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: um estudo de “Caso Evandro”. (Dissertação de Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021. 100 f.

ANDRADE, Alice. Por Um Rádio Que Rompa Silêncios E Silenciamentos: referenciais epistemológicos de raça e gênero para pensar o jornalismo sonoro. In: Anais do 34º Encontro Anual da Compós, Curitiba, 2025a.

ANDRADE, Alice Oliveira de. Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 16, n. 1, p. 08-36, 16 set. 2025b.

BALSEBRE, Armand. El lenguaje radiofónico. Madrid: Cátedra, 1994.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

BETTI, Juliana Gobbi; LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo; GARIGLIO, Livia. Mulheres na pesquisa em história da mídia sonora: um olhar bibliométrico para os estudos radiofônicos. In.: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Balneário Camboriú, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13, 2021, Juiz de Fora (MG), Brasil. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Alcar, 2021.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Feminismo e política: uma introdução. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 20 out. 2025.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. Liinc Em Revista, v. 17, n. 2, e5715, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Isabela Bergo. Coletivos Feministas no Instagram: Análise do Feminacida (Argentina) e do Portal Catarinas (Brasil). (Dissertação de Mestrado), Universidade de São Paulo, 2022.

CUNHA, Máгда. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 12, n. 2, p. 30-46, 19 nov. 2021.

FERRO, Raphaela; ZUCULOTO, Valci. Memoricídio e história do rádio no Brasil: vestígios do apagamento cultural de mulheres. In: Anais do 34º Encontro Anual da Compós, Curitiba, 2025.

FREIRE, Marcelo. Análise automatizada de objetos sonoros: caminhos e desafios metodológicos. In.: 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Vitória, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaio, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GUSTAFSON, Jessica; BERTASSO, Daiane. Objetividade jornalística e perspectiva de gênero: tensões e deslocamentos. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 1, p. 171–196, 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p171-196. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/202985..> Acesso em: 17 out. 2025.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n.5, Campinas: Unicamp, 1995.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. In.: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. Revista Ghrebh-, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 176-195, 2007

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (Org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol 2. Florianópolis: Insular, 2008.

KAPLÚN, Mario. Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e Mídias Sociais: Mediações e Interações Radiofônicas em Plataformas Digitais de Comunicação. Rio de Janeiro: MauadX, 2016

KOCHHANN, Roscéli. Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2024a.

KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 15, n. 3, p. 06-21, 27 dez. 2024b.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord.). Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido. Rio

de Janeiro: MauadX, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. *La Trama de la Comunicación*, [S. l.], v. 29, n. 01, p. 102–136, 2025. DOI: 10.35305/lt.v29i01.893. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/893>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. Análise de referências com apoio em software: uma proposta metodológica para a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: GOBBI, Maria Cristina; MORAIS, Osvando J. de; RENÓ, Denis (org.). *Reflexões e práticas acadêmicas na comunicação latino-americana*. Lisboa: Ria Editorial, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; ROZA, Sabrina; SILVA, Ariane Stefanie da. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. *Encuentros Latinoamericanos (segunda época)*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. DOI: 10.59999/el.v9i1.2633. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CARNEIRO, Dayana Barboza. Podcast Escute as Mais Velhas: olhares alternativos para a história dos feminismos. In: *Encontro Nacional De História Da Mídia*, 15, 2025, Mariana (MG), Brasil. *Anais eletrônicos [...]*. São Paulo: Alcar, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luãn José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. *Esferas*, v. 1, n. 23, p. I-XIII, 1 jul. 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; FUCCIO, Giovanna; RODRIGUES, Karlo. Jornalismo com perspectiva de gênero no podcast Caso das 10 mil. In: 8º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – online, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; LEMOS, Gabriely. Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero: direitos reprodutivos e aborto legal na série “Sala de Espera”. Mimeo.

LOPEZ, Debora Cristina; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo. Análise de discurso sonoro: uma proposta metodológica. In.: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Balneário Camboriú, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024.

MAGNONI, Antonio Francisco; VILLEGAS URIBE, Esmeralda; BETTI, Juliana Gobbi. O ensino do rádio na perspectiva pedagógica de Mario Kaplún. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru, 03 a 05 de julho, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. Extensão ou incomunicação? Para um reencontro com Freire na comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 3, p. 101–116, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i3p101-116. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/187353>. Acesso em: 19 out. 2025.

MEDITSCH, Eduardo. O rádio na era da informação – teoria e técnica do novo

radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função social da Universidade e os obstáculos para sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. Anais 16º SBPJor. Goiânia, 2019.

MIGUEL, Katarini; ÁVILA DOS SANTOS, Letícia. Quando o jornalismo encontra o feminismo. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 21, n. 39, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i39.806. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/806>. Acesso em: 27 out. 2025.

POPADIUK, Barbara Maria; WOITOWICZ, Karina Janz. A perspectiva de gênero e militância nos portais jornalísticos Gênero e Número, Portal Catarinas e Revista Azmina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, Florianópolis, 2021.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. O Poder Do Macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SALOMÃO, Mozahir. Suporte sonoro e as novas mediações. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre, 2004.

SANTOS, Patrícia Consciente Pereira dos. A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias". 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995

SILVA, Jaqueline Andriolli, WOITOWICZ, Karina Janz. Enquadramento no jornalismo feminista: considerações sobre um percurso teórico-metodológico. Mediação. v. 26 n. 37, 2024.

SILVA, Taiane; MAIA, Kênia. A Trilha Sonora da Apuração: metajornalismo como estratégia imersiva no podcast "A mulher da casa abandonada". Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 16, n. 1, p. 148-176, 2025.

SPRITZER, Mirna. O corpo tornando voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, 2005.

TRINDADE, Victória de Moura. Mulheres negras na política: o impacto da representação descritiva na apresentação de proposições e no sucesso legislativo na Câmara dos Deputados. 2025. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

VEIGA DA SILVA, Márcia. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014

VIANA, Luana. Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Insular, 2023.

WOMEN AND leadership in the news media 2025: evidence from 12 markets. Women in News, 2025. Disponível em: <https://womeninnews.org/resource-center/women-and-leadership-in-the-news-media-2025/>. Acesso em: 26 Out. 2025

Podcasts, corpus e temas sensíveis: uma proposta metodológica para capacitismo e feminicídio

Podcasts, corpus and sensitive topics: a methodological proposal for ableism and femicide

Podcasts, corpus and sensitive topics: a methodological proposal for ableism and femicide

Sônia Caldas Pessoa; Lívia Kelly Labanca Ferreira

Resumo

Este artigo objetiva mostrar maneiras possíveis para abordar dois temas sensíveis sociais, cujas leis referentes completam 10 anos em 2025: o capacitismo (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência) e o feminicídio (qualificador de crimes hediondos). E a partir deles, refletir sobre duas instâncias que consideramos fundamentais na segunda era do podcasting (Bonini, 2020), sendo tanto a produção, circulação e escuta, quanto a pesquisa científica voltada para essa mídia. Com base nesse estudo, foram elaborados cinco passos que buscam tratar com cuidado o entrelaçamento desses temas sensíveis. O exercício metodológico foi elaborado considerando fatores como interseccionalidade (Collins, Bilge, 2021), epistemologias plurais (Lopez, Betti e Freire, 2025), acessibilidade comunicativa (Bonito, 2020) e linguagem hospitaleira (Pessoa, 2019).

>> Como citar este texto:

PESSOA, Sônia Caldas; FERREIRA, Lívia Kelly Labanca. Podcasts, corpus e temas sensíveis: uma proposta metodológica para capacitismo e feminicídio. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 35-51, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Sônia Caldas Pessoa
soniacaldaspessoa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1057-8135>

Profa do Depto de Comunicação Social e do PPGCOM da UFMG. Bolsista de Produtividade (CNPQ). Professora visitante Institut Mines-Télécom, França, 2023/2024 (Bolsa Capes-Print). Líder do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências, Coordenadora do Laboratório de Experimentações Sonoras (LES) e da Rádio Terceiro Andar.

Lívia Kelly Labanca Ferreira
liviaklf2022@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-4399-6219>

Mestranda em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG) na linha de pesquisa “Comunicação, Territorialidades e Vulnerabilidades”. Bolsista da agência CAPES e integrante do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências

Palavras-chave: Podcasts; acessibilidade; feminicídio; capacitismo; propostas metodológicas.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo mostrar posibles formas de abordar dos cuestiones sociales sensibles, cuyas leyes relacionadas cumplirán 10 años en 2025: el capacitismo (Ley brasileña para la Inclusión de las Personas con Discapacidad) y el feminicidio (calificador de crímenes atroces). Y a partir de ellos, reflexionar sobre dos instancias que consideramos fundamentales en la segunda era del podcasting (Bonini, 2020), siendo tanto la producción, circulación y escucha, como la investigación científica enfocada en este medio. Con base en este estudio, se desarrollaron cinco pasos que buscan abordar cuidadosamente el entrelazamiento de estos temas sensibles. El ejercicio metodológico se diseñó considerando factores como la interseccionalidad (Collins, Bilge, 2021), las epistemologías plurales (López, Betti y Freire, 2025), la accesibilidad comunicativa (Bonito, 2020) y el lenguaje hospitalario (Pessoa, 2019).

Palabras clave: Pódcasts; accesibilidad; feminicidio; capacitismo; propuestas metodológicas.

Abstract

This article aims to show possible ways to address two sensitive social issues, whose related laws complete 10 years in 2025: ableism (Brazilian Law for the Inclusion of People with Disabilities) and femicide (qualifier of heinous crimes). And from them, reflect on two instances that we consider fundamental in the second era of podcasting (Bonini, 2020), being both production, circulation and listening, as well as scientific research focused on this media. Based on this study, five steps were developed that seek to carefully address the intertwining of these sensitive topics. The methodological exercise was designed considering factors such as intersectionality (Collins, Bilge, 2021), plural epistemologies (Lopez, Betti and Freire, 2025), communicative accessibility (Bonito, 2020) and hospitable language (Pessoa, 2019).

Keywords: Podcasts; accessibility; femicide; ableism; methodological proposals.

Introdução

Nós acionamos dois marcos legislativos para a abordagem de corpus sensível (Pessoa, 2015; 2018) e de temas sensíveis (Emediato, 2023) para

discutirmos, do ponto de vista teórico, sobre podcasts, acessibilidade e feminicídio. Nosso intuito é, a partir de duas noções conceituais que dizem respeito ao campo da sensibilidade, dialogarmos com dados apresentados em pesquisa sobre podcasts, acessibilidades possíveis do ponto de vista da produção, da circulação e da escuta com vistas a contemplar necessidades específicas de pessoas com deficiência e o tratamento do tema feminicídio. A proposta teórico-metodológica compõe um conjunto de pesquisas realizadas pelo Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências, que completa oito anos em 2025, em parceria com o Laboratório de Experimentações Sonoras (LES) e a Rádio Terceiro Andar, web rádio que articula o vínculo extensionista das investigações científicas.

Duas leis brasileiras completam dez anos em 2025: a Lei nº 13.104/2015¹, popularmente conhecida como Lei do Feminicídio, promulgada em 9 de março de 2015 e a Lei nº 13.146², conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, promulgada em 06 de julho de 2015. Ambas foram assinadas pela presidenta Dilma Rousseff. Em 2025 foi também divulgada a pesquisa mais recente realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod). A Podpesquisa visa mapear o cenário de podcasts no Brasil. E 2025 marca os dez anos da segunda era do podcasting, assim nomeado o período que deu início à profissionalização do podcasting pelo professor Tiziano Bonini, da Universidade de Siena, na Itália.

Lei Brasileira de Inclusão: entre o marco legal e o capacitismo

Para compreendermos os atravessamentos entre a promulgação das duas leis e o universo de podcasts e acessibilidades, propomos o percurso que se inicia a seguir. Nosso primeiro passo neste percurso é apresentar a Lei nº 13.146, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI). Reforçamos que a legislação é um dos nossos pontos de partida para a reflexão

¹ Lei completa disponível em: [link](#). Acesso em 25 mai. 2025.

² Lei completa disponível em: [link](#). Acesso em: 25 mai. 2025.

tendo em vista a importância da sua concepção de responsabilidade compartilhada com a sociedade para a proteção e a promoção da igualdade de pessoas com deficiência no exercício de seus direitos.

Exercer a cidadania, em seus diversos aspectos sociais, está diretamente relacionado às condições de acessibilidade e inclusão. O art. 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência dispõe que:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Brasil, 2015, doc. não paginado)

Embora essa seja a concepção da Lei, os pesquisadores Rocha, Freitas e Pereira (2023) questionam essa definição a entendendo como limitada, pois ela não segue o disposto no modelo biopsicossocial da deficiência, posto que não deixa claro que o real impedimento não é da pessoa, e sim da sociedade que não promove um ambiente adaptado, assim criando barreiras para a participação plena de pessoas cidadãs. Pessoa *et al* (2022, p. 47) afirmam que “o problema não são as diferenças, mas as desigualdades e a violação de direitos”, visto que poder viver em uma sociedade inclusiva e com a promoção da acessibilidade é essencial para o exercício da cidadania de pessoas com deficiência.

Acessibilidade, no singular, foi conceituada na legislação brasileira no artigo 3º da lei 13.146, de 6 de julho de 2015, que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência. O termo significa “a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.” (Pessoa *et al*, 2022, p. 60)

Faz-se importante destacar que o tipo de deficiência das pessoas aciona impactos diferentes sobre suas vidas. A exemplo disso tem-se que, como é dito pela pesquisadora Fatine Oliveira, em entrevista para uma publicação científica, se a deficiência não for visível ela tende a ser menos validada socialmente como tal, e logo, fica propensa a ter uma invisibilização maior sobre seus direitos.

A sinalização de lugares acessíveis muitas vezes resume-se apenas a um grupo, no caso os cadeirantes, desconsiderando outros tipos de deficiências. Essa predominância está relacionada a um imaginário social que tende a validar apenas corpos que possuem suas limitações visíveis, prejudicando assim a compreensão de que acessibilidade não se resume apenas a rampas e elevadores, mas outras maneiras de permitir a socialização autônoma de todos os tipos de deficiência. (Pessoa *et al*, 2023, p. 110)

O modelo biopsicossocial a compreende a partir do impedimento imposto pela sociedade, que ao invés de tornar o espaço inclusivo para todos, elege um tipo de corpo como sendo o ideal e o que terá direito à mobilidade e à comunicação acessível. Essa percepção, que constitui parcela dos imaginários sociais sobre a incapacidade de pessoas com deficiência (Pessoa, 2018), gera inúmeras barreiras para quem não se encaixa no modelo normativo aprovado socialmente, tais como: urbanísticas, arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais, tecnológicas e nos transportes (Pessoa *et al*, 2022), o que cerceia o espaço ocupado por pessoas com deficiência, ao invés de promover acessibilidade.

A acessibilidade está intimamente ligada à inclusão social, pois a verdadeira inclusão só é possível quando ambientes e sistemas estão prontos para lidar com as diferenças, oferecendo oportunidades iguais de acesso a bens e serviços para todos. E não se pode esquecer que acessibilidade é uma questão de direito da pessoa com deficiência, além de significar avanço sociocultural, por tornar a sociedade mais igualitária. (Pessoa *et al*, 2022, p. 70)

A ausência de acessibilidade está diretamente relacionada à perspectiva capacitista, a partir da qual, uma sociedade negligencia os direitos das pessoas com deficiência, as invisibiliza e impede o acesso a bens e serviços, incluindo a comunicação, o entretenimento e o lazer, além de diversos outros. A antropóloga, pesquisadora e ativista brasileira, Anahí Guedes de Mello (2016), que é uma das referências mais reconhecidas para os estudos da deficiência no país, conceitua capacitismo a partir de suas investigações científicas e das próprias experiências de mulher com deficiência:

Uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo

generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. (Mello, 2016, p. 3272)

O capacitismo invisibiliza o poder de agência das pessoas com deficiência. Em outras palavras, ao considerá-las incapazes em áreas diversas de direitos à cidadania, minimiza ou desconsidera a capacidade dessas pessoas de tomar decisões, de agir, de se manifestar e de influenciar o seu entorno do ponto de vista político, social, de consumo, entre outras possibilidades que estão relacionadas à vida ordinária. É senso comum que o poder de agência está em tensão frequente com as condições estruturais de uma sociedade bem como as disputas e dissensos nos espaços públicos, sejam eles presenciais ou em ambiências digitais, como é o caso dos podcasts.

O encontro da Lei Brasileira de Inclusão com a Lei do Feminicídio

De acordo com o *Estatuto da Pessoa com Deficiência*³, em atualização da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015, publicado pelo Senado Federal brasileiro em 2023, uma das categorias que torna as pessoas com deficiência mais vulneráveis a serem atingidas por violências, é ser uma mulher. Em consonância a essa informação, na Lei nº 13.104/2015⁴, conhecida como Lei do Feminicídio, uma das condições que faz com que o feminicida tenha um aumento em sua pena, é ter cometido o crime contra uma mulher com deficiência, por conta do entendimento de que a pessoa vitimada estaria em uma posição maior de vulnerabilidade com relação à violência acometida sobre seu corpo.

Abordar a problemática da violência contra pessoas com deficiência requer colocar em relação diversos aspectos interseccionais (Collins, Bilge, 2021) que atravessam e tensionam essa complexa trama social. O tipo de deficiência, por exemplo, interfere em quais desses corpos são mais violentados,

³ Texto completo disponível em: [link](#). Acesso em 25 mai. 2025.

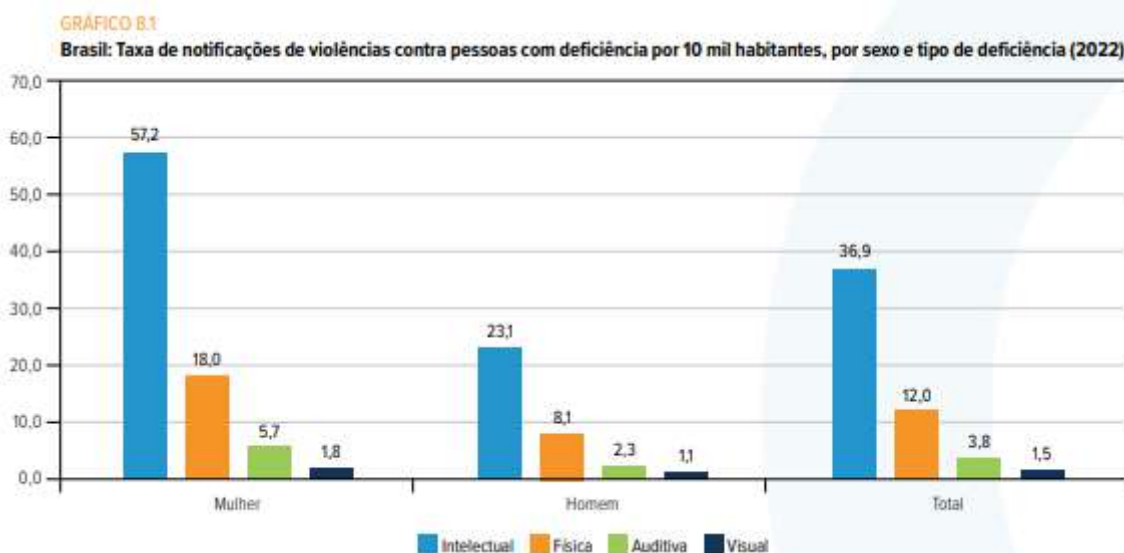
⁴ Lei completa disponível em: [link](#). Acesso em 25 mai. 2025.

conforme nos revela o Atlas da Violência de 2024, no qual os dados indicam que as pessoas com deficiência intelectual e mulheres com deficiência estão propensas a sofrerem mais violências:

As estatísticas mais alarmantes de violência notificada estão ligadas às pessoas com deficiência intelectual, conforme se pode observar no Gráfico 8.1. Os dados revelam que a taxa de violência contra esse grupo é de 36,9 por cada 10 mil indivíduos com deficiência, enquanto para aqueles com deficiência física é de 12,0, para os com deficiência auditiva é de 3,8 e para os com deficiência visual é de 1,5. É importante ressaltar que as mulheres são as mais afetadas em todos os grupos de deficiência em comparação com os homens, sendo que as mulheres com deficiência intelectual enfrentam taxas que ultrapassam em mais que o dobro as dos homens na mesma condição, exceto no caso da deficiência visual, em que os valores são mais próximos. (Cerqueira; Bueno, 2024, p. 69)

A imagem ilustrativa a seguir, um gráfico com o número de notificações de violência contra pessoas com deficiência, com recortes de sexo e tipos de deficiência, colabora para melhor visualização da gravidade desta situação.

Tabela 1. Gráfico notificações de violência contra pessoas com deficiência



Fonte: Reprodução do Atlas da Violência de 2024.

As violências verificadas no Atlas são de ordem física, psicológica, sexual, negligência/abandono e patrimonial. Como é possível perceber, a violência atinge principalmente pessoas com deficiência intelectual, sendo seguida pela

deficiência física, auditiva e visual. A prevalência dessa violência sobre corpos femininos é evidenciada pela pesquisa, lembrando que ser mulher é condição de vulnerabilidade disposta no Estatuto da Pessoa com Deficiência. Por isso, o feminicídio de uma mulher com deficiência gera aumento na pena.

A análise revelou que as notificações de violência são mais comuns entre mulheres com deficiência do que entre homens na mesma condição, especialmente no que diz respeito à violência sexual e doméstica. Para as mulheres com deficiência, além das formas comuns de violência compartilhadas com mulheres sem deficiência, existem especificidades como isolamento social, dependência de cuidadores e serviços, tipo e grau de funcionalidade da deficiência, e a incapacidade de se defender fisicamente, todos contribuindo para um maior risco de violência (Mello; Nuernberg apud Cerqueira; Bueno, 2024, p. 80).

Além das dificuldades mencionadas, mulheres com deficiência ainda precisam enfrentar barreiras no momento da denúncia. Em uma perspectiva que pensa a acessibilidade para além da arquitetura, leva-se em consideração o atendimento acessível tanto do ponto de vista da linguagem quanto dos meios. Tais como ferramentas e tecnologias assistivas podem aprimorar o registro de ocorrências, o acolhimento e os encaminhamentos a serviços para exames de corpo de delito, por exemplo. Entre as barreiras comunicativas, pode-se destacar a presença de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras), para atendimento a mulheres surdas ou com deficiência auditiva, cuja comunicação seria prejudicada no caso da ausência de intérpretes. Além disso, a inexistência de sinalização dos espaços físicos e a tradução de documentos para Braille, no caso de mulheres cegas ou com deficiência visual, e o não acolhimento sensorial para mulheres diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, também se configuram como problemas de falta de acessibilidade que dificultam a realização das denúncias. Esses e outros contextos contribuem para desestimular ou até mesmo impossibilitar a realização do processo para a busca de auxílio em situações de violência, de modo a agravar a potencial situação de vulnerabilidade, ampliando as chances de a violência permanecer em suas vidas.

Um aspecto essencial para a garantia dos direitos da mulher com deficiência diz respeito à acessibilidade para realização de denúncia e para solicitação de cuidado, que precisa ser largamente ampliada, como indica

Sassaki. O papel do sistema judiciário é o de garantir a acessibilidade, prioritariamente acessibilidade atitudinal, dimensão que irá incentivar o surgimento das demais dimensões – arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental e programática, pois, se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, beneficiará todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência, certo que todos somos, potencialmente, pessoas com deficiência. (Passos; Telles; Oliveira, 2020, p. 8).

A partir dessas reflexões sobre ser uma pessoa com deficiência na sociedade brasileira e após traçarmos um breve panorama sobre a violência contra mulheres com deficiência, recuperamos a seguir pontos importantes sobre a violência de gênero e como ela tem se espalhado em nosso país ao longo dos anos.

Gênero e interseccionalidades

A experiência de ser mulher não é única; a vivência é diferente de acordo com as características que ela possui enquanto pessoa, suas identidades e os contextos aos quais foi exposta. Acionamos assim as interseccionalidades (Collins; Bilge, 2021), que compreendem as intersecções como componentes da vida de uma pessoa que alteram sua existência com relação às outras. Tais como classe social, raça, presença ou não de deficiência, idade, regionalidade, orientação sexual e várias outras características que individualizam o seu viver.

Não existe “a mulher” como uma categoria universal, mas mulheres vivendo em condições sociais variadas em termos de raça, classe social, idade/geração, orientação sexual, entre outros marcadores sociais da diferença. Ou seja, quando se inclui a categoria gênero, a identidade comum entre as mulheres torna-se também abalada pelo fato de nossas experiências e identidades estarem atravessadas por outras diferenças sociais, que também nos constituem enquanto sujeitos. (Almeida, 2020, p. 39)

No Brasil, por exemplo, mulheres negras estão mais sujeitas a passarem por situações de violências do que mulheres brancas. Essa informação é confirmada pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado em 2024. Ele mostra que, em 2023, o perfil de mulheres mortas de forma violenta teve concentração de 66,9% voltado para mulheres negras. Esse dado revela e expõe

o quanto essa parte da população está mais vulnerável. Entretanto, ao associar aspectos interseccionais como raça e outras características que interferem em sua vida, como o fato de ter deficiência, a chance desta mulher ser violentada pode aumentar, já que essa intersecção a coloca em um local maior de risco, como tem sido mostrado ao longo deste artigo. Esse fato corrobora que “Enquanto a vulnerabilidade é uma condição existencial humana, alguns são mais vulneráveis que outros de acordo com o lugar social que ocupam” (Pessoa *et al*, 2022, p. 33).

Apesar do conceito de feminicídio ter origem na década de 1970, sendo usado por Diana Russel no Tribunal Internacional de Crimes contra as Mulheres (Cerqueira; Bueno, 2024), o sistema estrutural desconheceu, no Brasil, do ponto de vista jurídico, os direitos e a proteção das mulheres em geral e das mulheres com deficiência. Isso é perceptível a partir da demora para que tanto a Lei do Feminicídio quanto a Lei Brasileira de Inclusão fossem promulgadas, o que só veio a acontecer 45 anos depois, em 2015. No que concerne à Lei do Feminicídio, é importante ressaltar que ela funciona como uma qualificadora de crimes hediondos, sendo colocada em prática quando o crime é cometido contra a mulher por conta da condição de sexo feminino, ou seja, quando envolve violência doméstica/familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Há ainda aumento da pena caso ocorra durante a gestação ou em até três meses após o parto; quando cometido contra pessoa menor de 14 anos ou maior de 60 anos; quando a mulher tem deficiência; na presença de ascendente ou descendente da vítima.

Podcasts: cenários e tendências

Não temos a pretensão de recuperar a história do podcast neste texto. Relembramos, no entanto, que o podcast passou a receber a atenção de pessoas pesquisadoras e produtoras a partir de 2005. Foi naquele ano que “podcast” foi incluída no Oxford English American Dictionary e anunciada como “A Palavra do Ano”. A pulsão para tal veio da publicação, em 2004, a partir de uma publicação

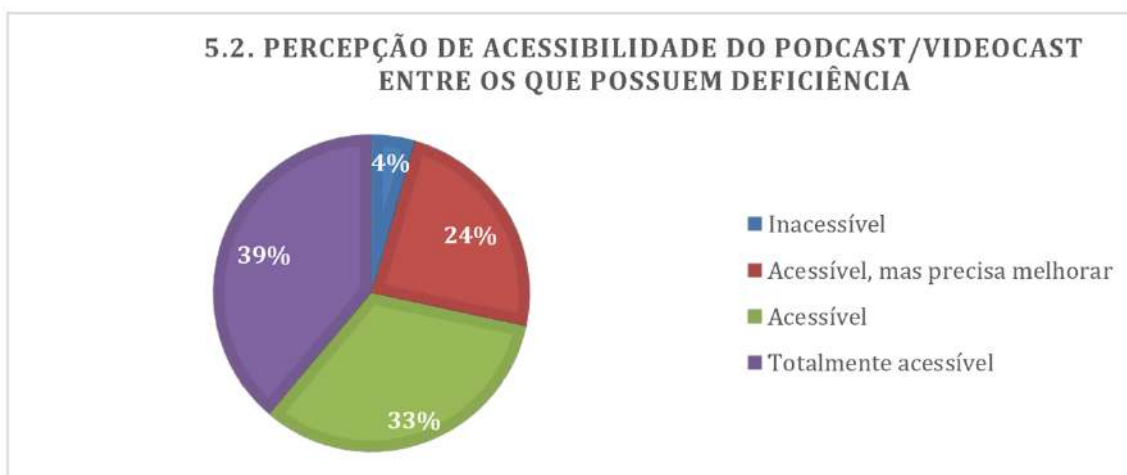
assinada pelo consultor, locutor e desenvolvedor de sistemas britânico, Ben Hammersley, no jornal *The Guardian* sobre experimentações sonoras que circulavam na internet e se apresentavam de maneira disruptiva em relação aos formatos amplamente conhecidos no rádio (Jácome e Caldeira, 2018; Alves, Prata e Pessoa, 2020).

Em duas décadas de produção e de pesquisas, o podcast passou por fases. E foi em 2015 que Tiziano Bonini, que concebe o podcasting como uma prática cultural de produção e consumo de conteúdo sonoro digital, entendeu que estávamos vivendo a segunda era do podcasting. Essa abordagem compreende que a segunda era se deu a partir de 2012 nos Estados Unidos com movimentos de podcasts conhecidos no rádio público americano que romperam a cadeia de dependência dos financiamentos de suas emissoras de origem e passaram a financiar-se em plataformas digitais (Bonini, 2015; 2020).

Após este breve voo panorâmico sobre o podcast, recorreremos à PodPesquisa, cujo objetivo é compreender os ouvintes e a comunidade de podcasts no Brasil, contemplando dados também sobre produtores e mercado de podcasts, tendências, desafios e oportunidades para o mercado. Pesquisa recente da Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) apresentou os resultados que trazem novidades. A principal delas, citada no texto, é referente ao fato de a pesquisa ter incluído questões sobre acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência. A coleta de dados é desempenhada por meio de um formulário eletrônico aberto ao público. Ela foi realizada nos meses de julho e agosto de 2024, e gerou 352 respostas, que vieram de 24 das 27 unidades federativas do Brasil. A análise desses dados foi feita em setembro de 2024.

No levantamento, 7% das pessoas participantes afirmaram ter algum tipo de deficiência, sendo: deficiência visual (52%), outra deficiência (24%), autismo (16%) e deficiência física (8%). No que concerne à acessibilidade dos podcasts, há uma gradação na avaliação das pessoas participantes, que varia: totalmente acessível, acessível, acessível, mas precisa melhorar e inacessível, conforme mostra o gráfico a seguir (Figura 2).

Figura 2: Gráfico Percepção de acessibilidade do podcast / videocast entre pessoas com deficiência



Fonte: Podpesquisa 2024/2025

Como mostram os dados e a própria Podpesquisa admite na análise dos resultados, embora a maioria considere os podcasts acessíveis, há uma parcela significativa que aponta a necessidade de melhorias, indicando oportunidades para tornar o conteúdo mais inclusivo. É necessário, portanto, investir em acessibilidade, como transcrições de episódios e adaptações para plataformas que atendam a esse público de forma mais inclusiva.

Corpus e temas sensíveis: uma proposta metodológica para acessibilidade e abordagem de feminicídios

Nós partimos do pressuposto que acessibilidade e feminicídios podem ser considerados temas sensíveis, que na perspectiva de Emediato (2023), são aqueles que suscitam dissensos mais do que consensos, em intensidades, polarizações, afetos e subjetividades nas interações sociais e que podem constituir corpus de pesquisa. Em alguns casos, incorrem até mesmo em violência verbal. Se podem ser objeto de debates acalorados, silenciá-los pode

indicar que a sociedade contribui para a manutenção do *status quo* e de seus contextos de opressão e assimetrias sociais. Para além da vida ordinária e nos ancorando na pesquisa científica, acessibilidade e feminicídio podem compor um *corpus sensível*, isto é, aquele que reúne um conjunto de materiais de pesquisa “que é capaz de despertar sentimentos diversos em função dos sujeitos que o compõem, da fragilidade ou vulnerabilidade social, da dificuldade para a obtenção de dados, dos dilemas éticos e das reações institucionais que possam vir a surgir, entre outros” (Pessoa, 2015, p.28). Entendemos, a partir das reflexões teóricas aqui apresentadas, do ponto de vista da produção e da pesquisa de podcast, que é preciso levar em consideração pelo menos cinco passos importantes com o objetivo de tratar com cuidado o entrelaçamento de temas sensíveis tais como capacitismo e feminicídio e contemplando epistemologias plurais (Lopez, Betti e Freire, 2025):

1) Contextualização da violência contra pessoas com deficiência e violação dos corpos femininos. Os casos de violência de gênero e de feminicídio assim como os que envolvem a ausência de acessibilidade e o capacitismo precisam ser tratados como temas sensíveis e ser contextualizados. Não devem ser abordados como casos isolados ou afeitos a um relacionamento individualizado entre pessoas. Precisam ser apresentados em conjunto com reflexões que proponham pensar a gravidade dessas complexas questões sociais.

2) Uso de linguagem hospitaleira (Pessoa, 2019), ou seja, utilização de termos e expressões que contemplem as demandas discursivas das pessoas com deficiência e que seja respeitosa com suas necessidades de identidade e de reconhecimento social assim como as demandas de movimentos feministas interseccionais em relação às mulheres, evitando-se preconceitos, julgamentos e práticas comunicativas discriminatórias.

3) Sensibilidade: Ao assumir que capacitismo e feminicídio constituem corpus e temas sensíveis, tratar os sujeitos narrados ou aqueles que colaboram com a produção e a pesquisa a partir da ética do cuidado. O cuidado aqui, tanto

para a produção quanto para a pesquisa, é compreendido como relações de interdependência entre os seres humanos, outras espécies e o meio ambiente (Pessoa, 2025).

4) Gesto epistemológico que contemple gênero e interseccionalidades, tais como racialidades, idade, deficiências, desigualdades sociais, entre outros.

5) Acessibilidade comunicativa (Bonito, 2020): Uso de diferentes tecnologias assistivas que contribuem para minimizar barreiras de acessibilidade e tornar a comunicação mais democrática, tais como audiodescrição, legendas em vídeos e postagens em redes sociais digitais, janela de Libras, descrição de imagens tanto para podcasts quanto para dissertações, teses e outros trabalhos científicos.

Para seguirmos em reflexão

Nosso intuito, mais do que concluir, é apresentar perspectivas que possam nos apontar caminhos para abordar dois grandes e complexos temas sensíveis sociais – capacitismo e feminicídio – em duas instâncias que consideramos fundamentais nesta segunda era do podcasting: a produção, a circulação e a escuta dessa mídia junto à pesquisa científica. Se, neste primeiro exercício metodológico a partir de um conjunto de pesquisas realizadas no Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências, Laboratório de Experimentações Sonoras (LES) e Rádio Terceiro Andar, preferimos não separá-las, de modo binário é porque não as consideramos opostas. Entendemos que produção e pesquisa são complementares e estão cada vez mais próximas nas universidades brasileiras em diversos campos do conhecimento quando o assunto é podcast, tanto em projetos de extensão, com o objetivo de provocar impacto social quanto na divulgação científica, necessária para fomentar a difusão do pensamento que se constitui nas universidades.

Os marcos históricos de 2025 destacados no texto, dez anos da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e da Lei do Feminicídio, 20 anos desde que o termo podcast foi dicionarizado internacionalmente e a partir de quando passamos a

olhar com mais cuidado para este tipo de mídia, nos impulsionaram a iniciar uma sistematização. Apresentamos aqui como sugestão de passos necessários no percurso que entende o podcast tanto como mídia quanto como proposta pedagógica e de divulgação científica. Em um segundo momento, intentamos nos deslocar dos cinco pressupostos aqui elencados e nos dedicar ao detalhamento de cada um deles com vistas a aprimorar as possibilidades de produção e de análise. Longe de objetivarmos normatização destas instâncias, desejamos contribuir com reflexões para abordagens interseccionais, hospitaleiras e acessíveis para capacitismo e feminicídio.

Bibliografia

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Gênero**. 2020. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2020/03/PD_F-G%C3%AAnero.pdf. Acesso em: 25 mai. 2025.

ALVES, João; PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. Podcast: Modos narrativos que apontam tensões entre a liberdade de criar, de escutar e de monetizar. In: Vera Lucia Spacil Raddatz; Marcelo Kischinhevsky; Debora Cristina Lopez; Valci Zuculoto. (Org.). **Rádio no Brasil [recurso eletrônico]: 100 anos de história em (re) construção**. 1ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2020, v. 1, p. 238-255.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020.

BONINI, T. The Listener as Producer: the rise of the networked listener. In BONINI, T., MONCLÚS, B. (ed.). *Radio Audiences and Participation in the Age of Network Society*. Londres: Routledge, 2015.

BONITO, Marco; SANTOS, L. C. . **Jornalismo Digital reflexões teóricas e práticas educacionais a partir da acessibilidade comunicativa**. REBEJ (BRASÍLIA), v. 10, p. 28-39, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em 20. mai. 2025.

BRASIL. Decreto no 13.146, de 6 de Julho de 2015 - Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-

2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 16 mai. 2025.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 25 mai. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

EMEDIATO, Wander. **Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis**. Campinas: Editora: Pontes Editores, 2023.

Estatuto da Pessoa com Deficiência: Lei no 13.146/2015. – 6. ed. – Brasília, DF : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

JÁCOME, P.; CALDEIRA, T. . El Pímulas de Extensão: memoria institucional a través de podcasts. In: Pablo Tenaglia. (Org.). **Narrativas pedagógicas y TIC: experiencias de supervisión, gestión directiva y práctica docente**. 1ed. Córdoba: Brujas, 2018.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024.

Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/epistemologias-dos-estudos-radiofonics-construir-a-pesquisa-com-lentes-plurais?lang=pt-br>> Acesso em: 26 Maio. 2025.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & saúde coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

PASSOS, Regina Lucia; TELLES, Fernando Salgueiro Passos; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de. Da violência sexual e outras ofensas contra a mulher com deficiência. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 154-164, 2020.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas**. Belo Horizonte: Fafich/Selo Ppgcom/Ufmg, 2018. 118 p.

PESSOA, Sônia Caldas, MANTOVANI, Camila; MARQUES, Ângela Salgueiro; JÁCOME, Phellipy Pereira. **Comunicação e acessibilidades: um guia para práticas hospitalares**. Porto Alegre: Fi, 2023. 134 p.

PESSOA, Sônia Caldas. Acessibilidade Afetiva? Da linguagem hospitalar às redes de relações em organizações. In: MARQUES, Ângela; SILVA, Daniel; LIMA, Fábila. **Comunicação e direitos humanos**. Belo Horizonte: Fafich/Selo Ppgcom/Ufmg, 2019. p. 209-217. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/produto/comunicacao-e-direitos-humanos/>. Acesso em: 26 mai. 2025.

PESSOA, S. C. *Estética da diferença: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de mise en scène*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ROCHA, Adriano Medeiros da; FREITAS, Cintia Rita Soares de; PEREIRA, Luiz Felipe. *Cíntia*: Uma personagem autora do audiovisual brasileiro contemporâneo e seus muitos elos e afetos construídos a partir da universidade pública. In: PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves; SARAIVA, Luiz Alex Silva. **Afetos e experiências: da, na e para a universidade**. Belo Horizonte: Fi, 2023. Cap. 11. p. 292-320.

A comunicação radiofônica sob a ótica das epistemologias plurais: representações sobre o padrão de beleza contemporâneo no *podcast Café da Manhã*

Radio Communication through the Lens of Plural Epistemologies: representations of the Contemporary Beauty Standard in the Café da Manhã Podcast

La comunicación radiofónica desde la óptica de las epistemologías plurales: representaciones sobre el canon de belleza contemporáneo en el pódcast Café da Manhã

Dayana Cristina Barboza Carneiro

Resumo

Objetivamos, por meio deste trabalho, investigar como a comunicação radiofônica pode atuar na (re)construção das representações sobre o padrão de beleza contemporâneo, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o tema. Como objeto empírico, elegemos um episódio do *podcast Café da Manhã*, que aborda o desfile da *Victoria's Secrets*, realizado em 2024. Nos ancoramos na perspectiva das epistemologias plurais e adotamos como dispositivo teórico-metodológico a interseccionalidade. Partimos do entendimento do ideal

>> Como citar este texto:

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. A comunicação radiofônica sob a ótica das epistemologias plurais: representações sobre o padrão de beleza contemporâneo no *podcast Café da Manhã*. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 52-77, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Dayana Cristina Barboza
Carneiro

dayanab@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5503-9776>

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professora no IEC PUC-Minas. Integrante do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor/UFOP), do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF/UFOP) e do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG).

de beleza a partir de quatro valores fundamentais: a saúde, a magreza, a branquitude e a juventude. Para análise, acionamos a Metodologia Holofote, iluminando três eixos narrativos principais: o padrão de beleza, a moda e a interseccionalidade. É possível depreender que o *podcast* concebe o ideal de beleza atual como excludente, dando relevo ao papel da moda e aos atravessamentos interseccionais que estabelecem os lugares de (in)visibilidade a determinadas corporalidades.

Palavras-chave: Comunicação radiofônica; Epistemologias plurais; Padrão de beleza; Interseccionalidade; *Podcast Café da Manhã*.

Abstract

This study aims to investigate how radio communication can contribute to the (re)construction of representations of the contemporary beauty standard, fostering critical reflection on the topic. As the empirical object, we selected an episode of the *Café da Manhã* podcast that discusses the 2024 Victoria's Secret fashion show. Our analysis is grounded in the perspective of plural epistemologies, and we adopt intersectionality as our theoretical–methodological framework. We understand the beauty ideal through four fundamental values: health, thinness, whiteness, and youth. For the analysis, we employ the Spotlight Methodology, which allows us to illuminate three main narrative axes: the beauty standard, fashion, and intersectionality. The findings suggest that the podcast portrays the current beauty ideal as exclusionary, highlighting the role of fashion and the intersectional dynamics that shape the (in)visibility of certain bodies.

Keywords: Radio communication; Plural epistemologies; Beauty standard; Intersectionality; *Café da Manhã* podcast.

Resumen

El objetivo de este trabajo es investigar cómo la comunicación radiofónica puede actuar en la (re)construcción de las representaciones sobre el canon de belleza contemporáneo, contribuyendo a una reflexión crítica sobre el tema. Como objeto empírico, elegimos un episodio del *podcast* *Café da Manhã* que aborda el desfile de Victoria's Secret realizado en 2024. Nos sustentamos en la perspectiva de las epistemologías plurales y adoptamos la interseccionalidad como dispositivo teórico-metodológico. Partimos de la comprensión del ideal de belleza a partir de cuatro valores fundamentales: salud, delgadez, blanquitud

y juventud. Para el análisis, empleamos la Metodología Reflector, con la cual iluminamos tres ejes narrativos principales: el canon de

belleza, la moda y la interseccionalidad. Es posible inferir que el pódcast concibe el ideal de belleza actual como excluyente, destacando el papel de la moda y los atravesamientos interseccionales que configuran los lugares de (in)visibilidad de determinadas corporalidades.

Palabras clave: Comunicación radiofónica; Epistemologías plurales; Canon de belleza; Interseccionalidad; Pódcast *Café da Manhã*.

Introdução

Nesta pesquisa, investigamos como a comunicação radiofônica pode atuar na (re)construção das representações sobre o padrão de beleza contemporâneo, fomentando uma reflexão crítica sobre a temática. Para isso, lançamos o nosso olhar - e a nossa escuta - para o episódio “A diversidade na moda saiu de moda?”, do *podcast Café da Manhã*, de 18 de outubro de 2024.

O *podcast Café da Manhã* estreou em 2019 e é produzido pela *Folha*, em parceria com a plataforma de *streaming Spotify*, sendo um dos títulos da sua editoria de *podcasts*. Com a chamada “Levante da cama com notícias e análises quentinhas no *Café da Manhã*, o *podcast* mais importante do seu dia”, o programa ocupa o sexto lugar entre os *podcasts* mais ouvidos no Brasil em 2024 (*Spotify*, 2024, n/p). Os episódios são disponibilizados de segunda a sexta-feira, sempre no começo do dia, a partir das 6h (horário de Brasília).

Com uma linguagem “leve e simples”, como o próprio *podcast* se apresenta, são abordados temas como política, economia, ciência, cultura e assuntos relevantes que estejam em destaque, no Brasil e no mundo. Holanda (2024) inscreve essa produção em um formato jornalístico “[...] ao propor discussões, investigações, entrevistas, comentários, entre outros tipos de publicações do gênero” (Holanda, 2024, p. 22).

No episódio objeto de nossa análise, o *podcast* discute o desfile de moda promovido pela marca estadunidense *Victoria’s Secret* no dia 15 de outubro de 2024. Após seis anos sem apresentações, a marca produziu o evento com a presença de modelos importantes, como Tyra Banks, Gigi Hadid e a brasileira

Adriana Lima. Como contam os apresentadores, a *Victoria's Secret* já vinha sofrendo pressão pública que cobrava uma maior diversidade na escolha das *angels*, modelos-estrelas que representam a marca e protagonizam os desfiles vestindo lingerie de luxo.

“Até a pausa, em 2018, a empresa vinha sendo criticada pela falta de diversidade; no *Fashion Show* da volta, quis vender uma cara inclusiva, com mulheres gordas, negras, transexuais e mais velhas” (*Café da Manhã*, 2024). As reverberações sobre o desfile foram marcadas por celebrações pelo retorno da marca e críticas veementes à falta de diversidade corporal. A entrevistada do *Café da Manhã* é a Profa. Dra. Aliana Barbosa Aires, docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na área de Teoria da Moda e Comunicação no Departamento de Design de Moda. Aires construiu a sua trajetória acadêmica voltada aos estudos de moda, comunicação, corporalidades, diversidade e suas interfaces.

Com base nessa caracterização, olhamos para o *podcast Café da Manhã* considerando o processo de (re)construção das representações com base na perspectiva dos Estudos Culturais. Por meio da linguagem - que não é neutra ou natural - os sujeitos constroem sentidos compartilhados sobre o mundo: as representações (Hall, 2016).

Uma das características fundamentais das representações é a sua capacidade de transfiguração. Isso ocorre porque as representações que compartilhamos socialmente não existem *a priori*, mas são construídas culturalmente, em diálogo com a sociedade em que se inscrevem (França, 2004). É nesse contexto que a comunicação radiofônica também pode atuar no processo de ressignificação e/ou problematização das representações hegemônicas.

Escutar rádio é construir mentalmente corpos, rostos, lugares, emoções; é participar de uma articulação sonora que mobiliza afetos e saberes. Mas toda imagem é também escolha: se o rádio forma imagens, é preciso perguntar quais ele produz e quais ele interdita. Quais vozes são autorizadas a ocupar os microfones e quais são mantidas nas margens do espectro sonoro? Que mundo é possível imaginar quando as vozes negras e dissidentes são silenciadas ou transformadas em ruído? Ao mesmo

tempo em que cria vínculos, o rádio também os nega. É nesse duplo movimento que se revela como um território de disputa simbólica, política e epistêmica (Andrade, 2025a, p. 10).

A nossa visada para o objeto se ancora na proposta das epistemologias plurais no contexto da mídia sonora (Lopez; Betti; Freire, 2024) e, de modo específico, na interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021). Buscamos problematizar como os atravessamentos confluem na conformação das opressões de grupos minorizados, como é o caso de pessoas gordas, negras e velhas - todas distantes do padrão de beleza - combatendo, assim, processos de silenciamentos (Lopez; Betti; Freire, 2024).

Em consonância com Carneiro (2024), compreendemos o ideal de beleza por meio de quatro valores essenciais: a saúde, a magreza, a branquitude e a juventude. Propomos um movimento de análise exploratório e de cunho qualitativo. Para isso, acionamos a Metodologia Holofote (Carneiro, 2024), a partir de três eixos narrativos principais: o padrão de beleza, a moda e a interseccionalidade. Os achados da pesquisa demonstram que as representações sobre o padrão de beleza, construídas por meio do *podcast*, evidenciam esse ideal como excludente, marcado principalmente pela magreza, e construído em diálogo com a moda. Nesse processo, os atravessamentos interseccionais estabelecem os lugares de (in)visibilidade a determinadas corporalidades.

Epistemologias plurais e interseccionalidade: a escuta das vozes silenciadas

As epistemologias plurais (Lopez, Betti e Freire, 2024) emergem em um contexto de reflexão crítica sobre a prática e a produção acadêmica no âmbito dos estudos radiofônicos. O quadro indica pouca diversidade epistemológica, principalmente, no que se refere às questões de raça e as demais interseccionalidades. Diante desse cenário, essa perspectiva vislumbra uma mudança de rota que questiona a hegemonia dos saberes eurocêntricos,

desvelando o modo como, historicamente, as estruturas de poder e as opressões também conformam as construções da linguagem radiofônica (Lopez; Betti; Freire, 2024).

Lopez, Betti e Freire (2025) ressaltam que a adoção de uma visada plural não está relacionada à diversificação das temáticas ou dos objetos de estudo do campo. Também não deve ser vista como uma vinculação superficial ao discurso em voga ou como uma tentativa de impor uma determinada agenda de pesquisa no âmbito dos estudos radiofônicos. Trata-se de uma concepção, uma ótica, que vai fazer incidir sobre diferentes objetos empíricos, as “lentes plurais”.

A adoção de epistemologias plurais permite que o rádio e os estudos radiofônicos construam uma abordagem que compreenda os sujeitos, suas experiências e a necessidade de questionar entendimentos cristalizados no âmbito científico ocidental, abrindo-se a perspectivas de múltiplas origens que buscam reformular papéis e narrativas e combater os silêncios construídos sobre uma visão singular do fenômeno (Lopez; Betti; Freire, 2025, p. 114, tradução nossa).¹

Como explicam os autores, evidencia-se, portanto, a necessidade do reconhecimento sobre o modo como o conhecimento científico é historicamente estruturado em alinhamento com as estruturas de poder, personificadas na imagem do homem, branco e proprietário. Tal configuração, leva à construção de narrativas únicas - contando apenas um lado da história - que não acolhem as diferentes experiências diversas, especialmente quando falamos sobre os grupos socialmente minorizados.

Por isso, os estudos de rádio não devem prescindir de uma visada plural, acolhendo perspectivas feministas, africanas, latinoamericanas, entre outras, sem também negligenciar as intersecções. Abrir mão dessa escuta é

1 No original: “La adopción de epistemologías plurales permite a la radio y a los estudios radiofónicos construir un enfoque que comprenda a los sujetos, sus experiencias y la necesidad de cuestionar comprensiones cristalizadas en la organización científica occidental, abriéndose a miradas de múltiples orígenes que buscan reformar protagonismos, relatos y combatir silencios construidos sobre una mirada singular del fenómeno. Esta perspectiva plural también permite comprender cómo las interseccionalidades se inscriben en la radio, en los estudios radiofónicos y, sobre todo, en las condiciones de los sujetos plurales de esta vida académica”.

desconsiderar experiências diversas que estão diretamente relacionadas ao fenômeno, à sua história e, conseqüentemente, ao papel que ele desempenha na sociedade brasileira (Lopez; Betti; Freire, 2025).

Esse ponto de vista encontra ressonância no trabalho de Andrade (2025a), que parte de um cenário de escassez nos estudos brasileiros que abordam as interfaces entre rádio, raça e jornalismo. Diante dessa realidade, a autora propõe uma reorientação crítica dos estudos radiofônicos que reconheça a importância da diversidade e ofereça protagonismo às vozes de grupos historicamente silenciados, apontando a interseccionalidade como um caminho possível.

A interseccionalidade, conceito cunhado pela ativista dos Direitos Humanos e feminista estadunidense, Kimberlé Crenshaw, em 1989, estabelece uma compreensão sobre diferentes eixos de opressão em um arranjo entrecruzado. Reconhecendo a heterogeneidade e a complexidade do entendimento e do uso da interseccionalidade, Collins e Bilge (2021) apresentam a seguinte definição:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais cotidianas. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e se afetam mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 244-245).

Dessa maneira, interessa pensar nas dinâmicas de sujeição a partir dos seus atravessamentos e não de uma forma individualizada. Para isso, é preciso desconstruir a concepção de uma hierarquização entre as opressões, já que elas são resultados de um arranjo com diferentes implicações históricas, sociais e culturais (Lorde, 2019). Essa conformação vai determinar a maneira como o preconceito é experienciado por cada sujeito e o modo como compõe a estrutura societária (Carrera, 2021a).

No terreno dos estudos radiofônicos, a partir da análise de produções de eventos de associações científicas, Lopez *et al.* (2025), observam que a

utilização do termo “interseccionalidade” ainda é recente e que o seu acionamento está principalmente vinculado a uma abordagem teórica-conceitual. O cenário reforça a pertinência da adoção dessa perspectiva que, conforme Lopez, Betti e Freire (2024), se apresenta como uma forma de construir um conhecimento que não se estrutura a partir de uma visada isolada e reducionista das opressões. “O rádio, então, pode ser entendido como um fenômeno que chama por um pensamento interseccional” (Lopez; Betti; Freire, 2024, p. 8).

Na mesma linha, Andrade (2025b) chama a atenção para o modo como a interseccionalidade oferece instrumentos teórico-metodológicos para compreender as dinâmicas de opressão e privilégio que conformam as narrativas sonoras. É preciso, então, questionar os processos de estereotipagem, as vozes protagonistas e os interesses ideológicos, presentes em um cenário de plataformização e de concentração do mercado.

A chave epistemológica da interseccionalidade no jornalismo sonoro brasileiro permite que se observe, por exemplo, como as narrativas radiofônicas sobre as periferias, as mulheres, e os povos indígenas estão frequentemente permeadas por estereótipos ou invisibilidade. A análise interseccional permite também perceber como os vieses ideológicos presentes nas estruturas de poder e nos grandes conglomerados midiáticos contribuem para a exclusão dessas vozes, seja por falta de acesso à produção, seja pela distorção das suas experiências (Andrade, 2025b, p. 7).

A apropriação dessa chave epistemológica também demanda uma escuta atenta do objeto de pesquisa. A visão complexa das estruturas sociais - e dos atravessamentos entre os eixos de subordinação - é condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma pesquisa interseccional. No entanto, cada investigação vai determinar uma apropriação singular, dando ênfase a determinadas opressões e seus entrecruzamentos, a depender da temática. No caso deste trabalho, por exemplo, em que refletimos a respeito das representações sobre o padrão de beleza contemporâneo, determinadas avenidas de subordinação são colocadas em primeiro plano, como o peso, a raça e a idade, conforme discutiremos no tópico seguinte.

Moda e beleza: valores fundamentais do padrão corporal contemporâneo

Ao longo do tempo, as representações sobre a beleza sofreram transmutações em diálogo com o contexto sócio-cultural e econômico de cada sociedade (Vigarello, 2006; Flor, 2009; Eco, 2013; Sant'anna, 2014). Isto é, o que concebemos como belo, em cada período histórico, é forjado em diálogo com os valores sociais compartilhados naquela época.

A moda, como fenômeno também construído no âmbito social e cultural (Crane, 2006), tem um papel fundamental na construção do ideário da beleza. Aires (2019), com base em Foucault, analisa como a indústria da moda, principalmente alinhada à mídia, se configura como um dispositivo disciplinar das corporalidades, constituindo o ideal de beleza.

O corpo ideal da moda é uma construção cultural que mudou ao longo da história para enfatizar diferentes formas e proporções, assim a moda elegeu, em cada época, uma forma física a ser considerada como ideal de beleza, desse modo, contribuiu tanto para a marginalização quanto para a celebração de certos tipos de corpos em nossa cultura. A indústria da moda tratou o corpo, particularmente o corpo feminino, como algo maleável, algo que pode ser moldado e modificado com o corte de uma peça de roupa, com roupas íntimas que esculpem as formas, dieta, exercícios e até cirurgias plásticas, dependendo do período (Aires, 2019, p. 97).

Na contemporaneidade, é possível conceber o padrão de beleza a partir de quatro pilares fundamentais, como propõe Carneiro (2024): a saúde, a branquitude, a juventude e a magreza. A saúde, aqui colocada como valor, está relacionada à aparência (Lima, 2021) e é definida a partir de uma lógica capitalista e meritocrática do culto ao corpo. Ou seja, mais do que estar, de fato, saudável, é importante ostentar um certo tipo físico que, lido moralmente, expressa um ideal de saúde.

No que se refere à branquitude, ela se faz presente como um valor edificador do ideal de beleza contemporâneo que deriva da própria conformação da estrutura social racista, desvelando o atravessamento interseccional da raça

e os processos de hierarquização das corporalidades. Ao definir a juventude como valor fundamental do padrão de beleza dá-se relevo ao modo como os caminhos tomados pela sociedade, somados aos avanços científicos e tecnológicos, levaram ao entendimento de que o envelhecimento é um processo controlável e indesejável.

Como explica Sant'anna (2014), envelhecer torna-se, assim, uma escolha que pode ser evitada ou, ao menos, amenizada: algo facultativo, especialmente quando falamos sobre as mulheres. A dinâmica dá relevo ao etarismo como opressão forjada, também, em atravessamento com as questões de gênero e de classe. Isso porque são as mulheres as que mais aderem aos processos de "combate ao envelhecimento" e estes demandam um investimento que não é acessível a todas as pessoas.

A magreza, como valor social, fomenta, ao mesmo tempo, dois processos distintos de exclusão: a gordofobia e a pressão estética. Diferentes autoras (Jimenez-Jimenez, 2020; Arruda, 2021; Lima, 2021; Pilger, 2021) demonstram como a gordofobia se impõe de maneira estrutural. A opressão exclui as pessoas gordas, destituindo-as de direitos, fazendo com que elas sejam vistas como hierarquicamente inferiores, dotadas de características indesejáveis e preteridas em espaços de visibilidade e poder. Já a pressão estética não se restringe apenas às pessoas gordas. Ou seja, por mais que, em muitos aspectos, o sujeito atenda aos requisitos do que é considerado belo, provavelmente, em algum momento, ele terá uma característica identificada como "fora do padrão".

Como é possível perceber, a própria construção do entendimento do padrão de beleza contemporâneo, apresentado até aqui, revela um caráter interseccional. Se pensarmos nos atravessamentos de gênero, o fato de ser mulher implica em uma vivência diferente da pressão estética. São as mulheres as mais subjugadas na busca por um corpo perfeito que é definido pelo capitalismo e pelo patriarcado, estrategicamente pensado para não ser alcançado. Tal dinâmica vai conformar, também, os lugares sociais e o comportamento dessas sujeitas na sociedade.

Objeto de maior regulação social, o corpo feminino é, por conseguinte, contido ao máximo em suas ações. Como fruto disso, espera-se que toda essa contenção resulte, simultaneamente, em uma corporalidade delicada, um comportamento polido e em um gestual estudado minuciosamente em seus movimentos (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 125).

Ainda seguindo essa visada interseccional do padrão de beleza, entre as próprias mulheres, quanto mais atravessamentos - raça, idade, peso, entre outros - mais distantes do ideal. No âmbito dessa reflexão, é importante pontuar que outros atravessamentos também distanciam os sujeitos do modelo de beleza, como é o caso das pessoas com deficiência, por exemplo. Não se trata, assim, de uma sobreposição de características físicas que vão levar a uma determinada vivência, mas de atravessamentos inscritos nas corporalidades que vão conformar a construção da subjetividade e o lugar social de cada pessoa quando falamos sobre o ideal de beleza contemporâneo.

Metodologia Holofote: luzes entrecruzadas

Por meio de uma pesquisa exploratória, de viés qualitativo, investigamos como a comunicação radiofônica pode atuar na (re)construção das representações sobre o padrão de beleza, contribuindo para uma perspectiva crítica sobre a temática. Por isso, não buscamos apresentar “[...] conclusões definitivas ou hipóteses testáveis em um primeiro momento, mas sim abrir caminhos de investigação por meio de aproximações sucessivas, multianguladas e sensíveis à complexidade dos fenômenos comunicacionais” (Andrade, 2025a, p. 13-14).

Em consonância com essa proposta, acionamos, aqui, a Metodologia Holofote (Carneiro, 2024). De acordo com essa proposta, as categorias de análise derivam e são construídas em diálogo com as discussões teóricas.

Ao ligar um holofote, ele ilumina um determinado prisma e, ao acionar vários ao mesmo tempo, é possível construir uma visão holística sobre o fenômeno ao cruzar os achados de cada foco. Nessa dinâmica, os holofotes assumem um arranjo inter-relacional e indissociável em que a apreensão do objeto se torna potencialmente multifacetada e, ao mesmo tempo, coesa (Carneiro, 2024, p. 120).

Para esta pesquisa, definimos três holofotes (quadro abaixo) que irão iluminar um prisma do objeto a partir de determinadas indagações associadas a cada um deles. Ao final, a intenção é construir uma visão complexa do fenômeno, constituindo, assim, uma leitura singular.

Tabela 1. Metodologia Holofote

HOLOFOTE	PERGUNTAS AO OBJETO
Padrão de beleza	Como o <i>podcast Café da Manhã</i> concebe o padrão de beleza contemporâneo?
Moda	De que maneira o programa interpreta o cenário atual da moda e faz projeções, considerando a diversidade corporal?
Interseccionalidade	Como os atravessamentos interseccionais são abordados no episódio analisado?

Fonte Elaborado pela autora.

Considerando que olhamos para um objeto sonoro, os holofotes correspondem aos eixos narrativos que emergem na comunicação e que, entrecruzados, convergem nas representações sobre o padrão de beleza contemporâneo que a produção (re)constrói.

Holofote Padrão de beleza

Nesse holofote, objetivamos refletir sobre como o *podcast Café da Manhã* concebe o padrão de beleza contemporâneo. No episódio “A diversidade na moda saiu de moda?”, a magreza emerge como o principal valor social quando falamos sobre o ideal de beleza que compartilhamos na atualidade. Apesar de reconhecer que a *Victoria’s Secrets* faz parte de um contexto maior, a convidada do dia, professora Aliana Aires, destaca o papel da marca na construção do ideário de um corpo-referência, que simboliza uma representação hegemônica do belo.

Reconhecida como uma questão de gênero, essa pressão estética impõe, principalmente às mulheres, a necessidade de investimento de tempo e dinheiro para alcançar o status que ostentar um corpo magro propicia, muitas vezes,

colocando em risco a própria vida. Nesse contexto, o programa chama a atenção para as consequências relacionadas aos impactos da pressão estética na saúde física e mental das pessoas, gerando processos adoecedores, como a bulimia, citada pela entrevistada. Aqui, fica evidente um outro valor associado ao padrão de beleza atual: a saúde ou, melhor dizendo, a aparência saudável. Nesse contexto, as ações em prol da magreza, ainda que prejudiciais, são naturalizadas e aceitáveis socialmente.

O programa ainda traz à tona outro valor fundante do ideal de beleza: a branquitude. Para Aires, a *Victoria's Secrets*: “[...] teve mais destaque por trazer e reiterar a noção do corpo perfeito, que é a noção desse corpo magro, firme, alto, branco, caucasiano, louro, com traços louros”. ²Com base no depoimento da convidada, é importante destacar que as características físicas associadas à branquitude corroboram para um ideal de beleza colonizado, balizado pelas características físicas atribuídas aos povos europeus, como os cabelos loiros e lisos e os olhos claros.

A entrevistada ainda chama a atenção para o próprio nome atribuído às modelos da marca *Victoria's Secrets*, “*angels*”, em português, “*anjos*”, ou seja, algo distante do corpo real, vinculado à perfeição e ao inalcançável. Isso nos lembra o modo como a beleza se constitui como algo ligado ao superior, ao divino, ao inalcançável. “Sabe-se que a beleza sempre esteve associada a outras características, como ao bom, constituído moralmente a seres especiais, ou divinos, ou seja, a beleza não é algo comum, não é para todos” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 121).

Ao longo da entrevista, outro valor associado ao padrão de beleza é tematizado: a juventude. Nas palavras de Aires: “[...] a verdade é que o padrão é sempre branco, o padrão é sempre magro, o padrão é sempre alto, é sempre jovem”. No caso das mulheres, a capacidade de “burlar” o processo de envelhecimento também está relacionada ao papel que ela pode ocupar na

² As transcrições apresentadas ao longo do texto foram geradas automaticamente pela plataforma *Spotify*, com pequenos ajustes textuais.

sociedade: “Rejuvenescer tornou-se uma necessidade cada vez menos discutível para garantir emprego, cônjuge e aceitação social” (Sant’anna, 2014, p. 167).

Na entrevista, também emerge a discussão sobre os retrocessos relacionados à diversidade corporal, observáveis na moda e em outros campos nos últimos anos. O *podcast* inscreve a questão em um contexto mais amplo, fazendo menção à intensificação do culto à magreza. Apesar de afirmar que “Não é que a magreza esteja voltando à moda. Ela nunca saiu de moda”, a convidada localiza o fenômeno mais recente como uma reação aos pequenos avanços conquistados pelos movimentos de resistência, como o *Body Positive* e o ativismo gordo, este último com perfil mais político.

Sobre a temática levantada no *podcast*, no contexto brasileiro, é possível citar nomes como a dançarina Thais Carla, que se auto-denominava como uma ativista gorda e que, recentemente, se submeteu a uma cirurgia bariátrica; e Alexandra Gurgel, principal nome do movimento *Corpo Livre* no Brasil, autora dos livros *Pare de se odiar* (2018) e *Comece a se amar* (2021).

Esse processo vem sendo abordado nas redes sociais digitais, mas, também, na imprensa corporativa. As discussões tematizam, principalmente, as críticas impostas às figuras públicas, com histórico de ativismo, após a publicização do emagrecimento e uma possível crise no movimento *Body Positive*. Além disso, abordam as estratégias utilizadas no processo de perda de peso, notadamente as canetas emagrecedoras e a cirurgia bariátrica.

Apesar desse cenário, a convidada do *Café da Manhã* vê com otimismo a ocupação de espaços, como a moda, por corpos fora do padrão, ainda que de maneira limitada, como ocorreu no desfile da marca *Victoria’s Secrets*. Acionando o seu lugar de fala (Ribeiro, 2019), Aires demonstra como, ao longo do tempo, os avanços, ainda que insuficientes, são significativos para as pessoas que não ostentam o ideal de beleza preconizado. De acordo com a professora, a visibilidade “fake”, como ela mesmo denomina, ainda é melhor do que a total invisibilidade.

Eu vivi um tempo em que essas pessoas nem eram apresentadas em qualquer desfile, elas não existiam. Nem que fosse a “fake”, a “gorda fake”,

ela não existia, ela era invisível, ela não aparecia em um desfile da Victoria's Secrets. Então, assim, a gente não pode negar, a gente não pode ser romântico de dizer, “ai meu Deus, está tendo uma grande inclusão”, “a Victoria's Secrets fez uma grande inclusão”, claro que não, é uma inclusão fake, mas, ainda assim, ela é melhor do que nenhuma inclusão (Café da Manhã, 2024).

Aqui, a noção de representatividade, que diz respeito à ocupação de espaços por pessoas diversas (Drummond, 2024), é tensionada. Isto é, o modo como a presença de grupos socialmente minorizados em espaços de poder, como a mídia e a moda, pode fazer com que pessoas pertencentes a essas minorias vislumbrem suas existências também nesses lugares.

Holofote Moda

Por meio do Holofote Moda, buscamos compreender de que maneira o programa interpreta o cenário da moda atual e faz projeções, considerando a diversidade corporal. O *podcast* apresenta a moda como algo que não se limita à sua dimensão industrial e econômica, mas está ligada à cultura, visada expressa nas palavras da convidada:

Moda é comportamento. E a nossa cultura é midiática. As influências que a gente busca, onde a gente molda o nosso comportamento, as pessoas que nos influenciam, elas vêm de uma cultura midiática, que hoje também está na internet, não está só no astro da televisão, mas é toda uma cultura midiática (Café da Manhã, 2024).

Se a moda é comportamento, está vinculada à dimensão da identidade e do pertencimento, mas também pode ser uma ferramenta de exclusão. Partindo do posicionamento da marca *Victoria's Secrets*, o *podcast* tematiza como a moda pode negar acesso a determinadas corporalidades, destituindo-as do direito ao consumo. Ainda que exista um grande mercado consumidor para roupas *plus size*, a entrevistada explica que muitas marcas se recusam a produzir para esse público, já que não querem se associar à imagem de pessoas não-magras.

No contexto do episódio do *podcast*, a fala está relacionada a uma marca de luxo, voltada, especialmente, para a produção de lingerie. No entanto, essa falta de acesso à moda influencia, também, na vida prática do sujeito. As pessoas

gordas, por exemplo, precisam lidar com a falta de lojas físicas, os preços altos, muitas vezes abusivos, das roupas *plus size* e a dificuldade para encontrar numerações maiores.

Outra temática que emerge no *podcast* é o modo como o retorno da moda dos anos 2000 está em consonância com esse cenário menos diverso e inclusivo, materializado no desfile da *Victoria's Secrets*: "A nostalgia foi além do reencontro de uma geração de modelos celebradas. Também aponta para o retorno dos anos 2000 à moda, que, para além da cintura baixa, foram marcados pela busca de uma magreza inatingível".

Nesse ponto, é importante trazer a discussão sobre diversidade e inclusão na moda. Drummond (2024) compreende a diversidade e a inclusão como conceitos intrinsecamente relacionados e complementares, relacionados, também, à equidade. A diversidade está vinculada à representatividade, à presença de pessoas com diferentes atravessamentos em espaços de poder. Já a inclusão garante o respeito, a dignidade e a participação integral desses sujeitos: "Inclusão não é apenas ter a presença de pessoas diversas, mas sim promover o pertencimento e oportunidades de protagonismo com autonomia" (Drummond, 2024, p. 24).

Os apresentadores do *podcast* citam um tímido flerte da marca *Victoria's Secrets* com a inclusão, em resposta a uma pressão dos movimentos sociais. Para Aires, trata-se de uma ação alinhada ao "*diversity washing*", lavagem de diversidade, em livre tradução. Nesse processo, as empresas se apropriam de um "discurso de diversidade", associando-o à sua marca apenas por interesses financeiros, sem que esse posicionamento leve a uma prática, de fato, inclusiva.

Por fim, o *podcast* faz projeções sobre o futuro da moda, propondo a reflexão sobre a possibilidade de vislumbrar uma moda efetivamente inclusiva "[...] de uma forma que os impactos da moda no nosso imaginário sejam outros que não apenas essa ideia de cultuar uma magreza absoluta" Diante do questionamento, a convidada destaca o lugar de resistência de pequenas marcas que pensam a diversidade corporal, especificamente quando falamos da moda

plus size. Mas também lembra que a diversidade não se restringe à dimensão do peso, a moda pode e deve ser pensada para abarcar uma amplitude maior de corporalidades, como marcas afro e voltadas para pessoas com deficiência. Por outro lado, aponta para um cenário pouco animador pensando em grandes mercados, como lojas de departamento, que abrangem um consumo massivo. Para Aires, essas marcas continuarão a fazer uma inclusão falsa, como a praticada pela *Victoria's Secrets*.

Holofote interseccionalidade

Por meio do terceiro e último holofote buscamos compreender como os atravessamentos interseccionais são abordados no episódio analisado. A problematização dos eixos de opressão, relacionados ao padrão de beleza, notadamente, peso, raça e idade, aparecem nos holofotes anteriores. No entanto, a partir de agora, seguindo a recomendação de Carrera (2021), buscamos ir além da descrição das diferenças. Ou seja, intencionamos compreender como os cruzamentos entre os eixos de subordinação são abordados e o modo como isso pode nos dizer das representações sobre a beleza contemporânea construídas em *Café da Manhã*.

Um dos atravessamentos que se coloca evidente no *podcast* é aquele que demonstra que, mesmo no interior de um mesmo grupo socialmente minorizado, a vivência da opressão pode se configurar de forma diferente. No ativismo gordo e nos estudos das corporalidades gordas, as terminologias “gorda(o) maior” e “gorda(o) menor” são usadas para evidenciar a diversidade de experiências das pessoas gordas. A intenção não é encaixá-las em uma determinada categoria, mas demonstrar que, quando falamos sobre mulheres gordas, por exemplo, quanto maior o seu tamanho, maiores os processos de exclusão e invisibilização.

No caso do objeto analisado, essa questão relaciona-se com a prática do *diversity washing*, já discutida no tópico anterior. Os apresentadores problematizam: “Os comentários [do público nas redes sociais] apontaram, por exemplo, que as modelos *plus size* eram menos magras que as outras, mas

estavam longe de serem gordas”. Ou seja, é possível depreender que existe uma figura que representa as modelos não-magras eleitas pela *Victoria's Secrets* para compor o desfile: a gorda palatável.

A gorda palatável é aquela não muito gorda, curvilínea, com pouca barriga, com poucas marcas corporais, como celulite e estrias, e quase sempre branca. É possível observar que, a despeito de haver a presença de uma mulher gorda, o que acaba sendo reforçado é um padrão aceitável, muitas vezes, nomeado pejorativamente como a gorda “ajeitadinha”. Nesse sentido, a gorda palatável é aquela que, apesar de ser gorda, está mais próxima do padrão de beleza e, em alguma instância, traz em seu corpo algo que podemos ler como uma “performance da magreza” (Carneiro, 2024, p. 80).

Essa conceituação se dá em diálogo com a “gorda *light*” (Pilger, 2021) e da própria definição de mulher *plus size* que Aliana Aires apresenta em seu livro, “De gorda a *plus size*: a moda do tamanho grande”, e comenta no *podcast*: “O máximo que ela vai trazer é um diferente embalado na mesma embalagem do igual, corpo padrão, que é o que a gente está vendo aí no desfile da *Victoria's Secrets* e no de tantas outras marcas”.

Como explica Aires (2019), a terminologia *plus size*, originalmente uma categoria de moda, passa a emergir como uma identidade de um grupo que, até então, não era considerado como mercado consumidor viável. Ou seja, é uma categoria diretamente alinhada com os ideais capitalistas e que não aceita as mulheres como gordas: “As convocações midiáticas e de consumo para o estilo de vida *plus size* formam a identidade de uma mulher que alcança liberdade para ser bela, trabalhar e ter uma vida sexual, desde que seja uma consumidora, e é através do consumo que acessa sua identidade de mulher *plus size*” (Aires, 2019, p. 178).

Outra questão problematizada pelo programa foi a de que as modelos não-magras (e também as mais velhas) se apresentaram com roupas que cobriam mais o corpo, o que foi comentado pela convidada: “Se eu sou gordo, se eu sou mais velho, eu não tenho direito a usar uma *cropped*, a mostrar minha barriga, né? Então, é isso que a sociedade está me dizendo quando eu vejo essas imagens, mais vestidas nos corpos gordos, idosos, enfim”. Ou seja, é possível se

questionar quais corpos estão autorizados à exposição corporal e à nudez na nossa sociedade. Essa dinâmica é denominada por Sibilia (2014) como a tensão entre silhuetas “poluídas”, como as mulheres gordas, em contraposição às “silhuetas polidas”, inscritas na lógica da cultura midiática, como as *angels* Adriana Lima e Gigi Hadid, por exemplo.

Ainda que com menor protagonismo, o *podcast* também problematiza outros atravessamentos interseccionais, como o peso e a raça, presentes na fala da entrevistada, com tom didático, a seguir:

Então eles buscam, tudo bem, vamos incluir, mas vamos buscar a gorda mais próxima dentro do padrão. Então, geralmente é uma gorda branca, você nunca viu nas gordas que eles trouxeram uma interseccionalidade, que é o caso, por exemplo, de você pegar dois corpos periféricos, por exemplo, o gordo e o negro, uma mulher que é gorda e que é negra ao mesmo tempo (Café da Manhã, 2024).

O mesmo ocorre quando pensamos na presença de mulheres mais velhas para o desfile da marca. O *podcast* evidencia que, apesar de ocupar um lugar de sujeição, quando falamos sobre gênero e idade, são mulheres que, em muitos outros aspectos, ocupam um lugar de privilégio: modelos internacionais, brancas e magras.

Apesar desse cenário, a convidada Aliana Aires observa alguns avanços, com destaque para a presença de pessoas negras nos desfiles. No entanto, a especialista destaca a importância de uma inclusão real, denominada por ela como a “modelo interseccional”, com diferentes atravessamentos e que representam diferentes pessoas: “mulheres mastectomizadas, mulheres amputadas, uma pessoa idosa, negra”.

Considerações finais

Nesta pesquisa, partimos de um episódio do *podcast* *Café da Manhã* - “A diversidade na moda saiu de moda?” - para investigar como a comunicação radiofônica pode atuar na (re)construção das representações sobre o padrão de beleza contemporâneo, fomentando uma reflexão crítica sobre a temática. O nosso solo teórico conceitual foi fundamentado na perspectiva das

epistemologias plurais (Lopez; Betti; Freire, 2024) e adotamos a interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021) como dispositivo teórico-metodológico do trabalho. Partimos da compreensão do padrão de beleza a partir de quatro valores fundamentais: a saúde, a magreza, a branquitude e a juventude. Para análise do objeto, propusemos uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo e, para isso, acionamos a Metodologia Holofote (Carneiro, 2024), iluminando três eixos narrativos principais: o padrão de beleza, a moda e a interseccionalidade.

O acionamento do Holofote Padrão de beleza nos mostra que o *podcast Café da Manhã* apresenta esse ideal como excludente e pouco diverso. Nesse universo de sentidos, os valores fundamentais, como a magreza, a branquitude e a juventude são problematizados, com destaque para o primeiro. Esse enfoque pode ser contextualizado, em primeiro lugar, pela própria temática do programa e do histórico de associação da *Victoria's Secrets* ao ideário da magreza, mas, também, pela escolha da entrevistada, Aliana Aires.

Apesar de demonstrar uma compreensão interseccional das implicações da pressão estética, Aires é uma fonte que possui autoridade, especialmente nas discussões relacionadas às corporalidades gordas. Se pensarmos na tipificação proposta por Charaudeau (2009), sobre o uso das estratégias discursivas, é possível depreender que a entrevistada parte de um reconhecimento conferido pelo seu status, o que se configura como uma estratégia de legitimação na troca interativa. É o que ela faz, por exemplo, ao fazer referência ao seu livro “De gorda a *plus size*: a moda do tamanho grande”. Ou seja, a professora é uma especialista e tem propriedade, de base científica, para opinar sobre a temática.

Desse lugar de autoridade, a entrevistada realiza um movimento importante, de tradução de uma linguagem acadêmica para uma linguagem adequada à comunicação radiofônica, mais coloquial e próxima do ouvinte. Por outro lado, apesar de se vender como um *podcast* que adota uma linguagem “simples”, nesse episódio é recorrente o uso de termos em inglês, pelos apresentadores e pela convidada: “*Body positive*”, “*The Perfect Body*”, “*fashion*”

show", *visibilidade "fake"*, entre outros. Pensando em um cenário de inclusão, o uso desses termos, muitas vezes sem contextualização, acaba por excluir aqueles que não têm o domínio da língua inglesa.

Ao ligar o Holofote Moda se ilumina um cenário de retroalimentação. Ao mesmo tempo em que a moda reproduz o padrão de beleza, ela tem papel fundamental na sua manutenção. Se a moda é cultura e está em diálogo com os valores que compartilhamos socialmente, refletimos, por meio dela, as estruturas sociais de opressão que regem a nossa sociedade: ela é pensada por e para pessoas magras.

Às pessoas que não correspondem a esse ideal de beleza, especialmente as gordas, é negado o direito de acesso à moda e de se ver na moda. Nesse contexto, não é a roupa que deve ser pensada para acolher as diferentes corporalidades, mas o sujeito que deve se adequar a um padrão único. Algumas empresas, como a *Victoria's Secrets*, chegam a flertar com a diversidade, mas sem demonstrar um interesse genuíno em, de fato, incluir. Não há compromisso ético, mas somente a preocupação em ganhar projeção e aumentar os lucros, configurando o *diversity washing*. Apesar de trazer apontamentos importantes sobre moda e padrão de beleza, considerando que o *Café da Manhã* é um *podcast* jornalístico, a apresentação de dados sobre pesquisas recentes a respeito das temáticas que aborda poderia potencializar a criticidade do debate.

No Holofote Interseccional, foi possível apreender que os sentidos relacionados à beleza - e a crítica ao padrão corporal - são construídos considerando diferentes eixos de subordinação, com destaque, mais uma vez, para o peso. Essa constatação se dá, em primeiro lugar, pela vivência compartilhada, mas, também, individual entre as mulheres gordas. Na moda e, de modo específico, na marca *Victoria's Secret's*, não há espaço para gordas maiores. As mulheres fora do padrão, aceitas nesses espaços, são aquelas que, mesmo no interior de um grupo socialmente minorizado, atendem a certos requisitos, também impostos pelo ideal de beleza: a gorda palatável (Carneiro, 2024).

Quando diversificamos as nossas lentes interseccionais, trazendo à tona atravessamentos entre peso e raça, peso e idade, peso, idade e raça, entre outros, o que fica evidente é que a marca “joga” com os atravessamentos para aderir a um suposto ideal de diversidade. Na prática: se for uma mulher gorda, não pode ser muito gorda; se for uma mulher gorda, não pode ser também negra; se for uma mulher mais velha, não pode ser gorda e negra. Nessa dinâmica, fica evidente que o programa aborda, principalmente, três valores fundamentais do ideal de beleza contemporâneo, a magreza, a branquitude e a juventude, mas não dão destaque a outras corporalidades dissidentes, como pessoas com deficiência e LGBTQIAPN+.

Ao ligar os três holofotes ao mesmo tempo e entrecruzar os achados, é possível depreender que o programa concebe o ideal de beleza contemporâneo como excludente, reforçando os valores fundamentais que o sustentam, com destaque para a magreza. Além disso, dá relevo ao papel da moda como produtora e reprodutora desse ideal e aos atravessamentos interseccionais que estabelecem os lugares de (in)visibilidade para determinadas corporalidades.

Olhar para os sentidos sobre o ideal de beleza, construídos por meio do *podcast*, é refletir também sobre os valores que compartilhamos. Se os valores sociais são as nossas referências culturais (Coêlho; Corrêa, 2014), ou seja, quem somos enquanto sociedade, a comunicação radiofônica pode promover uma reflexão crítica sobre a realidade, vislumbrando novos futuros possíveis, em um cenário mais justo e diverso.

Nesse ponto, visamos contribuir para o entendimento sobre o papel da comunicação radiofônica na construção das representações sobre grupos socialmente minorizados, em um cenário marcado por processos de estereotipagem e invisibilidade.

Em muitos casos, suas experiências são estigmatizadas ou reduzidas a representações estereotipadas, o que contribui para reforçar ideias preconceituosas. Analisar essas representações no rádio e nos podcasts é essencial para entender como essas vozes são silenciadas ou manipuladas, e os impactos que isso tem na percepção pública sobre esses grupos (Andrade, 2025b, p. 8).

No episódio analisado, as questões relacionadas à vivência das pessoas gordas ganham protagonismo, dando ênfase às dimensões da gordofobia, como a pressão estética e a falta de acesso à moda. A própria escolha da entrevistada, uma mulher gorda, é um movimento em direção à uma visibilização dessas pautas, muitas vezes, entendidas como vitimismo ou “mimimi”.

Ao longo do programa, isso fica evidente uma vez que, em diversos momentos, a entrevistada parte do seu lugar de fala (Ribeiro, 2019) e das suas experiências pessoais para tensionar questões relacionadas à temática do *podcast*. Assim, se partimos da visada das epistemologias plurais, é importante refletir sobre o modo como as vozes que falam (e que são escolhidas para falar) na comunicação radiofônica influenciam na maneira como as representações são construídas.

Ao vislumbrar pesquisas futuras sobre a temática, muitos caminhos se apresentam como profícuos, como a diversificação e ampliação do objeto empírico, por meio da análise de outros *podcasts* que problematizam a temática. Além disso, é possível pensar em outras reverberações relacionadas ao desfile da *Victoria's Secrets*, realizado em 2024, observando, por exemplo, as mudanças e/ou permanências a partir do evento promovido mais recentemente, em 15 de outubro de 2025. Também tem potencial a realização de um comparativo com o *show* promovido pela *Savage x Fenty*, marca co-fundada pela cantora e empresária Rihanna, em 2018, e que possui uma trajetória reconhecida de acolhimento da diversidade corporal. Por fim, acreditamos ser importante, em pesquisas futuras, acionar um holofote que abarque as dimensões da comunicação radiofônica para que seja possível avançar na análise da influência da composição sonora na construção das representações sobre o padrão de beleza.

Bibliografia

AIRES, Aliana Barbosa. **De gorda à plus size**: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo - entre Brasil e EUA. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e

Marketing (ESPM), São Paulo, 2019.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2021.

ANDRADE, Alice Oliveira de. Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 08-36, jan./abr. 2025a.

ANDRADE, Alice Oliveira de. POR UM RÁDIO QUE ROMPA SILÊNCIOS E SILENCIAMENTOS: referenciais epistemológicos de raça e gênero para pensar o jornalismo sonoro. **Anais do 34º Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, 2025b.

ARRUDA, Agnes. O peso e a mídia: as faces da gordofobia. São Paulo: Alameda, 2021.

CAFÉ DA MANHÃ. **A diversidade na moda saiu de moda?** Café da Manhã, podcast, Folha de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/07sjX2HJy0Czl6zU2BHOpw> Acesso em: 1 nov. 2025.

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. **Celebridades-resistência**: um olhar pragmatista e interseccional para as ações de Preta Gil e Thais Carla no enfrentamento à gordofobia e a outras opressões. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. **Liinc Em Revista**, v. 17, n. 2, e5715, 2021a.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v. 24, jan./dez. 2021b.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COÊLHO, Tamires; CORRÊA, Laura Guimarães. Normas e valores. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, UFSC, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DRUMMOND, Leonardo. Conceitos introdutórios de DE&I. Comunicação, diversidade e inclusão [livro eletrônico]: diálogo entre academia e mercado. Organizadores Ettore Medeiros, Letícia Lins, Pâmela Guimarães-Silva. - Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2024.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. (Orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora PUC-Rio, 2004.

FLOR, Gisele. Corpo, mídia e status social: reflexões sobre os padrões de beleza. **Revista Estudos de Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, set./dez. 2009.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Apicuri, 2016.

HOLANDA, Camila Soares. **Jornalismo e interseccionalidade**: a temática “aborto” nos podcasts Angu de grilo, Café da manhã e Mamilos. 2024. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2020.

LIMA, Vanessa Figueiredo. Gordofobia, gênero, classe, raça, sexualidade: uma questão de saúde. In: SAMYN, Henrique Marques; ARAO, Lina. **Feminismos dissidentes**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Jandaíra, 2021.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais. **Anais do 33º Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. **La Trama de la Comunicación** - Volumen 29 Número 1 - enero a junio, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; ROZA, Sabrina; SILVA, Ariane Stéfanie da. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. **Revista Encuentros Latinoamericanos**. Segunda época, vol. IX, n. 1, enero-junio, 2025.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 234-237.

PILGER, Caroline Roveda. **As gordas saem do armário... e entram no closet**: interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista Donna. 2021. 346f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SIBILIA, Paula. A politização da nudez: Entre a eficácia reivindicativa e a obscenidade real. **Anais 23º Encontro Anual da Compós**. Pará: UFPA, 2014.

SPOTIFY divulga retrospectiva 2024; veja as músicas e os artistas mais ouvidos no Brasil este ano. **O Tempo**, 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/2024/12/4/spotify-divulga-retrospectiva-2024--veja-as-musicas-e-artistas-m> Acesso em: 29 out. 2025.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 1, p. 109-144, mar. 2005.

Tramas coloniais e enredamentos epistemológicos

Colonial plots and epistemological entanglements

Tramas coloniales y enredos epistemológicos

Juliana Gobbi Betti; Ariane Stefanie da Silva; Sabrina Kelly Roza

Resumo

Este artigo buscou compreender como o podcast Tramas Coloniais discute e apresenta a crítica ao conhecimento hegemônico, recuperando a história do colonialismo e valorizando a perspectiva local das nações africanas. Para isso, realiza uma análise de caráter exploratório e descritivo, considerando as estratégias pedagógicas acionadas na narrativa e a especificidade do objeto sonoro a partir de uma perspectiva epistemológica plural.

Palavras-chave: Tramas coloniais; Podcast; Epistemologias plurais.

Resumen

Este artículo busca comprender cómo el podcast Tramas Coloniais aborda y presenta una crítica del conocimiento hegemónico, revisando la historia del colonialismo y valorando la perspectiva local de las naciones africanas. Para ello, se realiza un análisis exploratorio y descriptivo, considerando las estrategias pedagógicas empleadas en la narrativa y la especificidad del objeto sonoro desde una perspectiva epistemológica plural.

Palabras clave: Tramas Coloniais; podcast; epistemologías plurales.

>> Como citar este texto:

BETTI, Juliana Gobbi; SILVA, Ariane Stéfanie da; ROZA, Sabrina Kelly. Tramas Coloniais em Perspectivas Plurais. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 78-102, jan./abr. 2022.

Sobre a autoria

Juliana Gobbi Betti
jugobbibetti@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5948-7966>

Doutora e Mestra em Jornalismo pela UFSC, pesquisadora visitante no PPGCOM-UFOP. Bolsista Fapemig. Integra o grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor) e co-cordena o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Ariane Stefanie da Silva
ariane.stefanie@aluno.ufop.br
<https://orcid.org/0009-0003-6262-1101>

Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisa gênero, representação e mídia. Integra o grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor) e o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Sabrina Kelly Roza
sabrina.roza@aluno.ufop.br
<https://orcid.org/0009-0001-2754-6383>

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisa representações de mulheres negras em sistemas de inteligência artificial generativa (GenIAs). Integra o Conjor e o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Abstract

This article aims to understand how the Tramas Coloniais podcast discusses and presents a critique of hegemonic knowledge, revisiting the history of colonialism and valuing the local perspective of African nations. Hence, it conducts an exploratory and descriptive analysis, considering the pedagogical strategies employed in the narrative and the specificity of the sound object from a plural epistemological perspective.

Keywords: Tramas coloniais; Podcast; Plural epistemologies.

Introdução

Há pouco mais de 20 anos, em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei n.10.639, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Sem dúvidas, tal legislação representa um avanço importante para a educação nacional, reconhecendo a necessidade de ampliar o conhecimento da sociedade brasileira sobre o tema e intervindo para contribuir com a transformação desse cenário. No entanto, o pouco conhecimento da população sobre tudo aquilo o que se refere aos países africanos não é uma questão relacionada apenas à ausência de conteúdos específicos nos currículos escolares. Com raízes históricas que remetem ao período colonial, esse desconhecimento vem sendo promovido pelas mesmas bases estruturais racistas que ajuda a sustentar, vinculando-se ao complexo enredamento de fatores culturais, econômicos e políticos que caracterizam nossa sociedade. Assim, para além da educação formal, outros espaços de formação, convívio e consumo são essenciais para proporcionar o oferecimento de um quadro de narrativas mais diversas, como já nos alertava Mario Kaplún (2017, p. 24) ao defender que o rádio integra um processo de educação permanente e que as produções sonoras "influenciam a formação de valores e as pautas de comportamento do público". Uma concepção que continua atual e pode ser estendida aos podcasts, embora tenha sido pensada a partir de outro panorama midiático, há quase cinco décadas.

É com esta perspectiva sobre o potencial educativo das produções sonoras que analisamos o “Tramas coloniais”, um podcast narrativo que se propõe a discutir o colonialismo em África. Com uma abordagem exploratória e descritiva (Marconi; Lakatos, 2021; Mustafá, 2024), observamos a utilização de estratégias pedagógicas (Betti, 2021) e elementos auditáveis do som (Meditsch; Betti, 2019) na construção da narrativa. Igualmente, damos continuidade à reflexão epistemológica iniciada em estudos anteriores (Lopez; Betti; Freire, 2025).

Optamos por centralizar a análise no segundo episódio, que se direciona à questão do conhecimento. A produção coloca em debate a forma como a educação e a ciência foram moldadas pelo colonialismo e, também, como foram (e são) utilizadas em estratégias de obtenção e manutenção do poder colonial. Para além, igualmente traz iniciativas de resistência registradas ao longo da história, até os dias de hoje.

A partir da crítica decolonial, buscamos contextualizar a atualidade e os reflexos contemporâneos do colonialismo, destacando sua relação com a produção de conhecimento. Então, apresentamos os procedimentos metodológicos e as reflexões advindas das análises.

Contribuições do pensamento decolonial à crítica do conhecimento

O pensamento decolonial surge como reflexão crítica às estruturas coloniais que foram enraizadas nas sociedades e permaneceram atuando como formas de opressão sobre determinados povos e culturas, mesmo após sua emancipação. Para além de compreender, a decolonialidade busca questionar tais estruturas e formas de dominação oriundas do pensamento ocidental eurocêntrico, e suas consequências sobre a maneira de pensar, saber e ser de diferentes grupos e nações, sendo uma opção epistêmica, teórica e política (Ballestrin, 2013). Portanto, para entender o pensamento decolonial é igualmente necessário compreender conceitos e processos que vieram à priori, como a colonialidade.

A colonialidade do poder, termo cunhado por Aníbal Quijano (2005, p. 117), tem sua origem na colonização das Américas e no desenvolvimento do capitalismo,

que a consolidou como uma forma de dominação global. Entre os principais e mais marcantes eixos desse sistema, está a diferenciação de “raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica: o eurocentrismo” (Quijano, 2005, p. 227).

Conforme argumenta Quijano (2005, p. 121), durante o período colonial foram produzidas novas identidades sociais, colocando a raça e a identidade racial como referências centrais da classificação social que amparava as relações entre os sujeitos colonizadores e colonizados, implicando no “controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento”. Assim, as identidades, que geralmente remetiam à identificação da origem no sentido geográfico, passam a ser instrumentos de hierarquização, colocando os povos colonizados em categorias consideradas inferiores e desvalorizando sua existência como um todo.

Walter Mignolo (2017, p. 14) destaca que as bases da decolonialidade foram estabelecidas na Conferência de Bandung de 1955, na qual 29 países da Ásia e África se reuniram com o objetivo de encontrar uma visão comum para um futuro, mas que pudesse ser diferente dos sistemas hegemônicos em disputa.

Não se tratava de uma “terceira via” ao estilo de Giddens, mas de desprender-se das principais macro-narrativas ocidentais. Foi imitada pela conferência dos Países Não Alinhados que aconteceu em Belgrado em 1961, na qual vários estados latino-americanos somaram suas forças aos asiáticos e africanos. Os condenados da terra de Frantz Fanon foi publicado também em 1961. Faz, portanto, 53 anos que se estabeleceram os fundamentos políticos e epistêmicos da decolonialidade (Mignolo, 2017, p. 15).

Dessa forma, a Conferência de Bandung representou um marco na reflexão sobre outras formas de organização política, econômica e social, e igualmente abriu caminhos para a construção de epistemologias e práticas que as afastassem das narrativas ocidentais.

Mignolo (2017) reforça que a decolonialidade não se apresenta como

tentativa de substituir paradigmas existentes, mas surge como uma opção que visa romper com as hierarquias estabelecidas pelo pensamento eurocêntrico. Nesse sentido, ao se desvincular dessas estruturas, a decolonialidade se propõe a pensar e a reconhecer a pluralidade dos indivíduos e de seus saberes, legitimando assim seus conhecimentos. Logo, defendendo que a modernidade e a colonialidade se constituem alicerces do padrão de dominação e do poder capitalista, o pensamento decolonial é diverso e se ampara em

[...] um amplo número de fontes, desde as teorias críticas europeias e norte-americanas da modernidade até o grupo sul-asiático de estudos subalternos, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial e a filosofia africana. (...) Sua principal força orientadora, no entanto, é uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos (Escobar, 2003 apud Ballestrin, 2013, p. 99).

A decolonialidade, no entanto, não se limita ao campo teórico, mas visa se manifestar como uma ferramenta política capaz de identificar as hierarquias de poder e trazer conhecimentos necessários para lutar contra as imposições que lhes são inerentes.

Neste sentido, Maria Lugones (2014, p. 935) defende que “lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade”. A autora salienta que o colonialismo não apenas impôs hierarquias raciais, mas reestruturou as relações criando distinções, inclusive, sobre aqueles que seriam considerados humanos e não humanos.

[...] compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (Lugones, 2014, p. 936)

O argumento de Lugones (2014) aponta que o colonialismo, além de racializar os corpos, estruturou-os em um sistema de gênero que colaborou para a desumanização desses indivíduos. Assim, essas categorias foram usadas para legitimar a opressão racial, que para as mulheres negras acaba ainda hoje se alternando entre a hipersexualização e a invisibilidade e para os homens negros se fixa atrelando-os à uma tendência ao comportamento violento. Ao mesmo tempo,

[...] o homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (Lugones, 2014, p. 936)

Dessa maneira, a crítica à colonialidade do gênero mostra que raça e gênero faziam parte do projeto de dominação, reforçando as hierarquias de poder existentes ao privilegiar sujeitos e culturas eurocêtricos.

Nesse contexto, a desobediência epistêmica proposta por Mignolo (2021) é fundamental para romper com a epistemologia dominante. Para o autor (Mignolo, 2021, p. 27), desobediência epistêmica significa o ato de desvincular-se da ilusão da epistemologia do ponto zero. A desobediência epistêmica conduz a alternativas decoloniais que compartilham o objetivo de resistir aos impactos do colonialismo, cujas consequências afetaram diversas populações, sendo estas submetidas à expropriação de terras e recursos, imposição de autoridades monárquicas, estatais ou religiosas, ao controle militar e policial, bem como a colonização dos saberes, línguas, sistemas de crenças e subjetividades (Mignolo, 2011, p. 45).

Entender a decolonialidade como aparato epistemológico na construção de saberes científicos é, portanto, romper com a ideia eurocentrada e colonial da ciência hegemônica. Quando direcionamos nosso olhar para a Comunicação, Eloína Castro Lara (2022) afirma que o campo, por si só, já representa um espaço de disputa de sentidos onde a hegemonia do discurso se escora sob pilares eurocentristas e colonizadores.

Assim, a própria lógica do campo é construída através do silenciamento de outras formas de racionalidade, na colonização da linguagem e do discurso, na subordinação e na “construção parcial do outro, que configura e limita o ser, o poder, o saber e o fazer a partir da potência da comunicação” (Lara, 2022, p. 37, tradução nossa¹).

Dessa forma, se torna importante olhar para a Comunicação como possibilidade de resistência e espaço para a construção de discursos contra-hegemônicos. Nesse sentido, a decolonialidade passa a ser apropriada pelos estudos em Comunicação, de forma a

[...] repensar e recuperar outras formas próprias de pensar em tensão com as relações epistêmico-políticas e as afirmações de conhecimento que se produzem no ser-saber-poder-fazer comunicacional na região latinoamericana desde sua institucionalização e que ainda é funcional à representação colonial e os esquemas cognitivos impostos pela posição geohistórica que ocupa (Lara, 2022, p. 36, tradução nossa²)

Para a autora, aplicar uma perspectiva decolonial na Comunicação necessita de um olhar para quatro eixos principais: História, Política, Ética e Território (Lara, 2022). Inicialmente, decolonizar a história implica em expor as lógicas de funcionamento interno que a levaram a existir, desarticular as maneiras de se fazer história e colocar em pauta visões próprias do território e da cultura de onde se parte a análise, o que, de acordo com Lara (2022, p. 39), não ocorre, devido ao silenciamento de outros saberes pelos arquivos e historiadores.

Decolonizar o caráter político da Comunicação significa optar por tramas que disputam o controle discursivo e simbólico, resistindo contra a violência racial e epistêmica dos meios informativos e midiáticos (Lara, 2022). Pensar os processos de decolonizar o campo, através da política, significa reconhecer outras identidades,

¹ Do original: [...] En la construcción parcializada del otro, que configuran y limitan el ser, poder, conocer y hacer desde la potencia comunicacional.

² Do original: [...] (re) pensar y recuperar unos otros pensares propios en tensión con las relaciones epistémico-políticas y las afirmaciones de conocimiento que se producen en el ser-saber-poder-hacer comunicacional del establishment cientificista occidental, que han determinado el tipo de pensamiento comunicacional en la región latinoamericana desde su institucionalización y que aún es funcional a las representaciones coloniales y a los esquemas cognitivos impuestos por la posición geohistórica que se ocupa.

aceitar outros regimes de comunicação, assim como movimentos de resistência que buscam deslegitimar discursos construídos a partir de um imaginário eurocentrado, que promovem ideais racistas e de múltiplas opressões (Lara, 2022).

Uma ética da Comunicação, construída através da matriz colonial, invisibiliza e silencia sujeitos e suas narrativas, normalizando histórias violentas, racistas e de exclusão (Lara, 2022). Assim, decolonizar a ética moderna/colonial significa

[...] a destruição de valores traçados pelas lógicas capitalistas globalizantes ancoradas em projetos de morte. Se trata, portanto, de ressignificar a vida e fazer uma aposta autoconsciente de reconhecimento pelo direito do outro a ser, conhecer, poder, dizer e fazer, que articulem outras formas de existências além das do sujeito colonial (Lara, 2022, p. 41, tradução nossa³)

Por fim, olhar para o território significa romper com o espaço colonizador que cria abismos entre a natureza e os seres humanos, sujeitos (colonizadores) e não sujeitos (colonizados). É direcionar a importância do território para o sentimento de coletividade, do pertencimento e do saber. É perceber, como observado por Lara (2022, p. 44, tradução nossa⁴) como o “território forja a corporalidade, o sentido de comunidade e a cosmologia a partir da qual somos, sabemos, podemos, fazemos e sentimos.

Portanto, além da necessidade de distanciamento, destaca-se a urgência de ampliarmos a crítica ao pensamento e às práticas coloniais, potencializando o espaço e a voz de outros saberes e formas de ver o mundo a partir da mídia e dos espaços de informação. Ao pensarmos em romper com o discurso hegemônico moderno/colonial, a mídia pode ser um espaço potente para que isso ocorra na prática.

Na esfera da produção sonora, observamos o potencial do podcast para

³ Do original: Decolonizar la ética del proyecto Moderno/Colonial implica la destitución de los valores trazados por las lógicas capitalistas globalizantes ancladas en proyectos de muerte. Se trata por tanto de re-significar la vida y hacer una apuesta autoconsciente de reconocimiento por el derecho del otro a ser, conocer, poder, decir y hacer, que articulen otras formas de existencia más allá de las del sujeto colonial.

⁴ Do original: el territorio forja la corporalidad, el sentido de comunidad y la cosmología desde las cuales somos, conocemos, podemos, hacemos y sentimos.

aproximação do público com a divulgação científica, devido a sua acessibilidade, flexibilidade de consumo e popularização nos últimos anos. Ao trazer discussões de cunho científico para o formato de áudio digital, os podcasts podem funcionar como uma forma de democratização do conhecimento, consolidando-se como uma potente ferramenta de divulgação científica, com maior abertura aos saberes diversos. Como é o caso do Tramas Coloniais.

“Tramas coloniais” na perspectiva decolonial

Tendo como foco a história da colonização da África, o podcast Tramas coloniais discute não só as complexidades e opressões durante o período colonial, mas também seus impactos na atualidade e na forma como compreendemos o mundo. Tendo como slogan “uma imersão no passado para tentar entender o presente e, quem sabe, projetar o futuro”, o podcast propõe olhar para a colonização a partir de suas complexidades e das nuances que contribuíram para que seus ideais permanecessem arraigados nos países colonizados, resistindo aos processos de emancipação e independência.

Com sete episódios no total, publicados entre outubro e novembro de 2024, Tramas Coloniais aborda temas como a origem da colonização, as relações do colonialismo com território, conhecimento e racismo, além de formas de resistência e resgate da memória africana.

Quadro 1. Lista de Episódios

EPISÓDIO	TÍTULO	DURAÇÃO
1	O que é colonialismo?	36'23"
2	De onde vem seu conhecimento?	42'48"
3	Quem pode nos julgar?	42'47"
4	Qual a cor do projeto colonial?	39'00"
5	Por que tem gente que acha isso bonito?	50'39"
6	Quem manda no chão?	47'16"

7	É possível lembrar de outro jeito?	54'49"
---	------------------------------------	--------

Fonte: Elaborado pelas autoras com informações do podcast Tramas coloniais (2024)

Com realização da produtora Escuta Aqui, o projeto é fruto de uma parceria entre as pesquisadoras Fernanda Thomaz, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Raquel Sirotti, do Max-Planck-Institut für europäische Rechtsgeschichte, na Alemanha. De acordo com a ficha técnica, a equipe conta com a contribuição de: Mauro Manhanguale, Karolyne Mendes e Bianca Silva (pesquisa e entrevista); Raquel Sirotti (produção e apresentação); Gabriela Montoni (apresentação e supervisão dos roteiros); Janaína Oliveira e Caio Santos (locuções adicionais); Marcelo Londoño (gravações de campo e fotografia); Rodrigo Alves (roteiros e direção geral); Thales Ramos (supervisão dos roteiros); Clara Costa (edição e desenho de som); Giovanna Orsini (assistente de edição); Gabriel Falcão (trilha sonora original); Danny Dee (supervisão técnica); Tiago Rogero (consultoria de locução); Mayara Ferrão (identidade visual e ilustrações); Mariana Tavares (site) e Emily Sabino (redes sociais).

A produção está disponível nas plataformas Spotify, Deezer e Apple Music, e em seu site oficial⁵, que, além dos episódios, conta com conteúdos extras como: transcrição do roteiro, indicações de leitura, arquivos de imagem e audiovisuais utilizados ou comentados nos episódios e outros materiais históricos. Nas redes sociais, possui perfis no Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e Bluesky.

Conforme anteriormente explicitado, a análise aqui proposta parte da discussão apresentada por Lopez, Betti, Freire (2025) ao defenderem uma maior pluralidade epistemológica para os estudos radiofônicos. Empreendemos um movimento ainda exploratório, buscando refletir sobre técnicas e procedimentos de análise que respeitem a especificidade do objeto sonoro. Optamos por conduzir um estudo de caráter descritivo, destacando não apenas o conteúdo do podcast, mas como o debate se reflete na própria produção, tendo em conta ainda as estratégias

⁵ Site oficial do Tramas Coloniais: <https://tramascoloniais.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

pedagógicas acionadas (Betti, 2021) e os elementos auditáveis do som (Meditsch; Betti, 2019).

Intitulado “De onde vem o seu conhecimento?”, o segundo episódio da série e foco desta análise, possui a seguinte descrição no site:

De que forma o conhecimento na África é moldado pelo colonialismo? A ciência ocidental como ferramenta de domínio, a antropologia a serviço da colonização, o papel de católicos e protestantes na imposição de novos saberes e crenças. A educação como instrumento de controle, mas também de resistência. Fomos até a casa da primeira professora universitária da Nigéria e participamos de um encontro em Moçambique que reuniu sob o mesmo teto a produção acadêmica e os saberes locais. (Tramas Coloniais, 2024)

O episódio inicia com uma ambientação sonora, o primeiro som a chamar atenção do ouvinte é o acionamento do alarme de um carro envolto em muitas conversas. O alarme cumpre dupla função, servindo tanto de ambientar o que parece ser a chegada de alguém ao local quanto de despertar a atenção do ouvinte para o pronto início da narrativa. As pessoas conversando também ajudam a construir o cenário sonoro do ambiente, aludindo à movimentação de um pátio universitário no início de um período de aulas. Ainda, o som de um instrumento de percussão, utilizado como BG, vai estabelecendo o ritmo e criando outra camada de ligação entre a fala e a ambientação.

A locutora (Raquel Sirotti) se apresenta e convida a audiência para acompanhá-la em sua ida à Universidade Pedagógica de Maputo, em Moçambique, relatando sobre o objetivo de sua presença lá, em novembro de 2023: participar de uma conferência internacional que discutiria a produção de conhecimento, refletindo “sobre quem produz, quem detém, quem manipula e quem ganha dinheiro e reconhecimento com isso” (Tramas coloniais, 2024). Fornecendo algumas informações básicas que nos dão mais pistas sobre o local - como a quantidade de estudantes matriculados -, pede que imaginemos uma cena, iniciando o áudio de um vídeo gravado por ela. Trata-se de um canto de mulheres acompanhado de algumas palmas, uma sonoridade que lembra cantigas femininas populares, como os chamados cantos de trabalho, remetendo à celebração e à coletividade. Com o áudio ao fundo, a locutora inicia a descrição da cena retratando de forma simples o

local e explicando que as mulheres estão cantando e dançando para chamarem as pessoas para o (re)início das atividades da conferência. Uma palavra de origem *tsonga*⁶ é evocada para falar sobre a forma como elas estão vestidas, utilizando capulanas. A definição “panos longos coloridos muito tradicionais em Moçambique” vem seguida da forma que elas utilizam, “amarrados em volta da cintura como se fosse uma saia”, logo após a menção à capulana. E assim, a locutora vai detalhando a cena ao mesmo tempo em que apresenta elementos da cultura local. A seguir, conta que tais mulheres também estavam participando da conferência, afirmando que são *Nyangas*. É interessante observar que a explicação sobre o que termo não vem de um diálogo do momento e nem de uma representante do grupo, mas de outro pesquisador, um homem, em entrevista gravada alguns dias depois do evento. Este homem é Benjamim Macuácua, sociólogo e pós-graduado na área de Antropologia Médica e Saúde Pública, e que se identifica também como *Nyanga*, explicando que:

[...] quando nós falamos do *Nyanga*, nós estamos a falar do pacote completo. Estamos a falar de um produto final, ok? Mas este produto final é um produto de um processo, um processo muito complexo. O *Nyanga* é aquela pessoa, na nossa cultura, na nossa tradição, é aquela pessoa que congrega vários saberes. Tem a capacidade de interpretar conteúdos espirituais, ele tem a capacidade de fazer a ligação entre os vivos e os mortos, mas o *Nyanga* também é aquela pessoa, é aquela pessoa que tem a capacidade, tem as habilidades, tem o conhecimento de lidar com plantas, lidar com recursos marinhos, lidar com recursos animais também, para cuidar de patologias, para cuidar de doenças.⁷ (Tramas Coloniais, 2024)

Em sua fala, a partir do reconhecimento feito em sua própria apresentação, o entrevistado reforça a complementaridade dos diferentes saberes, representados pela sua formação acadêmica e seu status social. Contudo, a questão não é aprofundada. Este início funciona como uma chamada mais elaborada para o que está por vir. A locutora, no entanto, reafirma a importância do conceito, definindo-o como “muito simbólico do tema” do episódio. A chamada é acompanhada por outra

⁶ Língua banta, com variantes regionais, falada em Moçambique.

⁷ Entrevista concedida a Karolyne Mendes, assistente de pesquisa e produção do Tramas Coloniais.

BG, também com batidas bem compassadas.

É neste mesmo momento que a segunda locutora (Gabriela Montoni) se apresenta e passa a atuar com a profissional que comandava a narrativa até então, revezando pontualmente as vozes. Igualmente, apresentando a proposta geral do podcast, a locutora informa a centralidade da África na produção. É junto com a pronúncia do nome do continente que a música utilizada muda para uma faixa que, segue ritmada, mas traz maior diversidade de instrumentos, como se iniciasse uma grande banda.

A prática da chamada se repete, evidenciando o trecho de uma conversa com a primeira professora universitária na Nigéria, utilizando uma breve sonora em inglês, sem tradução ou mais informações sobre a entrevistada. De modo geral, na produção de conteúdos informativos, as chamadas buscam destacar os assuntos mais relevantes ou interessantes, pressupondo que adiantar temas ou conteúdos pode estimular a curiosidade da audiência, incentivando sua disposição em permanecer acompanhando o restante da produção.

Seguindo uma estratégia pedagógica básica, a explicação, as locutoras afirmam que é preciso estabelecer bases comuns para que todas/os possam compreender as discussões. Em seguida, passam a explicar o conceito de epistemologia, anunciando que o termo “complicado” estava na base daquele episódio. Sem citar nenhum autor, tentam simplificar o conceito sem deixá-lo simplista, assim afirmam que:

Na definição mais simples, epistemologia é o estudo do conhecimento. Essa definição, aliás, tá na própria palavra, de origem grega: episteme é conhecimento, e logia é estudo. Num conceito mais amplo, epistemologia é a forma como a gente observa, interpreta e explica o mundo que está à nossa volta. Por exemplo: se você quer saber se vai chover hoje, você pode olhar as nuvens pela janela, mas também pode checar a previsão do tempo no seu celular. Quando você faz isso, você está fazendo um exercício epistemológico, considerando diferentes fontes de conhecimento pra descobrir se vai chover. E como dá pra ver nesse exemplo, essas fontes de conhecimento podem ser múltiplas e variadas. A maneira como a gente entende o mundo não é sempre a mesma. A epistemologia não é uma coisa neutra nem universal. Ela reflete o jeito como a gente se relaciona com os lugares, com as pessoas, com a política... e o jeito como a gente produz conhecimento. (Tramas Coloniais, 2024)

No áudio, os parágrafos são cortados pelo som de chuva, com trovão e o barulho da água. Aqui, o uso de efeitos é mais um reforço do que estava sendo dito do que uma informação nova ou complementar. De modo que os sons em si não assumem nenhum papel inicial relevante para o entendimento do tema tratado, mas ajudam a enriquecer a compreensão a partir da composição sonora.

A preocupação em facilitar a apreensão do conceito de epistemologia demonstra a intenção de ampliar o diálogo com o público não acadêmico. Sem prejuízo, a tomada de posição sobre o fazer científico e a produção do conhecimento indica aos mais atentos a perspectiva adotada pelo podcast. Neste ponto, destacam-se a crítica à pretensa neutralidade da ciência e a ideia de que a produção de conhecimento não está restrita ao ambiente acadêmico-científico, mas integra um sistema mais amplo que permite a um grupo a compreensão do seu entorno.

Para relacionar a epistemologia e a colonialidade, especialmente a partir da percepção eurocentrada da existência do “eu e o outro”, retoma-se o pensamento do filósofo congolês Valentin-Yves Mudimbe, intelectual que já havia sido apresentado no episódio anterior. O trecho citado integra a obra “A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento”, originalmente publicada em 2013, e expõe como a colonização dos países africanos instaurou dicotomias entre “tradicional versus moderno; oral versus escrito e impresso; comunidades agrárias e de costumes versus civilização urbana e industrializada; economias de subsistência versus economias altamente produtivas” (Mudimbe, 2019, p. 22). Em sua obra, o autor discute como essa mesma base epistemológica permitiu a construção de uma narrativa sobre o Outro africano, uma “invenção da África”, atribuindo-lhe o atributo de primitivo. Para abrir a citação utilizada no podcast, o som de páginas virando cumpre o papel das aspas no texto impresso, indicando que se trata da leitura de um trecho. Este recurso será utilizado em outros momentos semelhantes ao longo da produção.

As locutoras seguem aprofundando o tema com uma abordagem que busca estimular o pensamento crítico, chamando o público para refletir a partir de questões-guia que trazem o tema para sua vivência e cotidiano:

Vale pensar numa provocação feita pelo Mudimbe: até que ponto nós somos dependentes da epistemologia europeia e colonial? Ou seja, do jeito como o europeu colonizador interpreta o mundo. E ele não tá falando só dos vilões da colonização não, tá? Isso é sobre todos nós: eu, a Raquel, você que tá ouvindo. Até que ponto o nosso jeito de interpretar as coisas tá contaminado pela herança colonial? O jeito como você faz o seu trabalho, o jeito como esse podcast é produzido... dá pra se desvencilhar dessa herança na hora de produzir conhecimento? (Tramas coloniais, 2024)

Retomando o pensamento de Mudimbe, as locutoras ressaltam como a separação de raças e o dominação de negros africanos por brancos europeus é temporariamente justificada pela ciência, explicando o que viria a ser as bases da eugenia. Ao explicar a eugenia, o podcast faz uma crítica à ciência moderna chamando atenção para o fato de que seus reflexos ainda podem ser encontrados. Esta questão voltará a ser mencionada mais adiante, no mesmo episódio. Por enquanto, o diálogo segue com outro intelectual moçambicano, o sociólogo Elísio Macamo. Em sua fala, Macamo destaca que, a partir do momento em que a interpretação do mundo passa a ser racializada, simplesmente negar a existência dessa categorização, ou seja, afirmar que raça não existe, equivale a ignorar o sofrimento daqueles que mais sentem seus efeitos negativos. Com isso, estabelece-se um importante contraponto ao senso comum de que seria possível combater o racismo (e outras formas de discriminação) somente atuando como se todas as pessoas fossem iguais.

Numa ponte entre passado e futuro, o podcast continua, iniciando a transmissão do som ambiente de um espaço público e a mesma BG ritmada. Logo, as locutoras contam que o som se trata de uma gravação atual da paisagem sonora de Colwyn Bay, um balneário localizado no Reino Unido, mas que elas querem que a audiência imagine como era esse lugar no fim do século 19, dando pistas que remetem não ao ambiente em si, mas aos personagens que serão apresentados. A descrição de uma fotografia em preto e branco caracteriza alguns traços, as

expressões, as roupas e a postura dos meninos Kinkasa e Nkanza, e do missionário inglês William Hughes, membro da Igreja Batista. As crianças, congolesas, foram levadas para serem educadas fora de seu país de origem, como parte de uma iniciativa que seria posteriormente ampliada e defendida pelo reverendo Hughes por meio de seu Instituto de Treinamento do Congo, localizado em Colwyn Bay.

A história busca discutir o papel da educação na conformação e permanência das estruturas coloniais, ressaltando “[...] o caráter civilizador do colonialismo. Que passa pela religião, mas também pela arte, pela música, pelo cinema...” (Tramas Coloniais, 2024). Para isso, as locutoras recuperam diferentes documentos históricos, como a imagem descrita, um livro publicado por Hughes⁸ e documentários (um atual e outro que data do período colonial). O posicionamento da produção aparece mais uma vez bem demarcado no texto e na entonação da locutora, que enfatiza algumas palavras-chave, como “bastante”:

Além de evangelizar, o reverendo William Hughes queria introduzir na mente daqueles estudantes africanos as bases da epistemologia ocidental. Nessa linha de pensamento bastante problemática, aquelas pessoas só adquirem valor se forem moldadas de acordo com o sistema de conhecimento europeu. Nesse caso, bem longe de casa. Sem falar que nem todos os alunos se adaptavam, ou até sobreviviam a essa experiência.

A contextualização com informações históricas é um recurso que aparece de forma regular. Nomes, datas e acontecimentos marcantes vão compondo um conjunto de informações que permitem estabelecer relações entre o que acontecia em cada país, as similaridades e singularidades de cada processo, ampliando o referencial da audiência sobre o tema. Do mesmo modo, utiliza-se este recurso como forma de iniciar uma mudança de ambiente.

O Congo se tornou independente da Bélgica no dia 30 de junho de 1960. Mas agora a gente vai pra Gana, onde esse processo já tinha acontecido três anos antes. Gana foi o primeiro país da África subsaariana a se tornar independente. A colonização inglesa chegou ao fim em 6 de março de 1957. (Tramas coloniais, 2024)

⁸ Livro intitulado: A África obscura e o caminho de saída: um esquema para civilizar e evangelizar o continente obscuro.

O uso de áudio é a estratégia escolhida para reambientar o público. Além da documentação histórica, a música também é acionada. A mudança de ares do Congo para Gana é anunciada textualmente, mas a música (*"Birth of Ghana"*) e o trecho do discurso de independência proferido por Kwame Nkrumah, primeiro presidente do país, cumprem a dupla função de trazer ou reforçar informações e de retratar o clima político-social do momento. Toda a sonoridade do discurso, incluindo o tom de Nkrumah ao discursar, é marcante neste sentido, mas a locutora agrega ainda uma informação que estava restrita ao vídeo, afirmando que o presidente gesticulava bastante com a mão direita. Um trecho do Hino de Gana, pertencente à mesma gravação do discurso de Nkrumah, também é utilizado.

Finalizando esta passagem, a imaginação do público é indiretamente evocada, agora para visualizar uma pintura. Além da relevância da curiosidade mencionada, a descrição da obra funciona quase como um resumo dos principais pontos que vinham sendo debatidos até então, ressaltando, no entanto, a perspectiva de resistência do povo que havia sido colonizado e não a conquista do colonizador.

Assim que assumiu o poder, Kwame Nkrumah colocou na ante-sala do gabinete da presidência uma pintura enorme. Uma arte que representava a luta dele contra o colonialismo, com os grilhões da escravidão sendo quebrados. Esse quadro mostrava também três homens brancos fugindo apavorados. Um era o missionário, com a bíblia na mão. O outro era o capitalista, carregando uma pasta. E o terceiro homem segurava um livro chamado "Sistemas políticos africanos", um clássico da Antropologia Social Britânica. Essa obra muda a concepção de que os africanos viviam em total barbárie e defende que o continente também tinha organização política, só que num formato diferente do europeu. (Tramas coloniais, 2024)

Uma cortina de transição indica a mudança de foco, e a ciência é então colocada novamente no centro da discussão. Relembrando as duas perspectivas que já haviam sido apresentadas no episódio - da antropologia africana e da eugenia-, historicizar foi estratégia escolhida para seguir abordando o desenvolvimento do discurso antropológico colonialista. A comparação ajuda a entender e dimensionar a importância do antropólogo nos séculos XIX e XX,

relacionando-os com os navegadores e os missionários dos séculos anteriores, figuras que são geralmente mais conhecidas por seu destaque no relato histórico hegemônico trabalhado desde os anos iniciais das escolas brasileiras.

Nesta sequência, o podcast recorre novamente ao exemplo de Moçambique, país que foi colônia portuguesa até 1975, trazendo a leitura de trechos da portaria que criou e instruiu a Missão antropológica e etnológica de Moçambique, em 1945. Toda a leitura é feita por uma voz masculina (Caio Santos), a mesma utilizada em outros momentos similares, de forma a estabelecer ao mesmo tempo um sentido de identidade sonora e uma diferenciação explícita para com a fala das locutoras. Depois desta Missão, outras tantas foram realizadas com o apoio do governo até a independência, causando grande impacto na produção do conhecimento sobre o local. A partir das diretrizes do documento, a locutora comenta as informações reforçando um direcionamento interpretativo, retomando uma explicação anteriormente dada e, novamente, redirecionando a narrativa para a experiência dos sujeitos que viviam sob o domínio da colonização.

Acho que ouvindo esses trechos dá pra sentir que essas missões antropológicas seguiam a cartilha do colonizador que só reconhecia a própria cultura como legítima. O nativo era sempre o diferente, o outro a ser dominado. Como a gente já falou no primeiro episódio, o colonialismo não é só uma prática de administração, ele é também uma expressão de consciência. E o discurso antropológico emergiu para dar um verniz científico a essa consciência. Mas se a educação era uma ferramenta de domínio na mão dos colonizadores, ela também se tornou uma arma de contra-ataque na mão dos colonizados. (Tramas coloniais, 2024)

É neste ponto que a interseccionalidade entre raça, classe e gênero aparece com mais nitidez, a educação como forma de mudança social. A locutora nos conduz pela trajetória da nigeriana Felícia Adetowun Ogunsheye. Sua história já tinha sido anunciada em uma chamada no início do programa, embora ainda sem menção ao seu nome, na ocasião a referência utilizada foi “uma mulher de quase 100 anos de idade, que foi a primeira professora universitária do país” (Tramas coloniais, 2024).

Os áudios da entrevista, concedida em inglês, vão sendo intercalados com a tradução não literal da locutora, que também conduz o fio da narrativa, contextualiza e completa as informações dadas por Ogunsheye. Desta forma, conhecemos as memórias de uma mulher que, em meados dos anos 1940, conseguiu ser admitida e se diplomar na *Yaba Higher School*, a primeira instituição de ensino superior da Nigéria. No relato, entrevistada e locutora ressaltam os desafios desse pioneirismo para uma jovem de 19 anos, especialmente sendo a única mulher estudante da instituição durante todo seu primeiro ano de curso. São destaques o questionamento masculino sobre sua atitude desafiadora (assim entendida pela própria presença dela na instituição) e sobre seu pertencimento naquele espaço, até então exclusivamente masculino (o que era tão culturalmente arraigado, que não constava no regulamento, brecha utilizada por Ogunsheye para garantir sua permissão depois de passar nos testes admissionais). A conclusão da história, no entanto, não se dá neste feito, e a conversa segue mostrando como a educação abriu portas para que Ogunsheye pudesse frequentar também espaços da elite britânica - como o *Newnham College*, faculdade feminina da Universidade de Cambridge, Inglaterra -, além de atuar em locais como a *Aliança Internacional das Mulheres* e na *Universidade de Ibadan*.

O olhar para a educação ganha novamente maior centralidade com um amarrado de iniciativas em diferentes países, todas conduzidas por homens. Não há informações sobre a situação das mulheres nesses locais.

Felicia Ogunsheye começou a desenvolver os seus estudos depois da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, a colonização na África priorizava o ensino primário, pra formação de mão-de-obra, e menos de 2% dos africanos tinham acesso ao ensino secundário. Em muitos lugares, a saída era criar sistemas escolares independentes. O povo Kikuyu, o mais populoso do Quênia, fundou mais de trezentas escolas entre 1920 e 1952. E a educação foi usada por africanos para produzir conhecimento sobre os seus povos. Em Uganda, Sir Apolo Kagawa foi um dos maiores intelectuais do país no período colonial. Ele passou a escrever e publicar a sua versão da história e dos costumes locais. Em Camarões, um líder Bamum chamado Ibrahim Njoya inventou um idioma e uma escrita para registrar a história de seu povo, o sistema jurídico e até os fundamentos de uma nova religião reunindo elementos do Islã, do Cristianismo e das práticas locais. Antes de Njoya, o conhecimento no reino Bamum era transmitido de forma oral, e era assim que funcionava em muitos

lugares da África. A oralidade é um valor ancestral africano muito importante. Os poetas, por exemplo, tiveram um papel fundamental na educação, inclusive na difusão de ideias emancipatórias [...]. (Tramas coloniais, 2024)

Não obstante, é preciso reconhecer que as realizações narradas atuam na desconstrução de estereótipos atribuídos aos povos africanos no período da colonização, especialmente evidenciando as formas de resistência, preservação cultural e desenvolvimento social. Neste sentido, a posterior distinção de Angola, contribui para ilustrar a relação entre a educação e os processos emancipatórios a partir da história de Agostinho Neto, poeta que se tornou o primeiro presidente angolano após a independência.

Passados quase trinta e cinco minutos, ao se aproximar do final do episódio, as locutoras iniciam um movimento de retomada e amarração dos conteúdos abordados. Logo, retomam a questão inicial sobre a possibilidade de nos esquivarmos da herança colonial na produção de conhecimento, apontando dificuldades, críticas e caminhos para que isso possa ocorrer. Aqui, o pensamento de outras duas mulheres é introduzido. A primeira é a intelectual nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, cujas obras foram recentemente publicadas no Brasil. No livro citado, *A invenção das mulheres*, Oyěwùmí estabelece uma crítica à pretensa universalidade científica da categoria gênero, demonstrando que antes da colonização britânica a sociedade nigeriana tinha a senioridade como base, ou seja, as relações de poder estavam constituídas no terreno das relações etárias. O que a autora discute, e o podcast ressalta, é a “mudança epistemológica ocasionada pela imposição das categorias de gênero ocidentais sobre o discurso iorubá” (Oyěwùmí, 2021, p. 19). Com isso, abre-se a crítica à produção científica local que, por vezes, acaba sendo direcionada pelo olhar europeu, desconsiderando outros saberes. Atribuída ao filósofo beninense Paulin Hountondji, a crítica ganha aproximação com o Brasil a partir do diálogo com a segunda mulher citada, a filósofa brasileira Sueli Carneiro. Dela, emprestam a interpretação do conceito de epistemicídio para identificar o apagamento de saberes não pertencentes à epistemologia europeia.

Por fim, voltando ao cenário inicial do podcast, a conferência realizada na Universidade Pedagógica de Maputo, as locutoras chamam a atenção para um

painel que “tratou de conhecimentos endógenos, ou seja, conhecimentos que são produzidos por agentes locais, que pertencem a eles, e que partem das suas epistemologias, muitas vezes diferentes das epistemologias ocidentais” (Tramas coloniais, 2024). Com o som ambiente da conferência ao fundo, o destaque do conteúdo vai para a presença e moderação da historiadora moçambicana Matilde Muocha, professora universitária e praticante da medicina tradicional. As sonoras da professora são trechos de sua fala inicial na condução das atividades, os comuns agradecimentos e boas vindas, mas a diferença é demarcada pela alternância entre o português e o changana, língua africana pertencente ao grupo bantu, em deferência às lideranças *Nyanga* ali presentes. A locutora também explica que

[...] em várias colônias da África, as práticas de medicina tradicional foram perseguidas e até criminalizadas, com a expressão “feitiçaria” sendo cunhada pra invalidar aquela forma de saber. Por isso é importante essa moderação de uma mulher que transita entre o saber acadêmico e o saber tradicional. (Tramas coloniais, 2024)

O som de aplausos demonstra o respaldo do grupo à professora, reafirmando a importância da discussão realizada não apenas pelo seu conteúdo, mas igualmente pela representatividade das pessoas envolvidas e pela forma como o encontro estava sendo conduzido. Deste modo, a passagem igualmente traz uma resposta indireta aos questionamentos propostos pelas locutoras e instigados pelo debate desenvolvido ao longo do podcast, mas a amarração final vem nas considerações da locutora ao afirmar que

Matilde Muocha é só um dos muitos exemplos de que, como a gente já falou lá no início do episódio, não existe conhecimento puro, neutro ou universal. As nossas crenças sobre as pessoas e sobre o mundo são sempre filtradas por um sistema de conhecimento pautado por quem o produz e influenciado pelas relações de poder. Entender isso é um passo necessário para desconstruir essa epistemologia europeia colonial entranhada na nossa realidade. A ciência acadêmica, aquela que se faz nas universidades por meio dos métodos e conceitos ocidentais, não é superior, não é melhor, e nem muito menos exclusiva. Ela pode – e deve – conviver tranquilamente com a sabedoria dos *Nyngas* cantando e dançando numa sala de aula. (Tramas Coloniais, 2025)

Uma BG marcante, mas animada, composta por instrumentos de percussão, metais e sopro acompanha a locução. Ao final, o som das mulheres *Nyangas* cantando e dançando vai tomando a cena brevemente, em paralelo com a BG, para logo dar espaço para o anúncio do próximo episódio, cujo tema está centrado no Direito.

Considerações

Embora a narrativa do *Tramas Coloniais* seja pensada de forma que os conteúdos se ordenam em uma lógica de discussão, é possível compreender os episódios isoladamente, ainda que se possa perder alguma informação ou conhecimento relevante no âmbito geral. Foi com esta percepção que optamos por concentrar esta análise exploratória apenas no segundo episódio, com o intuito de aprofundar a análise ao focar na questão do conhecimento. Esta opção responde ainda ao objetivo de realizar uma análise descritiva que atentasse para o conteúdo e, sempre que possível, para a forma de transmiti-lo.

Como tema, o conhecimento é tratado a partir de diferentes perspectivas, com destaque para seu papel nas áreas da ciência e da educação, mas também buscando demonstrar sua presença no cotidiano (seja como forma de dominação ou de ascensão social).

Observando quem são as pessoas para as quais é concedida a fala, pudemos perceber a preocupação dos produtores com a seleção de entrevistados que compreendessem a realidade estudada a partir dos próprios contextos discutidos, valorizando o conhecimento que a África produz sobre si mesma. Neste ponto, evidencia-se o alinhamento entre a discussão realizada e a prática da produção. Contudo, sendo o gênero é uma categoria relevante dentro da conformação da estrutura colonial, cabe fazer um destaque: há apenas uma mulher entrevistada no episódio e sua participação está ancorada em sua vivência e não em seu pensamento ou sua obra, ainda que tal escolha possa se justificar pela representatividade de Ogunsheye dentro do contexto, bem como pela importância do seu registro histórico. Há, no entanto, o diálogo a produção científica

desenvolvida por mulheres, mas apenas como parte do texto anunciado pelas locutoras.

Com o objetivo de promover uma análise crítica sobre como o colonialismo se estruturou em diferentes espaços, chegando à contemporaneidade, a produção se vale de diversas estratégias pedagógicas, entre as quais podemos citar: explicação, contextualização, historicização, comparação, exemplificação, reforço e questionamento. A utilização dessas estratégias na construção da narrativa indica uma preocupação no sentido de promover uma apreensão efetiva por parte da audiência. De igual modo, mais do que disponibilizar informações, a produção convida constantemente à reflexão.

Ainda que o textual pareça concentrar maior relevância no conjunto, nota-se a preocupação com a sonoridade, seja na construção de ambientes sonoros ou na estética do podcast. Neste item podemos destacar a quantidade de recursos utilizados para quebrar a monotonia das falas, são cortinas, BGs, áudios de entrevista, áudios de documentação histórica, efeitos. De modo geral, a identidade sonora é construída de maneira que os áudios de acompanhamento e transição (BGs e cortinas) sejam ritmados, com forte presença da percussão, remetendo à uma sonoridade que relacionamos genericamente à música africana. Embora não tenhamos destacado ao longo das análises, o silêncio é parte intrínseca da linguagem, nos termos de Eni Orlandi (2007, p. 13), é “a respiração da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. Logo, além do papel estrutural de permitir com a compreensão da fala, pode ser interpretado também de forma mais ampla, por sua contribuição para direcionar o entendimento e permitir a reflexão da audiência.

Por fim, compreende-se que a produção utiliza estratégias narrativas (textuais e sonoras) que contribuem com a construção de um conhecimento crítico sobre o tema, ampliando o que sabemos tanto sobre o período colonial nos países africanos e seus reflexos atuais quanto sobre nossa própria história e atualidade.

Bibliografia

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11, mai/ago. Brasília: UnB, 2013. p. 89-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar 2018.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores da tradução). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

LARA, Eloína Castro. Hacia la Comunicación (en)clave decolonial: acercamientos y articulaciones. In: SARDINHA, Antonio; LIMA, Veronica Maria Alves; LARA, Eloína Castro; BELMONTE, Valeria (org). **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Macapá: UNIFAP, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. **La Trama de la Comunicación**, vol. 29, n. 1 - enero/junio 2025, p. 102-136. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/893/602>. Acesso em: out, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; ROZA, Sabrina; DA SILVA, Ariane Stefanie. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. **Encuentros Latinoamericanos**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: out, 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: GEN Atlas, 2021.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. **Anais 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience and the decolonial option: A manifesto. **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, v. 1, n. 2, 2011.

MIGNOLO, Walter D.; BRUSSOLO VEIGA, Isabella. Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial. **Revista X, [S. l.]**, v. 16, n. 1, p. 24–53, 2021. DOI: 10.5380/rvx.v16i1.78142. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

MUSTAFÁ, Izani. A humanização no jornalismo científico em três podcasts brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 39- 57, set./dez. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

TRAMAS COLONIAIS. **Episódio 2 - De onde vem o seu conhecimento?**, publicado em 16 out 2024. Disponível em: <https://tramascoloniais.com.br/#episodios> . Acesso em: fev 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A Colonialidade do Saber**: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

O True Crime em podcast: reflexões pela perspectiva sonora

True Crime in podcast: reflections from a sound perspective

True Crime em podcast: reflexiones desde una perspectiva sonora

Carlos Jáuregui; Luana Viana

Resumo

Este trabalho propõe caminhos metodológicos para a análise do *True Crime* por uma perspectiva eminentemente sonora, dando prioridade para elementos como música, efeitos e silêncio. Apesar de reconhecer a centralidade da palavra para a constituição da linguagem radiofônica, entende que é possível investir em abordagens focadas no estudo de componentes não verbais. Para tanto, discute os códigos narrativos propostos por Punnett (2018) para a análise de podcasts sobre crimes reais, identificando como eles se manifestam em produções brasileiras para além do conteúdo falado.

Palavras-chave: Crimes reais; Linguagem radiofônica; Podcasting.

Sobre a autoria

Carlos Jáuregui
carlos.jauregui@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-2180-1176>

Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor – UFOP). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Luana Viana
lviana.s@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4927-5219>

Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFOP. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com estágio doutoral na Universidade do Minho (Portugal). Membro do ConJor (UFOP).

>> Como citar este texto:

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. O True Crime em podcast: reflexões pela perspectiva sonora. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 103-132, set./dez. 2025.

Abstract

This work proposes methodological paths for the analysis of True Crime from an prominently sonic perspective, prioritizing elements such as music, effects, and silence. While recognizing the centrality of words in the constitution of radio language, it understands that it is possible to invest in approaches focused on the study of non-verbal components. Therefore, it discusses the narrative codes proposed by Punnett (2018) for the analysis of podcasts on real crimes, identifying how they manifest in Brazilian productions beyond spoken content.

Keywords: Radio language; Podcasting; True Crime.

Resumen

Este trabajo propone caminos metodológicos para el análisis del *True Crime* desde una perspectiva eminentemente sonora, priorizando elementos como música, efectos y silencio. A pesar de reconocer la centralidad de la palabra en la constitución del lenguaje radiofónico, sostiene que es posible invertir en enfoques centrados en el estudio de componentes no verbales. Para ello, discute los códigos narrativos propuestos por Punnett (2018) para el análisis de podcasts sobre crímenes reales, identificando cómo se manifiestan en producciones brasileñas más allá del contenido hablado.

Palabras clave: Crímenes reales; Lenguaje radiofónico; Podcasting.

Introdução¹

Nos últimos anos, histórias de crimes reais têm fascinado milhões de pessoas pelo mundo, assim como têm atraído atenção do público brasileiro. Essa emergência do gênero *True Crime* não é necessariamente um fenômeno novo. Ele surge na imprensa norte-americana do início do século XX, passa por literatura, rádio, cinema e TV, mas ganha novas proporções com os meios digitais e as plataformas de streaming (Murley, 2008; Pilger et al., 2023; Punnett, 2018).

De acordo com pesquisa realizada pelo Kantar Ibope Media, a série

1 Versão revisada de trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos no 33º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

Dahmer: Um Canibal Americano, que segue a jornada do *serial killer* Jeffrey Dahmer, quebrou recordes de audiência na primeira semana de exibição na Netflix (Globo, 2023). A produção foi a segunda de língua inglesa com a maior audiência semanal na plataforma com 299 milhões de horas assistidas, alcançando o primeiro lugar em diversos países.

Em paralelo a isso, a ascensão do *True Crime* na podosfera também fica evidente nas plataformas de áudio. A Mulher da Casa Abandonada, do Grupo Folha, alcançou os rankings das principais plataformas, atingindo um público de 3 milhões de ouvintes por episódio. Em 2021, o podcast Modus Operandi teve mais de 14 milhões de plays e, com tanto sucesso, ganhou um livro (Globo, 2023).

O crescimento no consumo dessas produções ainda reflete em pesquisas sobre o tema. Parte desse cenário são as discussões realizadas no âmbito de grupo de estudos vinculado ao curso de jornalismo e ao grupo ConJor da UFOP. Desse modo, já foi possível identificar: uma estética comum entre a tradição anglófona do *True Crime* e exemplares do gênero na podosfera brasileira (Jáuregui e Viana, 2022a); o investimento de alguns podcasts em analisar a psicologia e o comportamento de criminosos (Jáuregui e Viana, 2022b) e a prevalência de dois tipos básicos de narrador nesses relatos – o detetive e o alienista – (Jáuregui e Viana, 2022b, 2022c).

Dando sequência a esses estudos, este artigo tem o objetivo de aproximar a Teoria do *True Crime* proposta por Punnett (2018) – em especial os operadores analíticos por ele postulados – de uma reflexão centrada em aspectos sonoros. Em outras palavras, questionamos o modo como formas narrativas típicas do gênero ganham concretude sonora no universo do rádio expandido. Nesse sentido, construímos uma abordagem com foco nos aspectos não-verbais da linguagem radiofônica, tais como música, paisagens e efeitos sonoros.

O som na (re)construção da realidade

Ao discutir a especificidade do rádio como meio de expressão, Rudolf Arnheim (2005, p. 62) observa que “a arte radiofônica parece sensorialmente

deficiente e incompleta diante das outras artes – porque ela não conta com o nosso sentido mais importante, que é a visão”. Desse modo, caberia ao ouvinte “completar” com sua própria imaginação o que está “faltando” na transmissão sonora. Todavia, o autor faz uma ressalva: “e, no entanto, nada lhe falta! Pois a essência do rádio consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro” (Arnheim, 2005, p. 62).

Tal reflexão, que aposta numa transmissão invisível para a arte radiofônica, abriu importantes caminhos para a compreensão mais ampla dessa mídia. Por essa trilha, seguiram os estudos de Eduardo Meditsch (2001) sobre o rádio do século XX. Naquele contexto, o autor sustentava que a radiofonia podia ser entendida como um “meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real” (Meditsch, 2001, p. 4)². E, com base nisso, mostrava que a comunicação radiofônica se constituía em uma terceira “linguagem”, não sendo nem tradição oral, nem escrita falada, já que a oralidade de sua linguagem era apenas aparente.

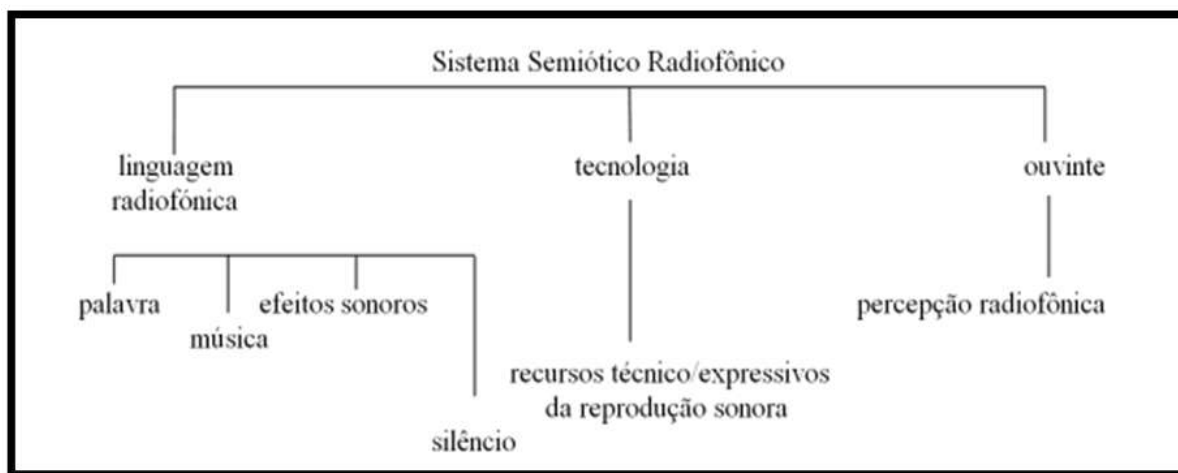
A linguagem radiofônica em particular se difere da linguagem sonora geral. Balsebre (2005, p. 328), amparando-se nas teorias de Arnheim, defende: “é importante ressaltar que definir a linguagem radiofônica apenas como linguagem verbal é excluir o caráter do rádio como meio de expressão”. Assim, ao longo de seus anos de existência, o rádio passou a criar sua própria forma de expressão e, mais recentemente, o podcast tem recorrido a aspectos dessa mídia para a composição de suas narrativas sonoras.

Na busca por uma linguagem própria, autêntica, o fazer radiofônico foi capaz de definir empiricamente as suas estratégias de produção de significados e de construção de sentidos. Por consequência, Balsebre (2005) buscou estabelecer uma teoria expressiva para o rádio e elaborou o sistema semiótico radiofônico (FIG. 1).

2 Posteriormente, Meditsch deixa de considerar a transmissão em tempo real como aspecto definidor da mídia radiofônica, alinhando-se com uma corrente que compreendem a escuta diferida (caso do podcasting) como uma das facetas do “rádio expandido”, como cunhado por Kischinhevsky (2016).

As imagens devem ser formatadas conforme o modelo abaixo. É preciso que haja referência às figuras no corpo do texto (FIG. 1).

Figura 01 – Sistema semiótico radiofônico



Fonte: Balsebre, 2005, p. 329

A elaboração desse esquema foi baseada nas ideias de Arnheim, que desacreditava na limitação do meio apenas como veículo de informação e ia além, ao defender o rádio como meio de comunicação e expressão. Diante disso, Balsebre argumenta que a linguagem radiofônica é composta por elementos sonoros (palavra, música e efeitos sonoros) e não sonoro (silêncio), que, por meio da tecnologia, levam a mensagem ao ouvinte. Este, por sua vez, possui percepção sonora e imaginativo-visual para constituir o processo de decodificação da mensagem. A figura ilustra como tal sistema também pode ser aplicado ao podcast, já que neste caso específico o que muda é a tecnologia que vai transmitir a linguagem radiofônica por meio do conteúdo sonoro, gerando outros sentidos para o ouvinte.

Meditisch e Betti (2019, p. 3) apontam que o funcionamento desse sistema obedece a uma série de convenções que o tornam manejável e defendem que “se é um sistema conscientemente manejável, certamente também o é analisável”, mas que disso depende um tipo de observação raramente considerado nas

investigações sobre o som. A observação sobre a qual os autores se referem é de uma “escuta que pensa”, ou seja, uma escuta que, além de ouvir e de entender, tem a função de compreender, buscando sentidos nas mensagens.

Para que se compreenda o poder sugestivo que o som pode desencadear no ouvinte, vamos olhar para cada um dos elementos da linguagem radiofônica individualmente: palavra, música, efeitos sonoros e silêncio. Segundo Balsebre (2005), a palavra é imaginada, tornando-se fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa. Afirma, inclusive, que o texto escrito é um texto sonoro, “por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado” (Balsebre, 2005, p. 330).

Pensar a linguagem radiofônica como texto fortalece a construção da narrativa, uma vez que contribui para atingir o ouvinte e proporcionar nele a formulação imaginária da palavra falada. Essas estratégias permitem que a audiência se envolva na narrativa e que o objetivo da mensagem seja alcançado trazendo para perto as narrações transmitidas pelo rádio.

A música radiofônica também produz uma multiplicidade de sensações que contribuem para a criação de imagens auditivas. E como a música é a linguagem da emoção, ela conota uma relação afetiva com o ouvinte (Balsebre, 2005). Schafer (2012) divide a música em duas espécies gerais: absoluta e programática. Na primeira, os compositores modelam paisagens sonoras ideais da mente, sem vinculação com o ambiente externo. Já na segunda, a música é imitativa do ambiente, evocando imagens extramusicais. Refletir sobre os usos da música em produções sonoras exige certa discriminação das suas possíveis utilizações.

Haye (2005), por sua vez, acredita que a música, por meio de associação de informações e imagens, torna possível recriar ou possibilitar uma transição, permitindo que o ouvinte assimile conteúdos e reflita sobre eles. Já Balsebre (2005, p. 333) é mais conciso e divide a música em apenas duas funções

estéticas básicas: “expressiva, quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera sonora’, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato”.

Em relação aos efeitos sonoros, Balsebre (2005) entende que sua utilização meramente descritiva foi superada, introduzindo significativas conotações, já que para ele o efeito sonoro é algo mais do que um som articulado. Assim, discorre sobre as funções que podem assumir, dividindo-as em quatro grupos: a) ambiental; b) expressiva; c) narrativa e d) ornamental. Na ambiental pode-se representar a divisão de ambientes, a passagem de tempo, entre outros, enquanto que como função expressiva podem-se representar tonalidades psicológicas, como mistério, suspense, alegria, etc. A função narrativa “se desenvolve quando o efeito sonoro produz o nexo entre duas cenas de narração. Por exemplo, doze badaladas representando a noite e o canto do galo e dos pássaros, o dia” (Balsebre, 2005, p. 334). Por fim, a ornamental se apresenta mais como estética, dando harmonia e fortalecendo a produção de sentido imaginário do ouvinte.

O silêncio é um elemento não sonoro da linguagem radiofônica que permite a criação de imagens auditivas por parte do ouvinte. Considerado um componente intrínseco à linguagem verbal, engana-se quem pensa que o silêncio é utilizado apenas para separar palavras e frases ou permitir que o locutor respire. Este item “potencializa a expressão, a dramaticidade e a polissemia da mensagem radiofônica, delimita núcleos narrativos e psicológicos e serve como elemento de distância e reflexão” (Ferraretto, 2014, p. 35). Quando bem explorado, o silêncio possui uma grande potencialidade expressiva, dramática e portadora de sentido.

Vistas as possibilidades e aplicações dos elementos constituintes da linguagem radiofônica, é interessante olhar para as estratégias proporcionadas pela combinação desses recursos, bem como para o tensionamento acionado entre a representação da realidade e a construção do imaginário nas narrativas.

Guarinos (2012) sustenta que os sons usados na narrativa radiofônica que têm suas características e significados no mundo real podem ser manipulados de duas maneiras: técnica e diegética.

A primeira, como o nome indica, diz respeito aos procedimentos técnicos, como intensidade, tom, timbre e duração, além de seu posicionamento dentro da narrativa. Já a segunda maneira é dividida em extradiegética ou diegética.

Sons extradiegéticos são externos ao narrado e geralmente usados veiculando expressividade, especialmente na ficção, em entrevistas de profundidade e em todos os gêneros que não necessitem de objetividade absoluta. “Por esse motivo, é estranho encontrá-lo nos noticiários, pois manifesta a intenção subjetiva do sujeito enunciador, neste caso, um informante e não um criador de ficção” (Guarinos, 2012, p. 46, tradução nossa).

Já os diegéticos estão vinculados à realidade, são partes integrantes dela e carregam uma carga “informativa de alto valor testemunhal e documental (o som ambiente de uma gravação ao vivo, por exemplo; a música que toca em um lugar onde estão os personagens em um radiodrama)” (Guarinos, 2012, p. 46, tradução nossa).

Tendo em vista a variedade de caminhos possíveis para o estudo de elementos não-verbais na linguagem radiofônica, propomo-nos a discutir nas próximas páginas de que forma eles produzem sentido em podcasts sobre crimes reais.

A Teoria do True Crime

Este trabalho parte dessas discussões sobre a linguagem radiofônica para explorar a dimensão sonora nos operadores de análise propostos por Punnett (2018) para o estudo de *True Crime*. Desse modo, será possível observar e discutir aspectos específicos que o gênero tem adquirido na podosfera.

Em sua abordagem, o autor articula diferentes contribuições dos estudos da linguagem, tais como a teoria literária de Mikhail Bakhtin e a análise estrutural da narrativa de Roland Barthes. Mas é o conceito de “código narrativo” deste

último que ganha mais ênfase. Embora tenha recebido diferentes abordagens, tal noção pode ser compreendida de saída como “um mecanismo socialmente partilhado de atribuições de sentido” (Cassadei, 2012, p. 2). A partir daí, tomamos os códigos narrativos tanto como operações e posturas que constituem os textos (e as figuras do autor e do leitor), quanto como operadores metodológicos que revelam a estruturação de um texto (estruturação que não precisa ser única, acabada ou fechada, podendo incluir processos de reconfiguração e sobreposição).

Partindo disso, Punnett (2018) propõe codificações que auxiliam na compreensão do processo de produção de sentido no *True Crime*, por meio de uma análise em duas etapas. A primeira fase consiste na identificação do código teleológico (TEL), relacionado com o status factual reivindicado por esse tipo de narrativa, que enuncia verdades ou nega mentiras:

Na medida em que toda narrativa está em algum lugar no *continuum* entre fato e ficção, é fundamental para a aceitação de uma história como *True Crime* seu movimento bipolar em direção à factualidade. Como nenhuma história contada por humanos pode ser 100% exata, o criador de um texto de *True Crime* deve depender da desordem da realidade; se for assim, então a teleologia da história está se movendo em direção à verdade. Este primeiro estágio de uma Teoria do *True Crime* é entendido como o código teleológico (TEL). (Punnett, 2018, p. 96, tradução nossa)

Tendo-se identificado o compromisso com a verdade, a segunda etapa de análise comporta sete códigos, que segundo Punnett (2018), seriam mais específicos dessas narrativas: de justiça (JUS), de subversão (SUB), de cruzada (CRU), geográfico (GEO), forense (FOR), folclórico (FOL) e vocativo (VOC). Cada um deles será descrito adiante, mas, desde já, é preciso ressaltar que nenhum texto do gênero deve necessariamente apresentar todos. Além disso, variações, transformações nos códigos são esperadas, em função da diversidade de períodos históricos, contextos culturais, formatos midiáticos e estilos de produção. Nesse sentido, destacamos o trabalho de Jáuregui e Viana (2022b), que identificou a presença de um código psicológico (PSI), e de Jáuregui (2023),

um código humorístico. Em ambos os casos, a existência foi constatada na análise de produções sonoras brasileiras.

Propomo-nos, então, a buscar como tais operadores são convocados por elementos sonoros que extrapolem o significado do signo verbal. Não perdemos de vista a centralidade deste componente para a linguagem radiofônica e, por isso, prevemos que nem todos esses códigos serão facilmente expressos por outras formas que não o conteúdo falado. Sendo assim, não ambicionamos uma lista exaustiva de elementos não-verbais relativos a cada um desses operadores, mas destacamos articulações possíveis dentro da empiria com a qual nossa pesquisa tem se deparado.

Neste exercício, não nos detemos em um podcast particular, mas recorremos às evidências acumuladas ao longo de vários trabalhos. A título de contextualização, apresentamos um quadro com os podcasts que serão mencionados nas próximas páginas:

Quadro 1. Podcasts analisados

TÍTULO	DESCRIÇÃO
A Coach	Podcast narrativo lançado em setembro de 2023. Conduzido por Chico Felitti, conta a história de Kat Torres, uma subcelebridade da internet que ficou famosa por dar conselhos sobre relacionamentos e espiritualidade. Ao longo dessa trajetória foi acusada de cometer crimes graves contra imigrantes brasileiras nos Estados Unidos (EUA). (A Coach, 2023)
A Mulher da Casa Abandonada	Podcast narrativo lançado em junho de 2022 e também apresentado por Felitti. Conta a história Margarida Bonetti, que mora numa mansão abandonada localizada em um dos bairros mais ricos de São Paulo e que já foi procurada pelo FBI com a acusação de ter mantido uma funcionária em condições análogas à escravidão por quase três décadas enquanto morava nos EUA. (A Mulher da Casa Abandonada, 2022)
Café com Crime	Conduzido desde 2018 por Stefanie Zorub, também conhecida como Dona Café, propõe-se a narrar e comentar crimes ocorridos exclusivamente no Brasil. Em uma de suas temporadas, integrou a cartela de produtos da Spotify Studios. Tem como slogan: “o podcast onde você pode ser o aficionado por crimes reais que você é sem julgamentos” (Café com Crime, 2024)
Ficha Criminal	Lançado em 2019, possui até o momento três temporadas: A primeira conta histórias de criminosos marcantes, como Marcola e Fernandinho

	Beira-Mar. A segunda, apresenta casos policiais que provocaram comoção nacional, como a morte do jornalista Vladimir Herzog e o Massacre de Realengo. Por fim, a terceira temporada trata de <i>serial killers</i> , como Pedrinho Matador e o Maníaco do Parque. (Ficha Criminal, 2019)
Futebol Bandido (UOL Esporte Histórias)	Inicialmente “Futebol Bandido”, passa por diferentes fases. Na primeira temporada, de 2020, trata de casos de corrupção nos bastidores desse esporte. Na segunda (entre agosto e setembro de 2021), aborda, no formato narrativo, o caso do assassinato do jogador Daniel Corrêa Freitas, morto de forma cruel depois de participar de uma festa no interior do Paraná. Em sua terceira temporada (de novembro de 2021 a janeiro de 2022), é rebatizado como “UOL Esporte Histórias”. (Futebol Bandido, 2020)
Medo do Escuro	É uma produção do G1 que conta a história de um crime brutal cometido em Piracicaba, no interior de São Paulo, ao final da década de 1980. Um menino de 9 anos de idade foi encontrado morto dentro de um freezer durante um almoço festivo nas dependências de um colégio católico da cidade. (Medo do Escuro, 2024)
Modus Operandi	Existente desde dezembro de 2019, com apresentação de Carol Moreira e Mabê Bonafé, identifica-se explicitamente como um “podcast de <i>True Crime</i> ” e debate desde crimes verídicos (com foco em assassinos seriais) até histórias “bizarras” envolvendo misticismo e fraudes milionárias. (Modus Operandi, 2019)
Pico dos Marins	Conta a história do desaparecimento do escoteiro Marco Aurélio Simon em um passeio pelo Pico dos Marins, no ano de 1985. O caso ganhou repercussão nacional e até hoje evoca uma nuvem de mistérios e hipóteses para o que teria acontecido com o menino. (Pico dos Marins, 2022)
Praia dos Ossos	Publicado entre agosto e outubro de 2020 (com episódios bônus em 2021), trata da vida e do assassinato da socialite mineira Ângela Diniz, que, no dia 30 de dezembro, sofreu quatro tiros de seu namorado. Incorpora debates sobre machismo, feminicídio e o sistema de justiça. (Praia dos Ossos, 2020)
Projeto Humanos	Nascido independente em 2015, inicialmente se dedicava a contar diferentes tipos de “histórias individuais”, em formato narrativo. Em sua quarta temporada (out. 2018 a nov. de 2020), dedica-se a pesquisar e narrar o caso do menino Evandro Ramos Caetano, desaparecido em 1992, na cidade de Guaratuba. O foco nos crimes reais continua na quinta temporada, sobre caso dos emasculados de Altamira, e na sexta, quando retorna a Guaratuba para apurar o caso do menino Leandro Bossi, que morreu em circunstâncias parecidas com Evandro Ramos. Foi incorporado à cartela de podcasts da Globoplay, no intervalo entre as temporadas quatro e cinco, no ano de 2021. (Projeto Humanos, 2015).

Fonte: formulação própria a partir da descrição dos produtos no Spotify e em sites oficiais.

Código Teleológico: o som da verdade

O Código Teleológico (TEL) diz respeito a um *telos* que articula tais

narrativas com um mundo exterior ao texto, por meio de gestos de veridicção (dizer-se verdadeiro) e verossimilhança (parecer verdadeiro). Desse modo, a enunciação precisará contar com o reconhecimento do enunciatário (seja leitor, ouvinte ou espectador), e, com base nisso, os arranjos narrativos participarão dessa negociação fiduciária. É nesta dimensão que ocorre mais intensamente o tensionamento entre aspectos da investigação policial e/ou jornalística com estratégias de ficcionalização. Estes últimos poderão servir aos mais variados objetivos, desde que não amparem “mentiras” acerca do crime relatado.

Ainda que a verificação dessa factualidade não seja trivial e possa ser empreendida por diferentes caminhos (sendo continuamente revista)³, ela é uma pré-condição para que os outros códigos identificados pelo autor entrem em ação. Afinal, em um texto ficcional, o crime não é real (*true*).

Perguntamo-nos, então, sobre como o compromisso com a verdade ganha materialidade sonora. Do ponto de vista da veridicção, isto é, quando alguém diz que fala a verdade, isso costuma ocorrer por meio de enunciados que afirmem tal condição, pela dimensão não dita daquilo que costumamos chamar de “contrato de comunicação” ou “metacomunicação” e por um conjunto de signos de diferentes naturezas que acompanham a dimensão verbal do jornalismo (num telejornal, por exemplo, roupas formais e maquiagem sóbria somam-se à cenografia de bancada para apontar o caráter jornalístico).

Quando falamos sobre podcasts de *True Crime*, este último gesto pode se dar a partir do uso de trilhas, efeitos sonoros e estilo de locução que evoquem a tradição e a estética jornalística. O imaginário em torno dessa prática social que noticia os fatos do mundo funciona, então, como elemento legitimador.

A locução sóbria, com entonação séria, é uma marca frequente nos podcasts estudados nesta pesquisa, mas parece ser especialmente característica daqueles que mais reivindicam métodos e processos do jornalismo investigativo tais como *A Mulher da Casa Abandonada*, *Pico dos*

3 Há inúmeros casos de crimes e investigações que são revistos anos ou décadas depois das sentenças originais, gerando novas “verdades”.

Marins, Projeto Humanos, apenas para mencionar alguns exemplos. Embora não se caracterize pela investigação, Ficha Criminal também incorpora o estilo de locução característico do jornalista de rádio ou TV, mas neste caso combina elementos de storytelling com uma dicção e recursos sonoros mais típicos do noticiário convencional.

Podcasts mais vinculados ao entretenimento – como Modus Operandi ou Café com Crime – não lançam mão da mesma estratégia (JÁUREGUI, 2023). Com locução sorridente e informal, optam por concentrar a veridicção no plano estritamente verbal e no próprio contrato comunicacional característico do gênero.

O recurso à estética do jornalismo também se dá com o uso de trilhas. Ficha Criminal, por exemplo, tem músicas curtas e impressionistas, típicas do rádio e TV aberta especialmente no âmbito da programação policial. Enquanto isso, Pico dos Marins, Projeto Humanos e a Mulher da Casa Abandonada têm trilhas que remetem mais à dramatização – com momentos de tensão, clímax e relaxamento – como no jornalismo narrativo e/ou na ficção radiofônica e audiovisual (o que tensiona TEL para o outro lado no *continuum* da factualidade).

Paisagens e ambiências sonoras *in loco* também cumprem função importante para TEL, articulando a veridicção com estratégias de verossimilhança. Nesse sentido, destacamos outra vez o investimento dos podcasts narrativos, que, mais comumente, dão ênfase a esse recurso. É o caso de A Coach, quando, ainda nos primeiros segundos do primeiro episódio, o jornalista Chico Felitti está na porta do Instituto Penal Santo Expedito, em Bangu, zona Oeste do Rio de Janeiro. Na ambiência, as motocicletas que passam na rua, enquanto anúncios em carros de som e pessoas conversando, indicam à ouvinte⁴ o local em que parte do enredo se desenvolve.

Se em termos semióticos, a veridicção apoia-se sobretudo na indicialidade, a verossimilhança comporta também uma carga icônica, por

4 Tendo em vista que as mulheres são as maiores consumidoras do gênero, optamos por dizer “a ouvinte” sempre que nos referirmos a esse público específico (Jáuregui, 2023).

parecer-se com o objeto representado (a realidade em que ocorrem os crimes). Dessa forma, as ambiências além do estúdio ajudam a ouvinte a conectar fatos excepcionais e crimes bárbaros ao cotidiano representado pelo ruído do trânsito, o canto de passarinhos e o som de portas que abrem e fecham.

A conexão com a realidade ainda se dá com o uso de sonoras extraídas de programas de rádio e TV. Quando isso ocorre, além de trechos falados, tem-se a incorporação de elementos que revelam a identidade sonora dos produtos jornalísticos. Desse modo, vinhetas e efeitos que carregam padrões estéticos típicos dos meios noticiosos atuam como reforço do caráter factual.

Chamamos atenção para um trecho do primeiro episódio do podcast Medo do Escuro - o caso João Paulo. Logo após o jornalista Rodrigo Pereira dizer a data de 16 de dezembro de 1989, ouve-se um rápido efeito de televisão sendo sintonizada – característica sonora típica da TV analógica – para, na sequência, entrar o pronunciamento do então presidente José Sarney. Após a fala, outro som de sintonia de TV encerra o trecho retirado da mídia audiovisual.

Uma estratégia frequente, nesse sentido, é a concatenação de mais de um excerto da programação televisiva ou radiofônica, sugerindo um mosaico de citações ou um “*flashback* midiático”, ativando a memória de como o crime em questão já foi noticiado ou de fatos passados que ajudam a colocá-lo em contexto. É isso que ocorre, por exemplo, no trailer de *O Caso Evandro*, que dedica mais da metade dos seus 2min10 de duração à justaposição de sonoras jornalísticas.

Neste e em outros podcasts, a textura sonora característica de fitas magnéticas antigas e desgastadas ressalta o registro de fatos da realidade em suporte físico. É o que ocorre com trechos de depoimentos, interrogatórios e torturas. A incorporação de tais materiais não se daria apenas pelo “conteúdo noticioso”, mas pela plasticidade que remete ao imaginário jornalístico e ao registro documental.

Justiça, subversão e cruzada: heróis justiceiros e trilhas épicas

Enquanto a primeira etapa da metodologia aqui desenvolvida se situa num ponto de articulação entre o plano da enunciação e o do enunciado, a segunda etapa comporta gestos empreendidos no interior das narrativas. É o caso dos três códigos que abordamos neste tópico: justiça (JUS), subversão (SUB) e cruzada (CRU).

O primeiro deles (JUS) diz respeito à centralidade que as narrativas do gênero dão à busca por justiça, contando histórias sobre desaparecimento, malfeitos impunes ou pessoas condenadas injustamente. Narrativas sobre crimes resolvidos, por outro lado, contém uma presença mais sutil desse código, apesar de terem, em alguma medida, um aspecto de incompletude, seja por apontar controvérsias dos casos ou por lembrar da difícil tarefa que é a reparação de um malfeito. SUB, por sua vez, relaciona-se com a reconsideração de evidências produzidas pelos meios oficiais de investigação criminal e avaliadas pelos sistemas de justiça, gerando dúvidas sobre instituições e procedimentos. Por último, CRU seria identificado em produções que reivindicuem transformações sociais, incorporando frequentemente “chamados à ação”.

Optamos por trabalhar conjuntamente esses três códigos pela estreita vinculação entre eles. Sustentado pelo próprio autor que os propõe, esse imbricamento também foi encontrado em mais de uma análise produzida ao longo de nossa pesquisa. Desse modo, a busca por justiça (JUS) pode desencadear a desconfiança das instituições oficiais (SUB), levando à ascensão de um narrador que encarna o papel do detetive, numa jornada pela resolução do caso (CRU) (Jáuregui e Viana, 2022a, 2022b).

Em busca dessa articulação no plano não-verbal, chegamos mais uma vez a O Caso Evandro e, destacamos a forma como a música atua didaticamente para a produção desse sentido de “busca”. Neste caso, o tema principal, que surge em diferentes momentos da temporada, sendo citado ou rearranjado de

variadas formas⁵, permite algumas reflexões. Composto em tom menor, o que sugere melancolia, insiste na reiteração de um motivo melódico do começo ao fim, tendo poucas variações. Recurso bastante usual no âmbito do audiovisual e da ficção radiofônica, a repetição pode gerar expectativa, junto com sentimentos correlatos como o medo (num polo negativo, disfórico) ou a esperança (num polo positivo, eufórico).

O motivo é executado no início por um piano, acompanhado de um arranjo de cordas que faz notas longas. Após os primeiros compassos, as cordas passam a executar a melodia principal, enquanto o piano assume um papel mais rítmico, sendo acompanhado por percussão predominantemente grave, com acentos na cabeça de cada tempo. A dinâmica da música cresce, com uma execução mais *forte*, e novos instrumentos surgem. Ao final, já no ponto mais alto desse crescente, ocorre uma pausa e o tema volta a ser tocado pelo piano, numa dinâmica suave, como se a narrativa sonora voltasse ao início.

A música é, portanto, circular, o que pode remeter a uma das metáforas mais comuns às histórias de detetives que se desesperam ao sentir que “andam em círculos”. A repetição do motivo melódico pede por uma mudança, por uma “evolução da música”, como num chamado à ação, numa cruzada. Nesse sentido, o crescimento da dinâmica com os acentos de percussão bem marcados e a incorporação de cordas e sopros (ou de sintetizadores que simulam esses timbres), são importantes para dar um caráter épico à jornada. Temos, portanto, a epopeia do narrador herói (CRU) que busca justiça (JUS), contra tudo e contra todos (SUB).

Vale a pena ainda mencionar duas outras trilhas que surgem ao longo da temporada. Os seus títulos, disponíveis na internet, deixam ainda mais óbvio o caráter detetivesco da narrativa construída a partir destes códigos: “Algumas peças que encaixam”⁶ e “Peças que não se encaixam”⁷. A metáfora da resolução

5 A trilha sonora original do Projeto Humanos é assinada por Felipe Ayres. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NqWEtpMC4cY>. Acesso em 17 mar. 2024.

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gVVBpLwC-P0>. Acesso em 17 mar. 2024.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pWgLLQIGJYI>. Acesso em 17 mar. 2024.

de um crime como a montagem de um quebra-cabeças não se restringe, contudo, apenas ao nome das músicas. Na primeira delas, composta a partir de um esquema de pergunta e resposta entre linhas melódicas, as frases parecem se encaixar umas com as outras. Na segunda, esse recurso é substituído pela sobreposição de melodias, como se não fosse possível montar o esperado quebra-cabeças.

O código geográfico: de volta à cena do crime

Talvez um dos códigos narrativos do *True Crime* mais fáceis de identificar do ponto de vista sonoro seja o geográfico (GEO), relacionado com a ênfase dada para a localidade onde se passam os crimes. Desse modo, descrições de espaços e situações no plano verbal se combinam com o uso frequente de ambientações e paisagens sonoras captadas *in loco*.

No caso do podcast Praia dos Ossos, esse código precede, do ponto de vista temporal, todos os outros elementos da narrativa. Ao dar o *play*, o que se ouve imediatamente são as ondas do mar. Em seguida, surge o som de passos e de animais e, só depois disso, que a primeira palavra é falada, acompanhada pela brisa que o microfone capta. A sensação de espacialidade se complexifica pela distribuição binaural dos elementos, de modo que o latido de cachorros parece vir em direção oposta ao canto das gaivotas.

Enquanto o plano verbal faz a descrição, contando as mudanças que a Praia dos Ossos sofreu ao longo das últimas décadas, toda essa ambiência pode dar a sensação de estar ali. Não bastasse ter o nome do local como título, o podcast sugere a experiência de uma imersão por meio do som. Este, aliás, sugere certa sinestesia relacionada à experiência tátil dos corpos que falam enquanto caminham na praia, sentindo o toque da areia e do vento.

Ao longo do podcast outros locais surgem, com um retorno reiterado (e talvez premeditado) ao local do crime, como também costumam fazer criminosos e investigadores. Inúmeras outras ambientações poderiam ser mencionadas, permitindo o aprofundamento neste código. Por exemplo, quando

Chico Felitti vai aos Estados Unidos em duas de suas investigações (A Coach e A Mulher da Casa Abandonada), os sons ambientais são importantes para destacar o deslocamento espacial. Já em terras estrangeiras, os signos verbais falados por personagens locais não importam apenas pelo significado das falas, mas pelos significantes (imagens acústicas) característicos da língua inglesa. Em Pico dos Marins, por sua vez, o momento da escalada da montanha, além de cumprir uma expectativa criada ao longo dos episódios, adquire ainda mais sentido pelo som dos passos sobre as folhas e do vento captado pelo microfone.

Código forense: provas sonoras

O código forense (FOR), por sua vez, constitui-se pela riqueza de detalhes da esfera policial e jurídica, com exposições cuidadosas de evidências e da ciência forense em torno dos casos. Do ponto de vista sonoro, FOR pode guardar similaridade com GEO, uma vez que descrições ambientais são elemento relevante em qualquer investigação. Chama-nos mais atenção, contudo, a forma como provas dos autos passam a compor o enredo dos podcasts.

Em Futebol Bandido/UOL Esportes, na temporada do *Caso Daniel*, as mensagens trocadas por ele e seus amigos pelo aplicativo Whatsapp ganham tanto a função de evidência judicial quanto de elemento de uma narrativa sonora. Nesses trechos de conversa, fala-se sobre uma suposta relação sexual entre ele e a esposa do principal suspeito de seu assassinato. O conteúdo ali presente é fundamental para a compreensão da trama, porém não é suficiente para esgotar o papel desses elementos.

No caso das mensagens de texto, é feita a leitura sempre precedida por um sinal sonoro que simula a vibração do telefone; mas, dentre todas as inserções dessa conversa, destaca-se particularmente um áudio enviado pelo jogador. Para além da descrição que ele faz da situação desde seu ponto de vista, esse material carrega um registro da voz do atleta momentos antes de sua morte. Trata-se de uma prova, de um documento. A qualidade técnica inferior característica de um áudio de Whatsapp (em comparação com vozes gravadas

em estúdio) certamente colabora para o sentido e o valor que esse elemento adquire no podcast.

Gravações de interrogatórios, depoimentos antigos e materiais de arquivos são outros exemplos de como a materialidade sonora contribui para que podcasts do gênero adquiram esse aspecto forense. Por vezes, evidências obtidas pelas produções, antes desconsideradas ou ignoradas pelas autoridades oficiais, tornam-se relevantes para o sistema de justiça. É o que ocorreu com O Caso Evandro, que contribuiu para a revisão de processos judiciais de pessoas presas injustamente.

Código vocativo: um corpo e uma voz que se posicionam

O código vocativo (VOC) diz respeito ao afastamento da retórica de neutralidade associada aos padrões jornalísticos estabelecidos, em prol da tomada de posição em relação aos fatos relatados. Ainda que tal postura seja mais evidente quando o apresentador fala em primeira pessoa, dando sua opinião ou expressando o ponto de vista da equipe ou da empresa midiática, o nosso campo discute frequentemente outras formas de posicionamento: escolhas editoriais, estratégias de edição e montagem, entre outros. Ao nos aventurarmos pelos instáveis limites entre o verbal e o não-verbal, podemos considerar a prosódia como um espaço produtivo para identificar a operacionalização deste código.

Mesmo que um apresentador não profira “eu” ou a “minha/nossa opinião”, a própria entonação da fala sugere uma postura específica. É o que observamos no primeiro episódio de A Mulher da Casa Abandonada, pelo entusiasmo com que Felitti, então morador de Higienópolis, comenta sobre uma vizinha excêntrica, que vivia numa casa deteriorada e costumava aparecer publicamente com o rosto coberto por um creme branco.

Ativada pelo aparato respiratório, a voz é parte de um corpo e indicia uma série de alterações no estado de ânimo de quem fala. É justamente isso que ocorre quando as frases de Felitti adquirem um tom mais agudo, com mudanças

bruscas de ritmo. Ao longo da temporada, quando grava fora do estúdio, ele chega a parecer ofegante e emocionado.

Já no último episódio, quando já conhecemos os padrões vocais desse podcaster e podemos ouvir, finalmente, uma entrevista com a personagem investigada, fica ainda mais nítido como diferentes entonações comunicam posicionamentos. A impaciência dele com os relatos da entrevistada é perceptível muito antes de ele justificar o fim da conversa com o argumento frágil de que a bateria de seu celular iria acabar.

Mudanças no ritmo da fala, aliás, servem a diferentes funções no universo radiofônico, como trocar de assunto ou captar a atenção da ouvinte, mas nestes podcasts atuam tanto como reforço quanto como antecipação de um posicionamento. É com um breve corte no fluxo de fala e uma retomada em ritmo mais pausado que Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos, inicia a exposição do que ele entende como o melhor caminho para resolver um mistério criminal. E, assim como no exemplo anterior, entendemos que, a cada novo episódio, tal procedimento fica mais reconhecível e terá mais sentido para a ouvinte. Sempre que essas alterações ocorrerem, normalmente acompanhadas de mudanças no BG e/ou um rápido silêncio, haverá a mensagem implícita de que o podcaster emitirá sua opinião.

Como Luana Viana (2023) sustenta em sua pesquisa sobre narração em primeira pessoa em podcasts, tais indícios audíveis vão além da apresentação de hipóteses ou teses sobre os assuntos em questão. Ao longo de entrevistas e de diferentes momentos dos relatos, a voz pode se mostrar mais séria ou descontraída, mais tensa ou relaxada, apontando para o que seria um **posicionamento sonoro do narrador**. Ora simpático e bem humorado, ora formal e mais sisudo, o aspecto da voz nos dá indícios de uma corporalidade, de uma presença e uma postura frente aos fatos (VOC).

Folclore e psicologia: alienistas e contadores de história

A atmosfera de medo e mistério das produções analisadas contém um

flerte inegável com toda uma produção artística de natureza fantasiosa, incluindo desde a literatura e o cinema de suspense até as histórias contadas para crianças. Tais elementos são identificados pelo código folclórico (FOL), em que a fantasia se articula com um investimento pedagógico que traria ensinamentos sobre o mundo na forma de “contos de fada brutais” (“*very rude fairytales*”).

Para esta reflexão, optamos por abordar separadamente as duas faces de FOL: de um lado, o aspecto fantasioso; de outro, o instrutivo. Houve trabalhos, inclusive, que sugeriram o desmembramento dele em dois códigos: o folclórico propriamente dito e o moral (MOR) (Carvalhido et al., 2023).

Do ponto de vista da lição dada pela história, observamos procedimentos não-verbais semelhantes aos apontados em VOC, mas, neste caso, a mudança no fluxo da fala se dá para que uma moral da história seja apresentada. Isso é notável ao final da temporada de O Caso Evandro, quando Mizanzuk retoma medos de sua infância mencionados no primeiro episódio, e nos últimos momentos do Pico dos Marins, quando, sensibilizado com a história da família do menino desaparecido, o apresentador Marcelo Mesquita faz uma reflexão acerca da sua recente paternidade e da importância de passar tempo com as pessoas queridas.

Ao lançar mão de recursos como o silêncio e a mudança no ritmo da fala, o momento de apresentação de uma “moral da história” recebe ênfase especial em relação ao resto do fluxo narrativo. O efeito de sentido sugerido tem a dimensão verbal como componente fundamental, mas certamente não teria a mesma intensidade sem todo o invólucro sonoro em torno das lições de vida ali apresentadas.

A prosódia é também importante quando nos debruçamos sobre a dimensão de fantasia em FOL. A fala pausada, com o uso de muitas ênfases e do silêncio com efeito de suspense é frequente em podcasts como o Café com Crime e o Modus Operandi, o que aproxima esse estilo narrativo da estética da contação de histórias. Isso também se nota no teaser e no primeiro episódio de

A Mulher da Casa Abandonada, sempre que o narrador destaca o mistério em torno daquele imóvel, que ganha ares de casa mal assombrada, e daquela mulher, que se assemelha por vezes ao arquétipo da bruxa.

Mistério e fantasia também são sugeridos pela música; uma discussão antecipada quando discutimos TEL, mas que deve ser aprofundada a esta altura. A expectativa gerada com a repetição de motivos melódicos na trilha de O Caso Evandro é um exemplo disso. Outro caso em que se observa investimento musical para a sensação de suspense seria em Modus Operandi, mas, desta vez, haveria a tensa associação entre uma trilha de suspense⁸ (com andamento lento, piano em primeiro plano, acompanhado de arranjo de cordas e pratos) e uma locução descontraída. Isso geraria um tipo de *True Crime* com aspecto lúdico e bem humorado, como discutiremos no próximo subtítulo.

A trilha sonora de A Mulher da Casa Abandonada também merece menção. No trailer, a música se inicia com um instrumento da família do xilofone (ou uma simulação digital dele) executando notas agudas tocadas em staccato e algumas pausas. Tal melodia minimalista em dinâmica suave é acompanhada de um arranjo de cordas que faz notas longas, numa estética bastante recorrente no universo do suspense, sobretudo em momentos em que a tensão narrativa começa a crescer, mas ainda está longe do clímax⁹.

Sem a pretensão de esgotar a discussão, trazemos como último exemplo de investimento sonoro para a construção de FOL o apito de escoteiro que surge em vários momentos de Pico dos Marins. Tal efeito remete à forma de comunicação entre membros desse grupo e ao próprio som que foi ouvido no dia em que Marco Aurélio desapareceu, mas pode obter ainda mais sentidos, sempre que surge estrategicamente em pausas da narração. O uso de um som que provoca apreensão é um recurso bastante usual no universo do audiovisual e provavelmente tem como o mais célebre exemplo o filme *Psicose*. Embora no caso do clássico de Alfred Hitchcock, o som assustador que se repete nos

8 Dados sobre a composição da trilha sonora não estão disponíveis publicamente.

9 Luan Alencar assina edição de som e sound design para o podcast.

momentos mais tensos do enredo seja executado por instrumentos musicais, é possível entendê-lo como um efeito sonoro com função de dramatização.

No cruzamento entre as dimensões instrutiva e fantasiosa de FOL, observamos também a presença do código psicológico (PSI). Como sustentam Jáuregui e Viana (2022b), essa postura narrativa tem relação com o investimento que parte significativa das produções do gênero dedicam à compreensão da mente criminal.

De um lado, tais relatos informam o público sobre os comportamentos típicos de criminosos e, até mesmo, ensinam formas de evitar violências (especialmente quando os podcasts em questão assumem tom professoral). De outro, revelam também uma fascinação pela psique de indivíduos desviantes. Neste caso, a voz que incorpora características do contador de histórias de mistério, acompanhado de trilhas que remetem à fantasia, também colaborariam para criar o que Jáuregui e Viana (2022c) identificam como um narrador alienista. Esse termo, hoje em desuso e anterior às atuais delimitações entre psicologia, psiquiatria e psicanálise, diria respeito ao indivíduo “apaixonado por entender a mente humana – na interseção entre o diletantismo, o profissionalismo e a obsessão, tal qual observamos no célebre conto de Machado de Assis” (p. 41).

Código humorístico: algo soa engraçado?

Como um último exercício de análise, observamos elementos não-verbais que sugerem o riso e o gracejo em produções sobre crimes reais, o que Jáuregui (2023) identifica como o código humorístico (HUM). Tal recurso, controverso em função da seriedade do assunto tratado, é identificado nesse trabalho de diferentes formas, mas vincula-se principalmente com a cumplicidade entre as narradoras dos podcasts analisados (Café com Crime e Modus Operandi) e as ouvintes (em sua maioria mulheres), que têm como objeto principal do riso as bizarrices envolvendo as situações narradas (e não necessariamente o sofrimento de vítimas). Destaca-se também a chacota direcionada a figuras masculinas (que, na grande maioria dos casos, ocupariam o papel de

agressoras), o que aponta para uma relação do riso com um ponto de vista específico frente a tais situações e até mesmo com posicionamentos político-ideológicos.

É o caso do podcast *Modus Operandi*, em que a gravidade do conteúdo verbal, somado com uma trilha musical, que remete ao suspense (com andamentos lentos e notas longas), contrasta com tom descontraído das vozes das apresentadoras. Desse choque, surgiria o humor. E, no limiar entre o verbal e não-verbal, ouvem-se risos e gargalhadas quando elas comentam esquisitices da vida de criminosos. É o caso do episódio de 1 de junho de 2023, quando elas mencionam o “trono do sexo” que o ator Armie Hammer, denunciado por situações de abuso e violência, teria no depósito da fundação administrada por sua família.

O podcast *Café com Crime*, por sua vez, traz uma escolha diferente em relação à trilha. Em sua abertura, a música tem o andamento levemente acelerado, em torno de 122 bpm – *allegro*, em termos musicais –, e é composta numa tessitura que privilegia médios e agudos, por timbres digitais que emulam uma clave de madeira e uma marimba. A imaginário festivo e caribenho convocado, em diálogo com a locução sorridente também sugere uma situação de contraste em relação ao conteúdo narrado.

O episódio de 31 de maio de 2023, dedicado à história da potiguar Maria Nazaré Félix de Lima, que após o assassinato de ao menos cinco maridos, ficou conhecida como “A Viúva Negra do Sertão”, chama-nos especial atenção. Nesse caso, o papel habitual da vítima é subvertido, uma vez que os crimes são praticados por uma mulher. Ao longo dos relatos, entretanto, não deixam de ser mencionadas violências que ela sofreu de seus companheiros, que, em alguma medida, acabam cumprindo o papel de agressores. Além disso, zomba-se de tais homens que, na maioria dos casos, unem-se conscientemente a uma conhecida assassina de maridos.

Dentre os elementos sonoros, além dos já mencionados em relação à trilha e à locução, destacamos o uso reiterado de uma sonora em que a assassina diz

a frase “Tô com ódio”. O áudio usado como vírgula sonora — e que já havia viralizado na internet na forma de meme — surge por três vezes ao longo do podcast, ressaltando uma dubiedade da personagem, que teria a voz cansada de uma idosa, em contraste com seu histórico ameaçador. Não descartamos a possibilidade de que o sotaque potiguar contribua para a construção de uma imagem caricata da *serial killer*.

Considerações finais

Os estudos sobre a linguagem radiofônica mostram que é possível a (re)construção de relatos localizados no tempo e no espaço exclusivamente por meio dos sons. O radiofônico oferece a iconicidade acústica do mundo (Haye, 2005) e leva ao ouvinte o conhecimento da realidade.

Em um espectro mais objetivo, o espaço, as ações e os objetos sonoros, ao se articularem, são capazes de gerar uma verossimilhança com a realidade. Já em uma dimensão mais subjetiva, têm a capacidade de atribuir uma atmosfera e tons psicológicos. Essa característica assemelha-se ao que Martinez-Costa e Diez Unzueta (2005) vão chamar de dupla função do som: a informativa - marcando locais, tempo, acontecimentos - e expressiva - recriando um “clima” e sugerindo o despertar de sentimentos em relação à narrativa.

Com base nisso, discutiu-se neste trabalho como a sonoridade, em grande medida pertencente ao mundo referencial, ou seja, à realidade, também é capaz de criar um espaço subjetivo, de valor simbólico e afetivo por meio dos códigos narrativos postulados na Teoria de *True Crime* (Punnett, 2018).

Do ponto de vista dos códigos TEL, GEO e FOR, nota-se o uso sistemático de sons ambientais, pela classificação de Balsebre (2005), ou diegéticos, nos termos de Guarinos (2012). Em JUS, SUB e CRU, a trilha se mostra predominantemente programática (Schafer, 2012) ou descritiva (Balsebre, 2005), por traduzir em música as idas e vindas da atividade investigativa. Não se anula, porém, uma dimensão expressiva (Balsebre, 2005), relativa aos afetos ali convocados. Embora para FOL e PSI a música também remeta a cenas e ações,

ela adquire valor predominantemente expressivo quando há criação de atmosferas de fantasia e suspense. No caso de HUM, a contradição entre os planos verbal e não verbal tem papel relevante.

Pela classificação de Balsebre (2005), há o uso de efeitos sonoros do tipo narrativo (marcando o ritmo do relato) e expressivo (sugerindo tonalidades psicológicas), caso do apito de escoteiro em Pico dos Marins (código FOL). A função é ornamental, quando consideramos os sons de sintonia de TV (Medo do Escuro) ou de vibração de celular (Caso Daniel), ligados respectivamente a TEL e FOR. Estes ainda poderiam ser entendidos como extradieгéticos, na perspectiva de Guarinos (2012)

Outro ponto que merece destaque diz respeito à dimensão estética da linguagem verbal e da locução, para além do conteúdo/significado do signo linguístico. Em outras palavras: o papel do significante e da prosódia. Inflexões vocais e ritmo de fala têm funções relevantes em toda a construção narrativa do *True Crime* em podcasting, sobretudo em VOC, FOL, PSI e HUM. Articulam-se a isso, as formas pelas quais o silêncio potencializa a expressão, como indica Ferraretto (2014).

Reconhecemos, sem hesitar, que há uma centralidade no verbal, mas também concordamos que os estudos de produção de sentido no rádio e no podcast precisam de um olhar mais voltado para a compreensão dos elementos não-verbais. É nesse sentido que Meditsch e Betti (2019) defendem que pesquisadores da mídia sonora assumam um papel de auditores, pois, segundo eles, a maior parte dos trabalhos dedicados a investigar a narrativa radiofônica desconsidera a sonoridade do material analisado.

Especificamente no caso dos podcasts de *True Crime*, identificamos uma maior liberdade na composição desses enredos a partir do som — parte disso pela própria característica da mídia e dos hábitos de escuta a ela associados, que permite mais experimentações, parte também pela construção do próprio gênero, que conta histórias de forma a envolver as ouvintes nos casos criminais.

Essa combinação demonstra como o presente trabalho faz-se relevante,

na medida em que contribui para pensar a composição da linguagem do True Crime em podcast, como também contribui para refletir sobre a composição do discurso radiofônico como um todo.

Bibliografia

A COACH. [Locução de]: Chico Felitti. sl: Wondery/Pachorra Felitti, set. 2023. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0DV8zoBB9s81138sTN7aXI?si=d54ea39e86d44156>. Acesso em: 5 mar. 2024.

A MULHER DA CASA ABANDONADA. [Locução de]: Chico Felitti. sl: Folha de S. Paulo, jun. 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=6142a59990024e94>. Acesso em: 5 mar. 2024.

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além do limite dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio** - Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos – Vol I**. Florianópolis: Insular, 2005.

CAFÉ COM CRIME. [Locução de]: Stefanie Zorub. sl, jun. 2018. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2HuFd4vu8PsXGnJLvdPCb6?si=37818fbb9f1f455b>. Acesso em: 5 mar. 2024.

CARVALHIDO, S.; OLIVEIRA, B.; FERNANDES, L.; SANTOS, L.; PAES, N. OLIVEIRA, R. **O True Crime na podosfera: uma análise de produções sonoras influentes no Brasil**. Orientação: Carlos Jáuregui e Luana Viana. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa. Anais eletrônicos... São Paulo: 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0815202321093464dc13be82c7b.pdf . Acesso em 17 mar. 2024

CASSADEI, Eliza B. As diferentes noções de código narrativo na obra de Roland Barthes: as translações de sentido em um conceito. Estudos Semióticos, v. 8 n. 1, p. 1-14, jul. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49366> . Acesso em 24 jul. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Summus, 2014.

FICHA CRIMINAL. [Locução de]: Diego Toledo. sl: UOL, ago. 2019. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1VLXNZv39IkC1ApYWpsBFt?si=c66dc82f60784f3c>. Acesso em: 5 mar. 2024.

FUTEBOL BANDIDO: UOL Esporte Histórias. [Locução de]: Adriano Wilkson e Karla Torralb. sl: UOL, ago. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4yDuhIA3AP7NwXo2V1vrUA?si=822894463abc4f67&nd=1&dlsi=7225c72ac31a4acb>. Acesso em: 5 mar. 2024.

GLOBO. A onda de True Crime. Globo Gente, abril de 2023. Disponível em:

<https://gente.globo.com/infografico-a-onda-de-true-crimes/> Acesso em 14 mar. 2024.

GUARINOS, Virginia. **Manual de narrativa radiofónica**. Madrid: Sintesis, 2009.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio - Vol I**. Florianópolis: Insular, 2005.

JÁUREGUI, Carlos. Crimes, risos e tensão: considerações acerca do humor em podcasts brasileiros de true crime. *Novos Olhares*, 12(2), 51-62, ago-dez 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2023.217154> . Acesso em 01 mar. 2024.

JÁUREGUI, Carlos; Viana, Luana. Relatos sonoros de um crime: O Caso Evandro pela ótica do True Crime. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, e41123. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41123> . Acesso em 27 out. 2022a.

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. **A mulher e a casa investigadas: notas sobre o "narrador detetive" em podcasts de True crime**. In: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa. Anais eletrônicos... São Paulo: 2022b. Disponível em: <https://abrir.link/1v15m> . Acesso em 14 ago. 2023

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. A análise psicológica no True Crime: um estudo dos podcasts Modus Operandi e Assassinos em Série. **INSÓLITA** - Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário, 2022c, 2.2: 27-44. Disponível em: <https://abrir.link/lrBKj> . Acesso em 14 ago. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica**. Pamplona: Eunsa, 2005.

MEDO DO ESCURO: O caso João Paulo. [Locução de]: Rodrigo Pereira. sl: G1, 31 jan. 2024. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7A7XWXzBN3MTSrTxNnBvf?si=0d2bc95280b34041&nd=1&dl=657343bc256f43b7>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MODUS OPERANDI. [Locução de]: Carol Moreira e Mabê. sl: Globoplay, 29 dez. 2019. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1k2AsiW1iHQBNqOVcmmWDW?si=a79b15a68b4c4a34&nd=1&dl=21787890a60241d6>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MURLEY, Jean. **The rise of True Crime**: Twentieth century murder and American popular culture. Westport, CT: Prager, 2008.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. **Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos**. Anais 16o SBPJor. Goiânia, nov. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

PEW RESEARCH CENTER. **A Profile of the Top-Ranked Podcasts in the U.S**, 15 jun. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/A32hz> .

PICO DOS MARINS: O caso do escoteiro Marco Aurélio. [Locução de]: Marcelo Mesquita. sl: Trovão Mídia, nov. 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0KP3Y2OuUnTiWgXyWy239?si=d044cb0b18a24b80&nd=1&dl=si>

[=1a3631f1299c48a4](#). Acesso em: 5 mar. 2024.

PILGER, Caroline R.; SILVEIRA, Fabrício; DUPONT, Fernanda et al. *Televisão por streaming, necromídia e capitalismo gore: explorando a série Dahmer – Um Canibal Americano*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

PRAIA DOS OSSOS. [Locução de]: Branca Vianna. sl: Rádio Novelo, ago. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg?si=c9f51f8737a0454f&nd=1&dlsi=fbfdec8485cb45f1>. Acesso em: 5 mar. 2020.

PROJETO HUMANOS: O caso do escoteiro Marco Aurélio. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. sl: AntiCast, mar. 2015. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3ImOWdGnN8mHFNaKwMSFJx?si=14d5521c356847af&nd=1&dlsi=b6af653c14834457>. Acesso em: 5 mar. 2024.

PUNNETT, Ian C. **Toward a Theory of True crime Narratives: A Textual Analysis**. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018. E-book Kindle.

SCHAFER, Murray. **A Afiinação do mundo**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasts: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Florianópolis: Insular, 2023.

Hodor Cavalo e as Beterrabas em Fúria: dinâmicas entre o podcast e seus fãs

*Hodor Cavalo y las Beterrabas em Fúria:
dinâmicas entre el podcast y sus aficionados*

*Hodor Cavalo and the Beterrabas em Fúria:
dynamics between the podcast and its fans*

Aline Monteiro Homssi

Resumo

As dinâmicas entre fãs de podcasts e a mídia têm se desenvolvido nos últimos anos, gerando novas formas de atuação de admiradores, em especial de podcasts narrativos. O objetivo deste artigo é entender as dinâmicas entre as hosts e o público engajado do podcast Hodor Cavalo, a partir da observação do fenômeno do podcasting, em que, além da experiência sonora, são adicionados outros elementos e outras mídias, incluindo plataformas de redes sociais. Analisamos os seus primeiros cinco episódios e, também, os cinco primeiros posts do site www.hodorcavalo.com.br. Os estudos em podcasting nos servem de apoio para a discussão, com Lopez e Alves (2019), Viana (2023), Lopez (2024) e Kischinhevsky (2024). Para as relações entre fãs e objetos de devoção, trazemos Shirky (2011), Jenkins, Green e Ford (2014), Lopez e Homssi (2021) e Evans (2020). Utilizamos a Análise de conteúdo de Bardin (2016), em seu caráter exploratório, como método de pesquisa. Conclui-se que as hosts exploraram pouco o potencial de engajamento de seu público, com poucas respostas a comentários.

Palavras-chave: Podcasts; Fãs; Engajamento.

>> Como citar este texto:

MONTEIRO HOMSSI, Aline. Hodor Cavalo e as Beterrabas em Fúria: dinâmicas entre o podcast e seus fãs. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 133-158, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Aline Monteiro Homssi
alinemonteiro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5430-5983>

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Jornalista, pesquisadora e assessora na Converso Comunicação e Publicidade. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Resumen

Las dinámicas entre los fans de los podcasts y los medios de comunicación se han desarrollado en los últimos años, generando nuevas formas de actuación de los admiradores, especialmente de los podcasts narrativos. El objetivo de este artículo es comprender las dinámicas entre los presentadores y el público comprometido del podcast Hodor Cavalo, a partir de la observación del fenómeno del podcasting, en el que, además de la experiencia sonora, se añaden otros elementos y otros medios, incluidas las plataformas de redes sociales. Analizamos sus cinco primeros episodios y también las cinco primeras publicaciones del sitio web www.hodorcavalo.com.br. Los estudios sobre podcasting nos sirven de apoyo para la discusión, con López y Alves (2019), Viana (2023), López (2024) y Kischinhevsky (2024). Para las relaciones entre los fans y los objetos de devoción, recurrimos a Shirky (2011), Jenkins, Green y Ford (2014), López y Homssi (2021) y Evans (2020). Utilizamos el análisis de contenido de Bardin (2016), en su carácter exploratorio, como método de investigación. Se concluye que las anfitrionas explotaron poco el potencial de compromiso de su público, con pocas respuestas a los comentarios.

Palabras clave: Podcasts; Fans; compromiso

Abstract

The dynamics between podcast fans and the media have developed in recent years, generating new ways for fans to engage, especially with narrative podcasts. The aim of this article is to understand the dynamics between the hosts and the engaged audience of the Hodor Cavalo podcast, based on observing the phenomenon of podcasting, in which, in addition to the listening experience, other elements and other media are added, including social networking platforms. We analyzed its first five episodes and the first five posts on the website www.hodorcavalo.com.br. Studies on podcasting provide support for the discussion, with Lopez and Alves (2019), Viana (2023), Lopez (2024) and Kischinhevsky (2024). For the relationships between fans and objects of devotion, we bring in Shirky (2011), Jenkins, Green and Ford (2014), Lopez and Homssi (2021) and Evans (2020). We used Bardin's (2016) exploratory content analysis as a research method. We concluded that the hosts did little to exploit their audience's potential for engagement, with few responses to comments.

Keywords: Podcasts. Fans. Engagement.

Introdução

As dinâmicas entre os ouvintes e as *hosts* de um podcast são o alvo da investigação abarcada por este artigo, integrante de uma pesquisa mais ampla, em andamento. A observação do podcasting como um fenômeno vindo do rádio, trazendo o áudio como elemento principal, é ampliada quando há o surgimento de shows que adicionam à experiência sonora outros elementos e outras mídias, incluindo plataformas de redes sociais on-line. Enquanto um objeto midiático vivo e em constante transformação, podcasts oferecem múltiplas possibilidades de estudos.

Como objeto deste artigo, temos o podcast *Hodor Cavalo*¹, singular em seu nascimento e desenvolvimento. Ele parte de um trabalho anterior das *hosts*, em vídeos publicados na plataforma *Youtube*, tendo sido criado como mais uma entrada para que o público já conquistado vivencie a leitura de capítulos do livros da saga *As crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin. Nascido de fãs engajadas em conteúdos advindos do universo narrativo da obra de Martin (2015), o podcast *Hodor Cavalo* visou, como público, outros fãs da saga e, principalmente, o público engajado dos canais *YouTube* das apresentadoras.

No episódio #001, as apresentadoras Miriam Castro e Carol Moreira explicam que o nome do show veio de uma teoria de fã a respeito do universo narrativo de *As crônicas de gelo e fogo*, em especial da série de TV derivada, *Game of Thrones*, exibida pela rede de TV por assinatura HBO, de 2011 a 2019.

No episódio #010, as *hosts* decidem qual será o nome destinado aos ouvintes do show. Entre as sugestões, sobressai-se “[...] beterrabas em fúria.” (Martin, 2015, p. 55), expressão extraída do primeiro livro da saga de *As crônicas de gelo e fogo*, citada no episódio #008, que agradou os ouvintes, chegando a ser discutida por eles no antigo *Twitter*. Desde então, o público engajado do *Hodor Cavalo* passou a ser denominado como “beterrabas e beterrabos em fúria”. São 112 episódios, interrompidos pelo anúncio de um hiato, ainda não finalizado. Na

¹ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

ausência dos capítulos, um grupo de fãs tenta seguir com os comentários sobre a saga, gerando um novo show, *Beterraba leitora*.

O objetivo deste artigo é analisar a dinâmica entre o podcast e seus fãs, em seus primeiros cinco episódios e, também, os cinco primeiros posts do site www.hodorcavalo.com.br³. Os estudos em podcasting nos servem de apoio para a discussão aqui proposta, em especial com Lopez e Alves (2019), Viana (2023), Lopez (2024) e Kischinhevsky (2024). Para o aporte teórico das relações entre fãs e objetos de devoção, valem-nos Shirky (2011), Jenkins, Green e Ford (2014), Lopez e Homssi (2021) e Evans (2020). Utilizamos a Análise de conteúdo de Bardin (2016), em seu caráter exploratório, focando nos cinco episódios iniciais do show, assim como nos cinco posts iniciais do site, cada um deles relativo a um dos episódios do *Hodor Cavalo*.

Podcasting, shows, ouvintes, fãs e engajamento

Fenômeno com 20 anos de existência, o podcasting se apresenta como uma linguagem (Lopez, 2024) e uma prática (Kischinhevsky, 2024) comunicacionais em constante transformação. Oriundo do fenômeno do rádio, e da facilidade deste em se adaptar (Scolari, 2015) a mudanças do ambiente midiático, o podcasting é multimídia e multiplataforma (Viana, 2023), podendo ser ouvido a qualquer momento (por diferentes serviços de *streaming*), baixado, armazenado (Kischinhevsky, 2024). Importante destacar que “[...] a narrativa é centrada no áudio, que prescinde dos demais formatos e se apropria dos elementos da linguagem radiofônica em sua composição.” (Viana, 2023, p. 186). Vivendo um boom nos últimos anos (Viana, 2023) o podcasting aciona formas diversas de consumo (Lopez; Gambaro; Freire, 2023), assim como suscita diferentes relações com os ouvintes. Enquanto produção sonora de escuta sob demanda (Bonini, 2020), com dinâmicas de fruição (Lopez; 2024) próprias, o

² Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

³ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

podcasting coloca os ouvintes em patamar particular.

Devido à sua natureza produtiva, de distribuição e de consumo, os podcasts, produtos do podcasting, dependem de números de episódios baixados e ouvidos para que possam se manter em atividade. O podcasting é, assim, um negócio, gerador de produtos e, como tal, deve seguir as lógicas de distribuição plataformizadas⁴, com produções além da sonora para que esteja relevante e amplie alcance entre o público ouvinte. “A emergência dos *apps* é fundamental para a monetização do podcasting, rompendo com a lógica da gratuidade que prevaleceu nos primeiros anos.” (Kischinhevsky, 2024, p. 53, grifo do autor), contribuindo para a dispersão em plataformas diversas de *streaming* de áudio e levando ao desenvolvimento de estratégias para a manutenção dos ouvintes.

Entre os formatos mais comuns do podcasting, estão as mesas redondas (*mesacasts*), em que temas são discutidos pelos *hosts*, os apresentadores, e seus convidados; as entrevistas, em que os *hosts* entrevistam convidados; os jornalísticos, que tratam tanto das notícias do dia como do aprofundamento destas; os narrativos, em que histórias são tratadas de forma a enredar o ouvinte em uma trama que deve ser ouvida capítulo a capítulo. O podcast analisado neste artigo, *Hodor Cavallo*, tem formato misto, com características de mesa redonda, visto que as *hosts* conversam e trocam impressões sobre cada capítulo da saga *As crônicas de gelo e fogo*, e, também, de narração, já que seu objetivo é comentar os livros, um capítulo por episódio. Como aponta Kischinhevsky (2024), os formatos do podcasting têm se tornado cada vez mais híbridos, sendo *Hodor Cavallo* um exemplo dessa hibridez.

Em sua complexidade, o podcasting traz novas formas e possibilidades de contato com os ouvintes que, na cultura da convergência (Jenkins, 2009), ganham mais relevância. Para Lopez e Alves (2019), o público chega a ganhar protagonismo, posição que não atingem como ouvintes do rádio convencional hertziano, mesmo com as formas possíveis de entrar em contato com as

⁴ Embora seja uma discussão importante para o podcasting, a plataformização e a monetização não serão tratadas neste artigo,

emissoras e seus locutores.

O público de podcasts encontra mais canais à disposição para demonstrar suas opiniões aos produtores. É possível comentar em sites de hospedagem, em algumas plataformas *streaming* sonoro, em perfis de redes sociais on-line, em grupos de discussão criados em plataformas dedicadas ao debate, como o *Reddit*⁵, ou em plataformas de redes sociais on-line, como o Facebook, em grupos formados em aplicativos como *WhatsApp*, *Telegram* e *Signal* e até mesmo em plataformas dedicadas ao debate de fãs, como a *Amino*⁶. Os shows que possuem sites dedicados também podem oferecer caixas de comentários aos ouvintes. Há ainda as possibilidades de contato via e-mail e em posts criados nos perfis dos próprios podcasts em redes sociais on-line.

Com a pluralidade de canais de contato oferecidos, é possível imaginar que o ouvinte possa, mesmo, ter sido alçado a um lugar de protagonismo, como afirmam. Lopez e Alves (2019). Porém, esta mesma diversidade de canais de contato pode contribuir para a dispersão do público e, também, para a dificuldade da produção em agregar as mensagens. Em 2020, o episódio extra *Direito de resposta de Diógenes Caetano dos Santos Filho*⁷, do show *Projeto Humanos*⁸ narra como os comentários de Diógenes Caetano publicados na plataforma *Spreaker*⁹ e não foram vistos pelo *host*. Para o *Hodor Cavalo*, os canais oferecidos aos ouvintes são o e-mail e o site www.hodorcavalo.com.br. Em 8 de janeiro de 2020, o grupo de discussão *Hodor Cavalo*¹⁰ foi criado, no Facebook, marcado como privado: apenas os participantes podem ver a discussão. Adicionalmente, foi criado o perfil @hodorcavalo no *Instagram*, cujo primeiro post data de 16 de

⁵ Disponível em: <https://www.reddit.com/>. Acesso em: 22 Jan. 2025.

⁶ Disponível em: <https://aminoapps.com/>. Acesso em: 22 Jan. 2025.

⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6yGiOPF5pMBRPeaWveR5Uv?si=0cLAgUT2QOuZXTVBnu8cwA>. Acesso em: 22 Jan. 2025.

⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/7oSX5rezU0fHrhleBUyG9L?si=xekWdpF5QCSxc3ywKDUUw&pi=AkUMLacCTO-pL>. Acesso em: 22 Jan. 2025.

⁹ Disponível em: <https://www.spreaker.com/>. Acesso em: 22 Jan. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2624219707663426/>. Acesso em: 06 Dez. 2024,

janeiro de 2020¹¹, também possibilitando o contato direto entre ouvintes e produção.

Primo (2005), ao estudar os ouvintes de rádios e de podcasting e suas formas de participação, pergunta-se se o termo “ouvinte” ainda é válido, visto que o público interage com o objeto sonoro de diferentes formas. A autora (2005) leva em consideração as informações adicionais, que fogem do sonoro, ao se ouvir um podcast. Os elementos parasonoros (Kischinhevsky; Modesto, 2014) compõem uma gama de elemento que oferece ao público experimentar o sonoro cercado por fotos, vídeos, links externos e outros, ampliando a experiência do ouvir. Lopez e Homssi (2021) assumem que a narrativa parasonora contribui para acionar emocionalmente o público ouvinte. Viana (2023) chama de “ouvinte-internauta”, enquanto Lopez e Alves (2019) tratam como “ouvintes convergentes” aqueles que são responsáveis por “[...] interagir com novas práticas interacionais, que, por sua vez, compartilham o seu próprio conteúdo [...]” (Lopez; Alves, 2019). Os autores (2019) sustentam que os ouvintes convergentes se encontram ativos em gêneros diversos de podcasting, destacando-se o narrativo serializado. Para o show *Hodor Cavalo*, que é seriado, temos o que chamamos de os ouvintes engajados, os fãs.

Há muito considerados loucos e sem contato com a realidade (Jenkins, 2015), os fãs constituem uma parte do público que ultrapassa a barreira de uma pretensa passividade para atingir níveis de ação maiores. O autor (2015) trabalha com a perspectiva de que os fãs formam uma cultura, ativa, rica em ações e projetos, na formação de grupos e na circulação de informações, ainda que reconheça a existência da visão negativa sobre essa parcela de público. Traz, também, a perspectiva dos *media fandoms*, grupos de fãs em torno de objetos midiáticos, como mediadores ou como objeto de adoração. Tais objetos podem ser livros, filmes, cantoras/es, atrizes e atores, apresentadoras/es, programas de rádio, novelas e séries de TVs. Adicionamos a estes exemplos os podcasts, ainda inexistente quando Jenkins (2015) escreveu pela primeira vez sobre fãs, em

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7ZMV3YJxCb/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

1992.

Murta (2015) ressalta que o fã traz em si um envolvimento emocional com seu objeto midiático de devoção. Nesse sentido, percebe-se que, havendo mais possibilidades de contato com o produto, o fã buscará novos acessos, comprometendo-se cada vez mais. Para Jenkins, Green e Ford (2014), o comprometimento é o que importa, na cultura da conexão, como afiança Shirky (2011): participar importa. O autor (2011) traça quatro níveis de participação: pessoal, comum, público e cívico. Para este artigo, vamos nos ater aos níveis comum e público. No primeiro, há troca de informações entre grupos de fãs, sendo estes formalizados como *fandoms* ou agrupados informalmente. No segundo, as informações trocadas, ainda que estejam no âmbito dos grupos, também os ultrapassa e atinge pessoas que têm temas e objetos midiáticos como preferenciais, mas não são ativos no contato com demais fãs.

Os níveis de envolvimento do público com as obras midiáticas também foram tratados por Jenkins (2015) e por Jenkins, Green e Ford (2014). O estágio mais simples inclui ações comuns do público: ouvir, ler, assistir. Com maior intensidade no contato com as obras, é possível acionar até mesmo modificações de hábitos domésticos, para estar presente em frente ao rádio ou à televisão quando um programa é transmitido. Estas são ações de públicos que não deixam rastros na internet, não podendo ser atestadas ou contabilizadas. Bury (2018) trabalha com a perspectiva de que há ações de fãs que não aparecem, tais como ler todos os livros de um determinado autor ou mesmo acompanhar publicações em sites ou em perfis em redes sociais on-line, sem utilizar os parâmetros de participação, como curtidas, comentários, envios, mensagens diretas e outros.

Ampliando a visão de Jenkins (2015) e de Jenkins, Green e Ford (2014), Evans (2020) traz o conceito de “engajamento transmídia”, levando em consideração o fácil fluir dos fãs entre uma mídia e outra. São quatro modalidades de envolvimento com objetos midiáticos: *textual receptiva*, em que as ações são, como apontadas por Jenkins, Green e Ford (2014), comuns: ler,

assistir, ouvir; *textual interativa*, em que há respostas ligadas às tecnologias digitais, como jogos on-line; *peritextual receptiva*, com leituras de textos publicados em sites de redes sociais on-line e assistir vídeos produzidos por outros fãs; e *peritextual interativa*, com respostas a comentários em sites e perfis em redes sociais online, trabalhos de fãs¹² (como fan-art, fanfics, fan-vids etc), e mais duas ações que não deixam rastros digitais: colecionar bonecos (*fan-toys*) e discutir com amigos. É importante notar que Evans (2020) trata o engajamento como um comportamento do público. Por isso, ele perpassa ações que não podem ser contabilizadas ou rastreadas.

Por terem ligação emocional mais intensificada com o objeto midiático, os fãs tendem a apresentarem comportamentos de engajamento mais acirrados. Lopez e Homssi (2021) pontuam que podcasts narrativos serializados se caracterizam por serem mais propícios a transformar a audiência em público ativo e, por fim, em fã. No caso de *Hodor Cavalo*, os ganchos que mantém o público conectados, aguardando o próximo episódio, vêm dos livros da saga *As crônicas de gelo e fogo*. Cada episódio, focado em um capítulo, chama para o próximo, contribuindo para a fidelidade do público. Temos, aqui, um caso recorrente entre criadores de conteúdos. Estas pessoas, em geral, iniciam suas exposições em plataformas de conteúdo ou de redes sociais on-line por serem fãs de objetos midiáticos. Conforme publicam fotos, vídeos, textos, espalhados por diferentes plataformas, começam a alcançar outras pessoas, que compartilham os mesmos gostos e afetos. Em ocasiões particulares, criadores de conteúdo passam a ter seus próprios grupos de fãs.

As *hosts* do show *Hodor Cavalo*, Miriam Castro e Carol Moreira, iniciaram o trabalho como criadoras de conteúdo em torno do amor declarado pela cultura pop, em geral, e em particular pela saga *As crônicas de gelo e fogo*. Ambas produzem conteúdo principalmente para seus canais *YouTube* e para seus perfis

¹² Para ver mais trabalhos de fãs, indicamos o artigo “De westeros no #vemprarua a shippagem do beijo gay na TV brasileira: Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital”, de Adriana Amaral, Rosana Souza e Camila Monteiro, publicado na revista *Galaxia*, n. 29, p. 141-154. .

em plataformas de redes sociais on-line. Ao trabalhar temas específicos, roteirizando-os, apresentando-os e distribuindo-os pelo *YouTube*, são exemplos dos níveis de participação comum e público de Shirky (2011). Em torno das duas *youtubers* foi criada uma rede de pessoas que acompanham seus vídeos e compartilha o gosto pelos conteúdos apresentados, também contribuindo com informações nos dois níveis de participação do autor (2011).

Com *Hodor Cavalo*, temos fãs produzindo um podcast para fãs. Com audiência já garantida, a incursão ao podcasting amplia o universo narrativo das duas *hosts*, fazendo com que seu público transite entre diversos suportes, com conteúdos diferentes, e colabora, ainda, com a ampliação das entradas para o universo narrativo da obra de George R. R. Martin. Como aponta Murta (2015), quanto mais suportes e telas disponíveis, mais ampliado o consumo excessivo de um mesmo universo, característica presente entre os fãs.

Podcast *Hodor Cavalo* e a relação intrínseca com os fãs

Um show desenvolvido por fãs, para fãs, que gerou outros produtos, também de fãs. O podcast *Hodor Cavalo*¹³ foi criado pelas *youtubers* Carol Moreira¹⁴ e Miriam Castro¹⁵, com o hiato entre as duas últimas temporadas da série de TV *Game of Thrones*, exibida de 17 de abril de 2011 a 19 de maio de 2019 pela exibidora e produtora *HBO*. As duas produtoras de conteúdo trabalharam em seus canais com vídeos sobre a série e sobre os livros de origem, a saga *A canção de gelo e fogo*, desde 2011. Ambas têm *playlists* de vídeos sobre a saga, sozinhas ou em colaboração. Os fãs das duas *youtubers* deram o nome de *Mikarol*¹⁶ a esses momentos em que as duas faziam vídeos juntas. Uma terceira *host*, Flávia Gasi¹⁷, foi adicionada ao *Hodor Cavalo* no episódio #031, primeiro como convidada e, depois, como integrante da produção. Na sequência, no episódio

¹³ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@carolmoreira/>. Acesso em: 15 Jan. 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@mikannn>. Acesso em: 15 Jan. 2025.

¹⁶ O nome *Mikarol* é a junção do apelido de Miriam Castro, Mikannn, com Carol.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@flaviagasi>. Acesso em: 15 Jan. 2025.

#60.5, é anunciada a saída de Carol Moreira, ficando o podcast a cargo apenas de Mírian Castro e de Flávia Gasi.

Hodor Cavalo tinha a proposta de ser disponibilizado quinzenalmente, com discussões capítulo a capítulo dos livros da saga *As crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin. O primeiro episódio foi disponibilizado em 6 de julho de 2018. A partir do episódio #020, a produção passou a ser disponibilizada semanalmente, chamando os ouvintes a colaborarem, por meio da ferramenta *Padrim*. Em 2025, o perfil do podcast¹⁸ no *Padrim* está fora do ar. Ainda com o pedido de colaboração, *Hodor Cavalo* não teve uma periodicidade bem delimitada. Há pausas para férias, hiato em 2019, quando a última temporada da série de Tv *Game of Thrones* foi lançada, pausas sem explicações. O último episódio lançado, #112, que não finaliza a leitura dos livros nem encerra o projeto, foi publicado em 19 de novembro de 2021. Um outro episódio, #113¹⁹, publicado em 15 de dezembro de 2023, não traz comentários sobre um capítulo, mas é um especial, gravado ao vivo, que comemora os 75 anos do autor George R. R. Martin.

Por trabalharem com comentários de obras da cultura pop, Carol Moreira e Miriam Castro conseguiram, em seus canais *YouTube*, uma base de fãs que acompanham postagens em plataformas de redes sociais on-line, como o *Instagram* e o X (antigo *Twitter*). Parte destes fãs passaram a acompanhar o novo conteúdo, em podcast.

Os fãs das narrativas de George R.R. Martin e do conteúdo criado pelas *youtubers* têm um papel importante no desenvolvimento do podcast. No episódio #001, as *host* explicam a escolha do nome *Hodor Cavalo*: em uma teoria de fãs, durante a exibição da série de TV, surgiu a hipótese que o personagem Hodor fosse, na verdade, um cavalo. Esta construção conjunta dos fãs da série foi considerada absurda e divertida pelas duas *youtubers*, que a utilizaram como um

¹⁸ Disponível em: www.padrim.com.br/hodorcavalo. Acesso em: 13 Jan. 2025.

¹⁹ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2023/12/15/113-george-r-r-martin-75-anos/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

exemplo de teoria “maluca” de fãs. Quando o podcast surge, o nome *Hodor Cavalo* marca uma homenagem tanto aos fãs quanto às teorias criadas. Mais que isso, também aproxima as *hosts* dos ouvintes e toca o lado emocional destes, ao deixar claro que eles têm papel fundamental desde a escolha do nome do show. De acordo com Viana (2023), o envolvimento emocional do público é parte importante da relação entre o locutor, no rádio convencional. Com os podcasts dá-se o mesmo, sendo o *Hodor Cavalo* um show que trouxe um público engajado em outras mídias, em que já havia identificação tanto com o tema do podcast como com o trabalho de produção de conteúdo sobre *As crônicas de gelo e fogo* pelas apresentadoras.

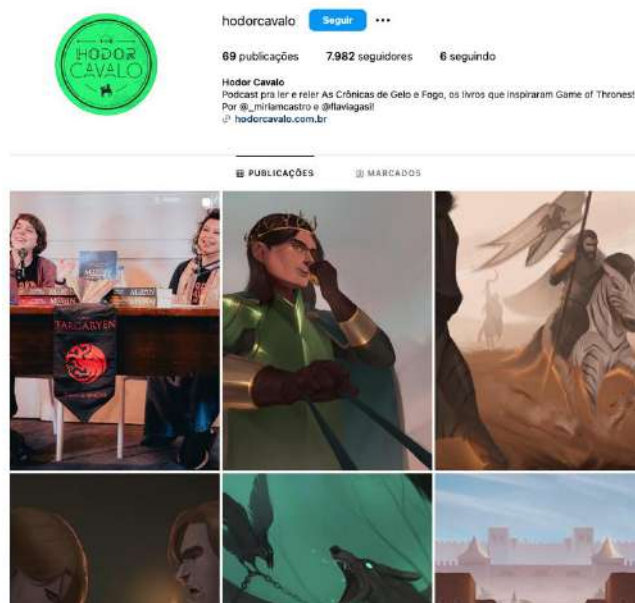
Quando o episódio #001 segue para seu encerramento, Miriam Castro pede aos ouvintes que enviem, por e-mail, sugestões e comentários sobre o episódio que acabou de ser disponibilizado. As *hosts* do *Hodor Cavalo* deixam claro que há público ouvinte, mesmo para um primeiro episódio, ainda não disponibilizado²⁰ em todas as plataformas de áudio. Este público, já engajado com os vídeos das duas apresentadoras, além de se apresentarem também como fãs da narrativa de George R. R. Martin, seja nos livros ou nos episódios da série de TV, tornaram-se ouvintes do podcast, consumidores do perfil do *Instagram* @hodorcavalo²¹ (FIG. 1), criado em 16 de janeiro de 2020, e de produtos criados e comercializados a partir do podcast, como as camisetas lançadas em parceria com a empresa Chico Rei²².

²⁰ No episódio #006, Carol Moreira informa que *Hodor Cavalo* acaba de entrar na plataforma *Spotify*, que exigem ao menos cinco episódios publicados para que as produções possam fazer parte de seu catálogo.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/hodorcavalo/>. Acesso em: 06 Dez. 2024.

²² Disponível em: <https://chicorei.com/hodor-cavalo>. Acesso em: 10 Fev. 2025.

FIGURA 1 – Perfil do podcast *Hodor Cavalo* no *Instagram*



FONTE – print de tela

Em 14 de agosto de 2018²³, um grupo de fãs do *Hodor Cavalo* iniciou o perfil @clubehodorcavalo no Instagram, com o objetivo de acompanhar o podcast e de publicar avisos e informações sobre a vindoura última temporada da série de TV, e produções de fãs, como *playlists* de vídeos citados nos episódios, memes, figurinhas²⁴ para WhatsApp, entre outros. Em 22 de outubro de 2024, o @clubehodorcavalo passa a se chamar @universodegeloefogo²⁵, passando a ser dedicado ao acompanhamento do universo narrativo de *As crônicas de gelo e fogo* por meio de notícias divulgadas e, também, de produções de fãs, agregando²⁶ o podcast *Hodor Cavalo* e as produções em vídeo de Carol Moreira e Miriam Castro.

Em 8 de janeiro de 2020, no *Facebook*, surgiu o grupo privado nomeado Hodor Cavalo. As três *hosts* do podcast constam como moderadoras, assim como uma quarta pessoa. Em 30 de setembro de 2020, o podcast lança uma

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmcrgPkH-cx/>. Acesso em: 14 Jan. 2025.

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bp7e13kgYmy/>. Acesso em: 17 Jan. 2025.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/universodegeloefogo/>. Acesso em: 07 Feb. 2025.

²⁶ Disponível em: <https://keepo.io/universodegeloefogo/>. Acesso em: 07 Feb. 2025.

coleção de camisetas²⁷, em parceria com a confecção Chico Rei, não mais disponível.

Com a ausência dos episódios, os ouvintes engajados seguem solicitando novas produções das duas *hosts*, Miriam Castro e Flávia Gasi. Em 2023, integrantes do mesmo grupo de fãs criador do *Clube Hodor Cavalo* passou a disponibilizar o podcast *Beterraba Leitora – Novo Projeto*²⁸ (FIG. 2), como uma continuação não oficial do *Hodor Cavalo*.

FIGURA 2 – Perfil do podcast *Beterraba Leitora* no *Spotify*



FONTE – print de tela

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFxYF0njq3q/>. Acesso em: 10 Fev. 2025.

²⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4SfldT73J6Px6ErJqy2vRM?si=kOHSmfletJqEzEIVv9Ww1w>. Acesso em: 14 Jan. 2025.

O primeiro episódio, que explica o projeto, foi publicado no dia 27 de janeiro de 2023; o último, em 4 de agosto de 2023, fala sobre o hiato do podcast e da possibilidade do retorno do *Hodor Cavalo*. No todo, *Beterraba Leitora* teve 14 publicações de episódios, sendo 12 destinados à discussão de capítulos dos livros da saga *A canção de gelo e fogo*. Este podcast derivado está listado entre os conteúdos²⁹ agregados pelo perfil do @universodegeloefogo.

Miriam Castro, em um vídeo no *YouTube*³⁰, publicado em 29 de dezembro de 2021, fala sobre o hiato do *Hodor Cavalo*, causado por problemas em sua saúde. Ela afirma que pretende voltar com o podcast um dia, mas que não há previsão para esse retorno. Uma das possibilidades para o hiato do podcast é a agenda das duas *hosts* que seguiram com o projeto, Flávia Gasi e Miriam Castro, que têm trabalhos principais em relação ao podcast. Outra possibilidade, ligada diretamente à primeira, é a dificuldade financeira para a produção do show. O projeto, que teve início como uma ampliação do trabalho de Miriam Castro, em outra mídia, passou a contar com um financiamento coletivo e não tinha patrocinadores institucionais. Além os custos de produção, a hospedagem do site www.hodorcavalo.com.br representa, até a atualidade, custos para Mirian Castro, como é possível ver na FIG. 3, abaixo.

²⁹ Disponível em: <https://keepo.io/universodegeloefogo/>. Acesso em: 07 Fev. 2025.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v73QR4mMLxE>. Acesso em: 03 Fev. 2025.

FIGURA 3 – Perfil da *host* Miriam Castro no *BlueSky*³¹



FONTE – print de tela

Em fevereiro de 2025, o site www.hodorcavalo.com.br saiu do ar³². Ainda é possível acompanhar algumas das publicações na Wayback Machine³³.

Metodologia e análise

Para a análise proposta neste artigo, vale-nos a Análise de Conteúdo qualitativa, tal como proposta por Bardin (2016), em caráter exploratório, buscando entender como se dão as interações entre podcast e público engajado. Entendemos que a Análise de Conteúdo, como apontam Lopez e Alves (2016), é uma das ferramentas metodológicas adequadas à pesquisa de podcasts. Para tanto, estabelecemos parâmetros de análise tanto do podcast como do site. O

³¹ Disponível em: <https://bsky.app/profile/mikannn.bsky.social/post/3l3c5sbv6dp2o>. Acesso em: 06 Jan. 2025.

³² Ao acessar, tanto a página inicial como URLs internas, a mensagem “Access Denied!” aparece no canto superior esquerdo da tela, assim como um pop-up para que o site seja acessado com login e senha. Disponível em: www.hodorcavalo.com.br. Acesso em: 22 Fev. 2025.

³³ Disponível em: https://web.archive.org/web/20180101000000*/www.hodorcavalo.com.br. Acesso em: 22 Fev. 2025.

podcast é analisado nos momentos em que as *hosts* se dirigem ao público, em seus momentos iniciais e finais, contemplando o conteúdo da fala das apresentadoras, Carol Moreira e Miriam Castro, em seu relacionamento com os fãs. Note-se que, a cada episódio analisado, os aspectos efetivamente sonoros, como a narração das *hosts* e seus comentários sobre a obra de George R. R. Martin não são observados por esta pesquisa: nosso interesse é verificar como as apresentadoras estabelecem o contato com os ouvintes por meio de cada um dos cinco episódios iniciais do show. Seleccionamos os cinco primeiros episódios do podcast *Hodor Cavalo* para escuta e análise. Como dados adicionais, coletamos o número do episódio, seu título e sua data de publicação. No site, o foco são as conversas entre as *hosts* e os comentadores. Por ser um projeto transmidiático, analisamos também os comentários nos cinco posts iniciais no site www.hodorcavalo.com.br, com foco na interação entre as *hosts* e os comentadores. Neste caso, coletamos, também, o número de comentários de cada post – sendo um post destinado a cada episódio – e o número de respostas fornecido pelas apresentadoras.

Na Tabela 1, abaixo, estão os episódios analisados, com a data de publicação e o número de comentários no site www.hodorcavalo.com.br.

TABELA 1 - Lista de episódios do podcast *Hodor Cavalo*

Número do episódio	Título do episódio	Data de publicação do episódio	Número de comentários no site
#001	O Começo do Fim Prólogo, A Guerra dos Tronos ³⁴	06/07/2018	254
#002	Seis Lobos na Neve Bran I, A Guerra dos Tronos ³⁵	20/07/2018	122
#003	O Inverno Está Chegando Catelyn I, A Guerra dos Tronos ³⁶	03/08/2018	49

³⁴ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/07/06/ep001/>. Acesso em: 19 Dez. 2025.

³⁵ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/07/20/002-seis-lobos-na-neve-bran-i-a-guerra-dos-tronos/>. Acesso em: 19 Dez. 2025.

³⁶ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/08/03/003-o-inverno-esta-chegando-catelyn-i-a-guerra-dos-tronos/>. Acesso em: 19 Dez. 2025.

#004	Os Últimos Dragões Daenerys I, A Guerra dos Tronos ³⁷	17/08/2018	59
#005	As Criptas de Winterfell Eddard I, A Guerra dos Tronos ³⁸	31/08/2018	36

Fonte: site www.hodorcavalo.com.br

No episódio #001, as *hosts* explicam o surgimento do nome do podcast, surgido a partir de uma teoria de fãs. Ambas deixam claro que, por já estarem em sintonia com seu público estratégico, oriundo dos canais pessoais no *YouTube*, trazem uma piada que será entendida pelos estes. Ao final do episódio, Míriam Castro pede ao público que envie, por e-mail, sugestões e perguntas relativas a esta primeira aparição como podcast. Tal como no rádio convencional, a participação dos ouvintes é necessária para os shows: como acontece com show em que temas são debatidos a cada episódio, as perguntas e comentários do público engajado levam a discussões pelos apresentadores, para o surgimento de novos comentários e novas perguntas, e até o surgimento de pautas específicas. Como apontam Lopez e Alves (2019), as *hosts* insistem em incentivar os ouvintes a participarem, nos diversos canais oferecidos por elas, com destaque para o e-mail e para o site.

Entre os 254 comentários presentes no post do episódio #001 no site www.hodorcavalo.com.br, a maioria parabeniza pela iniciativa de criação do podcast. Há comunicações que evocam comportamentos de ouvintes de podcasts, como “Nunca mais lavo a cozinha sem ouvir a voz de vocês <3”³⁹, dito por uma comentarista. Outras participações pedem o lançamento de episódios semanais, com outros comentadores agregando sugestões de episódios com mais capítulos, para agilizar a leitura. Há quem diga que acreditou que o podcast fosse de leitura dos livros, e não de comentários sobre eles. Também é possível ver conversas entre os ouvintes e ajuda acontecendo nesse espaço. Um exemplo

³⁷ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/08/17/004-os-ultimos-dragoes-daenerys-i-a-guerra-dos-tronos/>. Acesso em: 19 Dez. 2025.

³⁸ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/08/31/005-as-criptas-de-winterfell-eddard-i-a-guerra-dos-tronos/>. Acesso em: 19 Dez. 2025.

³⁹ Disponível em: <https://hodorcavalo.com.br/2018/07/06/ep001/>. Acesso em: 17 Jan. 2025.

é o comentarista que solicita a lista de livros de *As crônicas de gelo e fogo* em ordem cronológica de leitura, sendo respondido com cordialidade por três colaboradores. Outro ponto a se destacar, como aponta Viana (2023), é o uso da palavra “você”, trazendo o ouvinte para o estabelecimento de uma relação íntima com as apresentadoras.

Miriam Castro responde a apenas seis dos 254 comentários. Em dois deles, ouvintes questionam a ausência do podcast na plataforma *Spotify*. Outro comentário respondido pela *host* também aborda o tema do acesso livre ao podcast, mas deixa sem resposta a sugestão do mesmo autor de que o podcast esteja também no *YouTube*, para monetização. Em mais um comentário respondido, Miriam diz que ficará mais atenta às comparações entre série de TV e livro: a queixa é que os comentários das *hosts* não promovem a comparação entre as duas obras. Outro comentador diz que o primeiro livro, *A guerra dos tronos*, tem 73 capítulos e, com episódios semanais, levaria 36 meses para o podcast *Hodor Cavalo* finalizar a obra; Miriam Castro responde que fazem o que é possível no momento.

Quinze dias depois, é lançado o episódio #002. As *hosts* iniciam chamando os ouvintes para visitarem o site e participarem do podcast por meio do formulário de contato ou por e-mail, sendo este o canal principal de contato. Desde sua criação, *Hodor Cavalo* é um produto transmidiático, acionando o público pelas plataformas de *streaming* de áudio, pelo site www.hodorcavalo.com.br, pelo perfil @hodorcavalo no Instagram, pelos canais *YouTube* das duas *hosts* e por seus respectivos perfis em plataformas de redes sociais on-line. Dão, ainda, instruções para o envio dos e-mails (o título deve conter o número do episódio a ser comentado e ser curto), pedem sugestões de convidados especiais e de capítulos específicos para serem comentados. Afirmam que o podcast já tem um engajamento relativo, com a informação de que, o primeiro episódio teve mais de 20 mil *downloads*.

Após os avisos, as *hosts* iniciam a leitura de uma seleção de e-mails enviados e de comentários deixados no site, para o episódio #001. Uma sugestão

é acatada: que Carol Moreira e Miriam Castro apontem, ao final dos comentários de cada episódio, os momentos do capítulo que mais gostaram e o que menos gostaram. Elas, então, pedem aos ouvintes que mandem sugestões de nomes para esses momentos. Aqui, mais uma vez, vê-se o acionamento do público, tanto no acordo relativo à sugestão do ouvinte como no pedido para os momentos sugeridos sejam nomeados por este mesmo público engajado.

São 122 comentários para o episódio #002 no site www.hodorcavalo.com.br. Questões relacionadas ao podcasting continuam a surgir. Há uma crítica sobre a sonorização dos episódios, chamando a atenção que o *YouTube* e os podcasts têm linguagens diferentes, sendo que os últimos têm o som como o principal elemento para a imersão. Conversas entre os comentaristas também estão presentes, assim como o debate de teorias sobre os rumos dos personagens. Um certo desconhecimento sobre podcasts por parte do público engajado de Miriam Castro e Carol Moreira é levantado pelas *hosts* no episódio, o que também aparece nos comentários: em um deles, ambas são chamadas de “locutoras (é assim que chama quem faz o podcast?)”; em seguida a mesma pessoa diz que prefere o podcast por não precisar “ler de fato”. Há dois comentários sobre ser a primeira vez do comentarista ouvindo um podcast. Como houve problemas técnicos para acessar o episódio, muitos comentadores trazem à tona a dificuldade de ouvir o episódio, em suportes diversos. Atendendo ao pedido das *hosts*, há sugestões de nomes para os melhores e piores momentos de cada capítulo comentado.

Também neste segundo episódio, Miriam Castro responde a poucos comentários do site, apenas quatro. Um deles é da podcaster Angélica Hellish, integrante do, até então, principal podcast brasileiro sobre *As crônicas de gelo e fogo*, o *Podcasteros*. A *host* agradece a participação e a convida a participar de episódios futuros. Outro é de um ouvinte que afirma que o podcast é uma chance de reviver a leitura dos livros; Miriam responde com o símbolo de um coração (<3). Outra resposta é para uma comentadora que indica outro integrante do *Podcasteros* para participar do *Hodor Cavallo*; Miriam diz que há planos de

convidar os quatro integrantes do *Podcasteros*. Em sua quarta interação, há a resposta para um questionamento relacionado aos *spoilers*, informações que estragam a experiência do leitor/ouvinte/expectador ou fruir uma obra. Em sua resposta, Miriam, afirma que o propósito do *Hodor Cavalo* é comentar para quem já tenha lido os livros ou visto a série, e não para quem ainda está tomando contato com o produto pela primeira vez.

Para o terceiro episódio, #003, os *spoilers* dos comentários no site para o episódio anterior são o primeiro ponto a ser tratado pelas *hosts*: ambas levantam a impossibilidade dos comentários sobre os capítulos acontecerem sem *spoilers*. Lembrando aos ouvintes que o *Hodor Cavalo* é um projeto derivado da atividade como *youtubers*, ambas pedem que os ouvintes vejam os links para os vídeos temáticos já publicados em seus canais *YouTube*, mais uma vez investindo na migração do público cativo entre as mídias e seus canais. Falam, também, sobre nomes sugeridos para os ouvintes para os melhores e para os piores momentos do capítulo comentado, deixando a decisão para o próximo episódio. Ao final Carol Moreira pede que os ouvintes enviem e-mails, mas enfatizam que devem ser curtos, porque o volume enviado tem sido grande.

Para este episódio, há 49 comentários no post do site www.hodorcavalo.com.br, sendo apenas um respondido por Miriam Castro. Neste, o comentador aponta um erro das *hosts* no episódio anterior. Miriam aponta que o erro foi oriundo de uma distração, e que será corrigido no próximo episódio. Entre os 49 comentários, destacam-se os pedidos para que os episódios sejam semanais e não quinzenais, além de alusões à leitura iniciada ou retomada, para acompanhar o show.

No episódio #004, as *hosts* apresentam aos ouvintes a decisão sobre o nome dos piores momentos de cada capítulo comentado: *Joffrey*, um dos personagens mais odiados da saga. Também é decidido o nome das teorias mais malucas dos fãs: *Ned pomba*, em alusão ao personagem Ned Stark e a teoria de que ele, ao morrer, teria virado uma pomba. Nota-se, novamente, a presença dos ouvintes nas decisões do podcast. Mais ainda, o momento *Ned pomba* alude,

assim como o nome do podcast, a teorias de fãs sobre a trama de *As crônicas de gelo e fogo*. O nome para os melhores momentos de cada capítulo comentado fica para ser decidido no próximo episódio, por meio de votação do público. Cumprindo a promessa nos comentários do episódio anterior no site www.hodorcavalo.com.br, Miriam Castro corrige a informação errada que havia dado. Ao final, Carol Moreira novamente chama os ouvintes para participarem por e-mail, enviando perguntas e comentários.

No site, são 59 comentários destinados ao episódio #004. Novamente, os ouvintes comentaristas falam sobre os nomes para melhores e piores momentos de cada capítulo, demonstrando gostarem ou não das escolhas das *hosts*, propondo novas possibilidades. Conversas sobre teorias continuam presentes na conversa, assim como elogios ao show. Um comentário traz uma crítica aos ouvintes: “Não acredito que em pleno 2018 o povo não sabe como ouvir um podcast, vai ser burro assim lá longe.”. Tal comentário não mereceu resposta das *hosts* ou dos demais comentadores. Pela primeira vez, aparece um comentário sugerindo um financiamento coletivo para custear a produção de *Hodor Cavalo* – não há respostas a este comentário, das *hosts* ou de outros comentadores. Para este post no site, relativo ao episódio #004, não há qualquer resposta por parte de Miriam Castro e Carol Moreira.

O episódio #005 é aberto com Carol Moreira comentando as sugestões dos ouvintes para o nome do melhor momento do episódio e a escolha de *Dracarys*, alusão à palavra dita pela personagem Daenarys Targaryen em momentos da trama. Neste episódio, as *hosts* fazem mais alusões a materiais produzidos em vídeo para seus respectivos canais *Youtube*, entre eles o que trata das teorias malucas sobre o universo de *As crônicas de gelo e fogo* e que deu origem ao nome do podcast. Ao final do episódio, Miriam Castro retoma o pedido para que o público envie e-mails curtos – neste momento, ela diz que e-mails mais curtos podem ser selecionados para leitura no próximo episódio.

Apenas dois comentários são respondidos por Miriam Castro no site www.hodorcavalo.com.br, no post para o episódio #005. No primeiro, ela

agradece a um aviso sobre um link de vídeo prometido para os ouvintes e que não foi colocado no post sobre esse episódio. A esta resposta, segue-se outra comentarista perguntando onde ficam os links mencionados no show: para este, não há resposta, da *host* ou de outros comentadores. Em sua segunda resposta, Miriam Castro reafirma que, desde o início, o podcast é quinzenal. O comentário ao qual esta resposta foi dirigida foi apagado após a réplica da *host*.

As respostas de Miriam Castro nos cinco posts analisados mostram que ela se preocupa mais em responder questões técnicas do podcast, e não no investimento em uma relação mais direta e calorosa com os fãs. São apenas em dois comentários que ela ultrapassa as questões técnicas. No primeiro, responde com um emoji de coração; no segundo, responde calorosamente a outra podcaster, com que divide a paixão pelos livros de George R. R. Martin. Em seus vídeos no *YouTube*, Miriam costuma falar da sobrecarga de trabalho. Da mesma forma, quando pede que os ouvintes enviem e-mails curtos, para que possam ser lidos, fica latente o pouco tempo disponível para dedicação ao projeto *Hodor Cavallo*. Assim, é possível entender a ausência de mais respostas e, também, da forma calorosa como se refere ao seu público cativo.

Considerações finais

Hodor Cavallo é um podcast transmidiático, criado por fãs de um universo narrativo, que estabeleceu dinâmicas de contato e de participação com seus fãs, ampliando o áudio como espinha dorsal. Por ter sido originário do trabalho de duas *youtubers*, trouxe ouvintes ativos desde seu primeiro episódio, utilizando como base o conteúdo produzido em vídeo e os perfis de redes sociais on-line das *hosts*.

Percebe-se que, desde seu surgimento, *Hodor Cavallo* é tratado como um objeto comunicacional já com público estabelecido e engajado. As *hosts* se referem, em vários momentos, aos seus fãs vindos do *YouTube* e buscam manter aquecida a relação, que é facilitada pela caixa de comentários na plataforma de vídeos, enquanto é dificultada para o podcast, com o e-mail e os comentários do

site. Ainda que o site seja sempre lembrado por elas como espaço para comentários, os e-mails são mais valorizados na arquitetura narrativa do show. Fácil perceber, também, que há pouca interação entre as *hosts* e os comentaristas do site. Miriam Castro é a única das *hosts* a responder aos comentadores na amostra analisada, apenas 13 vezes para os 520 comentários no site www.hodorcavalo.com.br. O número de respostas corresponde a uma dedicação a apenas 2,5% dos ouvintes no canal direto que o site proporciona ao público.

Como apontado anteriormente, Miriam Castro já verbalizou em vídeo as dificuldades de produzir o *Hodor Cavalo*, visto que não consegue pagar os custos da produção, mesmo com o apoio de ouvintes engajados, que participam de financiamento coletivo. Sendo assim, o potencial de engajamento do público do poscast não é fomentado por meio de respostas aos comentários dos posts no site. Com 112 episódios, *Hodor Cavalo* entrou em hiato e não tem indicação de retorno. Podemos supor que, com a falta de respostas aos comentadores, as *hosts* podem ter perdido a oportunidade de trabalhar o engajamento de mais ouvintes, ampliando tanto público cativo como público apoiador.

Assim, neste caso, precisamos relativizar a proposta de público assumindo um papel protagonista, como propõem Lopez e Alves (2019). Com esta análise, não conseguimos abarcar um universo maior de shows e de suas relações com ouvintes, porém podemos compreender que o protagonismo não alcança o público. Este pode ser valorizado de diversas formas em podcasting, mas falta um envolvimento maior dos *hosts* com seus produtos para fomentar comunidades de ouvintes engajados. Mais do que pedir que o público dê nome a momentos específicos do show, ou para que escolha por qual nome quer ser chamado, é preciso realmente valorizar o ouvinte engajado como parte integrante do processo do podcasting.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. *Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan-abr 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315/3404>. Acesso em: 21 Dez. 2024.

BURY, Rhiannon. “WE’RE NOT THERE”: Fans, Fan Studies, and the Participatory Continuum. In: CLICK, Melissa A.; SCOTT, Suzanne. **The Routledge Companion to Media Fandom**. New York: Routledge, 2018.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

JENKINS, Henry. **Invasores do texto**: fãs e cultura participativa. Tradução de Erico Assis. Nova Iguaçu (RJ): Marsupial Editora, 2015.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast**: reconfigurações do radio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. *Questões transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 2, p. 12-20, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/8557/PDF>. Acesso em: 17 Jan. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast**: reconfigurações do radio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>. Acesso em: 21 Jan. 2025.

LOPEZ, Debora; GAMBARO, Daniel; FREIRE, Marcelo. Binge-listening: dimensões do consumo de áudio em podcasting. *Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, v. 14, n. 03, p. 199-226, out-dez 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7037/5508>. Acesso em: 14 Jan. 2025.

MARTIN, George R. R. **A guerra dos tronos**. Tradução de Jorge Candeias. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

MURTA, Cintia Maria Gomes. Podcast como ambiente de discussão para fãs: o caso do Podcasteros produzido por fãs brasileiros da série Game of Thrones. *Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015.

PRIMO, Alê. Para além da emissão sonora: as interações do podcasting. *Intexto*, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210/4466>. Acesso em: 09 Fev.

2025.

SCOLARI, Carlos Alberto (Org). **Ecología de los medios**. Barcelona (Espanha): Editorial Gedisa, 2015. E-book.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast**: Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Editora Insular, 2023.

Arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos de 2000 a 2022

Arquitectura metodológica de los estudios de radio de 2000 a 2022

Methodological architecture of radio studies from 2000 to 2022

Paulo Fernando de Carvalho Lopes; Sheila Borges de Oliveira; Norma Meireles; Patrícia Monteiro

Resumo

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa exploratória que sistematiza as metodologias utilizadas em trabalhos que estudam o rádio, aprovados para o Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), entre 2000 e 2022. A investigação, aqui descrita como um estudo de caso, tomou como aporte a Revisão Sistemática (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez, 2023), associada à proposta de uma arquitetura metodológica (Lopes et al, 2024), que mapeou a metodologia indicada nos tópicos: resumo, palavras-chave, introdução, desenvolvimento e referência. Observou-se, após a análise, que a metodologia não ocupou um espaço de relevância nos estudos radiofônicos nos eventos da Compós até 2022.

Palavras-Chave: Metodologias; Revisão Sistemática; Arquitetura Metodológica; Rádio; Compós.

Resumen

Este artículo presenta parte de una investigación exploratoria que sistematiza las metodologías utilizadas en trabajos que estudian la radio. Aprobados para el

>> Como citar este texto:

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MEIRELES, Norma; MONTEIRO, Patrícia. Arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos de 2000 a 2022. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 159-180, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Paulo Fernando de Carvalho
Lopes

pafecalo@ufpi.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8104-7334>

Professor Doutor em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação e Discursos (JORDIS)

Sheila Borges de Oliveira
sheila.boliveira@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

Professora Doutora em Sociologia (PPGS-UFPE). Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (PósCom/UFPE). Vice-líder do grupo de pesquisa Observatório da Vida Agreste (OVA) e membro dos grupos Convergência e Jornalismo (ConJor) e Laboratório de Análise de Imagem e Som do Agreste (Laisa).

Encuentro Nacional de los Programas de Posgrado en Comunicación (Compós), entre 2000 y 2022. La investigación, que aquí se describe como un estudio de caso, se basó en la Revisión Sistemática (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez; 2023), asociado a la propuesta de una arquitectura metodológica (Lopes et al, 2024) que trazó la metodología indicada en los temas: resumen, palabras-clave, introducción, desarrollo y referencia. Después del análisis, se observó que la metodología no se mostró importante en los estudios radiofónicos en los eventos de la Compós, hasta 2022.

Palabras clave: Metodologías, Revisión Sistemática, Arquitectura Metodológica, Radio, Compós.

Abstract

This article presents part of an exploratory research that systematizes the methodologies used in works that study radio, approved for the Annual Meeting of the National Association of Graduate Programs in Communication (Compós), between 2000 and 2022. The investigation, described here as a case study, was supported by the Systematic Review (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez, 2023), associated with the proposal of a methodological architecture (Lopes et al, 2024), which mapped the methodology indicated in the topics: abstract, keywords, introduction, development and reference. After the analysis, it was observed that the methodology did not occupy a relevant space in radio studies at Compós events until 2022.

Keywords: Methodologies; Systematic Review; Methodological Architecture; Radio; Compos.

Norma Meireles

norma.meireles@academico.ufpb.br
<https://orcid.org/0000-0001-8954-663X>

Professora Doutora em Educação (PPGE-UFPB). Docente e vice-coordenadora (2022-2024) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual Expandido (JAE) e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Patrícia Monteiro

patricia.monteiro@academico.ufpb.br
<https://orcid.org/0000-0001-6615-3358>

Professora Doutora em Comunicação (PPGCOM-UFPE). Docente do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual e Expandido (JAE).

Introdução

Qual o lugar e a abordagem da metodologia nos artigos sobre as mídias sonoras e mais especificamente o universo radiofônico nos artigos da Compós de 2000 a 2022? Quais são as metodologias mais usadas nos artigos sobre rádio apresentados na Compós daquele período? A metodologia aparece no resumo? Se não aparece no resumo, aparece nas palavras-chave ou na introdução? Há um item dedicado à metodologia? Há explicitação de metodologia utilizada nos artigos? A metodologia especificada é compatível com o desenvolvimento do artigo? Há coerência entre métodos escolhidos, objetos de pesquisa, temáticas e perspectivas teóricas? Quais são os objetos de pesquisa na Compós? Há artigos que desenvolveram métodos mais complexos – quais? Quais são os desafios teórico-metodológicos nas pesquisas em rádio no campo da pós-graduação?

Foram essas as perguntas que lastrearam o trabalho de investigação, realizado em nosso estudo exploratório, tomando como base os artigos sobre rádio apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), no período que compreende do ano 2000 até 2022. A Compós é um evento reconhecido por reunir pesquisadores de Programas de Pós-Graduação no Brasil, cancelados pelo Ministério da Educação e vinculados a universidades públicas e privadas, ou seja, é um espaço para o compartilhamento de estudos de excelência, uma vez que, até então, só 10 artigos eram selecionados após as avaliações dos Grupos de Trabalho (GT) daquela associação.

Em meio ao levantamento das investigações já feitas, e aqui retomadas, a hipótese levantada por este artigo é que problemas com metodologia, métodos e procedimentos metodológicos não apareceriam nos textos, uma vez que a Compós é um evento da Pós-Graduação (mestrados e doutorados) e se tem como premissa a aplicabilidade científica dos artigos aceitos. Além disso, é importante destacar que o processo da produção científica sobre o rádio passou por duas etapas. Na primeira, os trabalhos foram realizados em uma fase na qual

o rádio era sintonizado exclusivamente pelas ondas hertzianas. Na segunda, passaram a ser elaborados na era do rádio hipermidiático (Lopez, 2009) e expandido (Kischinhevsky, 2016), quando o rádio atravessa o espaço tradicional do AM ou FM com a popularização da internet.

Dessa forma, o veículo passa a ser ouvido e visto por meio de aplicativos, plataformas e redes sociais virtuais e digitais, sintonizados por celulares, computadores e tablets. O que sinaliza para a complexidade do cenário deste estudo exploratório, uma vez que a mídia radiofônica hipermidiática e expandida articula elementos sonoros e não sonoros.

Diante deste cenário e para começar a responder as perguntas que nortearam nossa investigação, é preciso entender melhor o universo da metodologia. Por isso, faz-se necessário que construamos o que estamos nomeando de 'arquitetura da metodologia'. Nesse sentido, consideramos fundamental buscar as aproximações e os deslocamentos do que é método, metodologia ou procedimento metodológico, antes de aprofundar o olhar que nos desafia a identificar o estado da arte nos artigos daquele período da Compós, mapeando as metodologias, explicitadas ou não, aplicadas para a análise dos objetos sonoros.

Se partirmos do início da caminhada, quando elaboramos um projeto de pesquisa, precisamos considerar como relevantes determinadas questões metodológicas para atribuir máximo valor científico à investigação. Estamos nos referindo aos aspectos que geram confiabilidade, validade, generalidade e causalidade a uma investigação (Brym et al, 2006), que não devem ser aplicados, exclusivamente, às pesquisas quantitativas, mas, também, às qualitativas mais comumente produzidas no campo da comunicação.

A confiabilidade é atingida quando um procedimento de mensuração apresenta resultados consistentes. A validade pode ser alcançada quando a mensuração mede, de fato, aquilo que se desejava medir. Já a generalidade é um valor atribuído quando a metodologia da pesquisa pode ser aplicada e adaptada às especificidades de outros projetos. Enquanto isso, a causalidade representa

a relação entre causas e efeitos. Esses aspectos, reunidos para o estudo de um objeto, nos levam a observar a coerência entre as escolhas do método (ou métodos combinados) e da perspectiva teórica, que pode ser uma ou várias.

Mas outros estudos com esta temática da metodologia já foram feitos (Silva, 2014; Kischinhevsky et al., 2015; Kischinhevsky, 2021; Viana, 2023) e outros que contribuem ao sistematizar a produção científica sobre rádio no país (Haussen, 2004, 2011, 2016, 2018; Moreira, 2005; Ferraretto, 2010; Prata, 2011; Prata, Martins, Avelar, 2019; Prata, Mustafá, Pessoa, 2014; Prata, 2021; Lopez, Mustafá, 2012; Kischinhevsky et al., 2017; Cunha, 2021; Del Bianco, Zuculoto, 2021; Lopez et al, 2021; Lopez et al, 2023).

A partir da revisão dos trabalhos citados acima, esta investigação, aqui apresentada em parte, possibilitou uma maior compreensão do campo. Moreira (2005) considera três fases nos registros impressos sobre o rádio: as dos manuais (1940 a 1950), dos livros-depoimento (1960 a 1980) e das pesquisas acadêmicas que iniciam em 1990 e seguem até os dias atuais. Prata (2011) avalia, no entanto, que a pesquisa em rádio no Brasil teve seu início efetivo nos anos 1980. Segundo a autora, antes, as produções, além de isoladas, eram conduzidas principalmente pelos profissionais da área. Mas foi em 1991, com a criação do Grupo de Rádio pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que o campo passou a ter um lugar privilegiado de investigação.

Em 2011, ao escrever sobre as pesquisas brasileiras sobre o rádio no início do século XXI, a autora considera que elas estavam sendo produzidas com três características: nas investigações e publicações do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Intercom, e do Grupo de Trabalho História do Rádio da Associação Brasileira de História da Mídia da Alcar; no trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa de professores lotados nas universidades; e, em número menor, nos trabalhos de pesquisadores atuando, segundo ela, de forma isolada, que seriam feitos pelos profissionais do rádio.

Um ponto em comum nestes vários textos da área é que há um

amadurecimento das pesquisas em rádio no Brasil, mas que, em termos de metodologia, é preciso avançar. Nem todos os textos que fizeram uma sistematização sobre a produção científica tocam nos aspectos metodológicos. É possível perceber em alguns artigos uma preocupação com os levantamentos e mapeamentos importantes para o entendimento da radiofonia em livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso (TCC's), dissertações e teses. Em outros, o foco é para os novos estudos, os temas de estudo/pesquisa, os autores mais citados na produção científica sobre o rádio, a divulgação científica, as bases teóricas que referenciam as investigações sobre o campo, os principais teóricos e os pesquisadores de rádio no Brasil.

Preocupações, críticas e sugestões para melhorar a metodologia dos trabalhos e pesquisas na área, entretanto, vêm sendo feitas ao longo do tempo. Del Bianco (2011, p.21) considera que as pesquisas em rádio devem “superar a fase de estudos históricos de caráter descritivo linear limitado e discutir abordagens teóricas e metodológicas consistentes, apoiando os trabalhos mais fortemente nas teorias da comunicação e nas abordagens interdisciplinares”. Oito anos depois, em trabalho conjunto, Prata, Martins e Avelar (2019, p.167) observam nas pesquisas publicadas por estudiosos na revista científica Rádio-Leituras:

a falta de explicitação, no resumo, sobre a metodologia empregada do artigo. Do total de 102 trabalhos, quatro não têm metodologia, por terem sido parte do dossiê “Comunicação e Temporalidades” que, à época, foram voltados para o registro da abertura do programa de Pós Graduação da UFOP, conforme explicado anteriormente. Dos 98 artigos restantes, 72 não fazem nenhuma referência à metodologia utilizada na pesquisa; sete registram a pesquisa bibliográfica, seis apontam o estudo de caso e, cinco artigos, a análise de conteúdo. [...] Aponta-se também a necessidade de utilização correta de métodos para aprimorar as técnicas e resultados de pesquisa no rádio, evitando assim inconsistências e fragilidades.

Sobre o item inconsistências e fragilidades, Kischinhevsky et al. (2015, p. 08) partem da premissa que há uma consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI, no entanto, para os autores, a pesquisa sobre a comunicação radiofônica possui uma série de encruzilhadas, dentro e fora da academia com a predominância de métodos quantitativos, identificados com a

pesquisa administrativa norte-americana. Segundo eles, nestes trabalhos nem sempre o corpus escolhido é defensável. Nos trabalhos de campo, o escopo é limitado e com uma amostra pouco representativa do universo pesquisado não avançando um milímetro em relação às tão criticadas pesquisas de opinião aplicadas por meio de questionários fechados.

Ao refletirem sobre as abordagens teóricas-metodológicas dos projetos coletivos nos 30 anos de produção de pesquisa no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Del Bianco e Zuculoto (2021) identificam ainda haver o desafio de um maior aprofundamento, porque ainda há um forte investimento e concentração de esforços em torno da coleta de dados quanti-qualitativos. As autoras consideram que o resultado desta escolha resulta, em grande parte, em estudos descritivos e contextuais. Em entrevista a Prata (2021), no mesmo Dossiê, Del Bianco (2021, p. 77) reforça:

Precisa haver um avanço na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio. Muitas vezes são utilizadas metodologias antigas para novos objetos, sem que haja um esforço maior de adaptação e modernização dessas ferramentas de pesquisa [...] Faltam também avanços no desenvolvimento de uma metodologia própria para a natureza do objeto rádio, para que não se limite a aplicar, com mínimas adaptações, metodologias que limitam a análise. Enfim, significa realizar estudos mais arrojados metodologicamente que possam oferecer resultados verdadeiramente reveladores.

Meditich (2021), assim como outros pesquisadores em rádio, acredita que uma contribuição para a área é o desenvolvimento de metodologias para o estudo de produtos sonoros. Já Prata (2011, p. 80) considera que os estudos radiofônicos no Brasil evoluíram. Para ela, há um mapa consolidado de produção científica de qualidade, entretanto, é necessário, ainda, “avançar na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio e desenvolver metodologias para o estudo de produtos sonoros”.

Metodologias e multimétodos

Uma pesquisa deve buscar responder questões, apresentadas por meio de perguntas, a partir de uma dada realidade. Muitos dos problemas de investigação

aparecem em função de experiências vivenciadas no dia a dia, sendo assim, não podemos desprezar um componente que está subjacente a todo o processo: a subjetividade. Isso porque o problema de pesquisa está ‘contaminado’ pela nossa percepção da realidade, ou seja, pelos valores e pelas noções introjetadas no pesquisador a partir de influências do contexto social e das relações sociais, mediadas em espaços físicos ou virtuais. “Então, uma espécie de valsa tem início: a subjetividade conduz a dança e a objetividade segue; quando a dança chega ao fim, percebemos a realidade mais fielmente” (Brym et al, 2006, p. 67).

Os métodos de pesquisa são divididos em dois grandes grupos: quantitativo e qualitativo. O quantitativo mensura os fenômenos sociais por meio de modelos matemáticos e análises estatísticas para tentar explicá-los. Já o qualitativo busca reunir informações detalhadas de um fenômeno para compreender com profundidade a ação individual ou coletiva em meio a um contexto social. Essas tradições, para Giddens (2012), não podem ser vistas como métodos opostos. “De fato, muitos projetos de pesquisa atualmente fazem uso de métodos mistos – quantitativos e qualitativos – para obter uma compreensão e uma explicação mais amplas do tema em estudo” (Giddens, 2012, p. 49).

Essa combinação de uso dos dois métodos pode ser feita de forma separada, mas o que vai determinar o método é o problema que a pesquisa quer investigar, ou seja, o objeto vai falar e o pesquisador precisa ouvir. É o que observamos, muitas vezes, nas investigações que têm o rádio como objeto de análise em função da própria complexidade da mídia que, após a internet, passou a ser hipermidiática e expandida. É possível, assim, realizar análises estatísticas, como surveys, para se obter quadros gerais para depois detalhar um aspecto em destaque implementando estratégias qualitativas, por meio, por exemplo, de experimento, observação participante ou análise de documentos.

Todos os métodos de pesquisa, contudo, têm vantagens e limitações. Por isso, é importante combiná-los para colocar a pergunta da pesquisa à prova. “Assim, é comum combinar vários métodos em uma única pesquisa, usando cada

um para complementar e confirmar os outros, em um processo conhecido como triangulação” (Giddens, 2012, p. 56). Ao considerar essa combinação de métodos, lembramos do alerta que Stinchcombe (1970) faz de ser preciso se certificar se a teoria escolhida vai servir como estratégia metodológica adequada para explicar o fenômeno observado, seja em um rádio que ainda está centrado nas ondas hertzianas ou em um rádio que se ouve e se vê através do uso em multiplataformas.

Nesse contexto, o desafio do pesquisador é construir, em um primeiro momento, uma teoria para, em um segundo momento, colocá-la à prova com base em métodos de investigação coerentes. E isso não deve ser feito de forma vaga, solta e sem conexão com os dados coletados em uma fase empírica, uma vez que a teoria precisa ser adequada para resolver o problema levantado pela investigação. Até porque não existe uma teoria geral que possa explicar todos os fenômenos sociais, já que a investigação empírica pode trazer sempre novas visões acerca dos mesmos objetos (Stinchcombe, 1970). Podemos, assim, utilizar uma ou várias estratégias metodológicas para analisar, de um ângulo diferente, um fenômeno social, o que corrobora com os argumentos de Giddens para a viabilidade de métodos quantitativos e qualitativos, uma vez que todos eles têm limitações para se olhar o objeto estudado.

Já para Boudon (1996), a metodologia não deve ser confundida com a atividade que vai usar técnicas, dispositivos e fórmulas para se realizar a pesquisa. A metodologia vai descrever a atividade crítica, feita pelos cientistas, “para os procedimentos, teorias, conceitos e/ou descobertas” produzidos pela investigação científica. “A metodologia é importante por um simples motivo: nas ciências humanas e sociais, bem como nas ciências naturais, ela representa um caminho essencial (embora, é claro, não exclusivo) através do qual se efetua o progresso científico” (Boudon, 1996, p. 465).

Nesse posicionamento, Boudon traz à tona uma palavra-chave: caminho. A metodologia é, sobretudo, a indicação de um caminho para o pesquisador decidir e tomar uma direção. Mas, apesar de enaltecer o processo metodológico

como fundamental para a atividade crítica do pesquisador, Boudon lamenta que a noção de metodologia seja, muitas vezes, mal compreendida, uma vez que a metodologia, em diversas pesquisas, pode ser confundida com técnicas, dispositivos e fórmulas. “A metodologia pode assumir a forma de uma crítica sistemática das noções, conceitos, inferências a partir de dados estatísticos ou qualitativos ou modelos de comportamento compostos pelas ciências sociais” (Boudon, 1996, p. 466).

A partir das provocações de Boudon, enfrentamos o desafio de realizar uma ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos sobre rádio durante um período da Compós, de 2000 a 2022, para identificar os caminhos, e descaminhos, das pesquisas que têm como foco o complexo fenômeno do rádio antes e depois da internet. Esforço semelhante ao empreendido nesta pesquisa fizeram Kischinevsky et al (2015) ao analisarem os textos apresentados no GT Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2011 a 2014, concluindo que as pesquisas deveriam abarcar as complexidades e especificidades do objeto radiofônico, contemplando as ondas hertzianas e seus transbordamentos para as diversas formas de produção, escuta e distribuição no atual contexto da comunicação multiplataforma e do rádio expandido. Os autores defendem, portanto, abordagens multimétodos, visto que

a comunicação radiofônica abrange diversas esferas, da produção, da transmissão/distribuição/veiculação, da enunciação, das linguagens, do teor das mensagens, da interação entre comunicadores e público - em suas múltiplas formas: ao vivo, gravado, por telefone, via aplicativos de telefonia móvel, correio eletrônico etc. -, da recepção, consumo e/ou apropriação dos conteúdos radiofônicos (Kischinevsky et. al., 2015, p. 8).

A partir do que os autores argumentaram, entende-se que a noção de metodologia é representada, também, pelos termos método e procedimento metodológico. Assim, poderemos, sem a pretensão de estabelecer uma verdade, pois as ‘fórmulas’ estão aí para serem contestadas e superadas, ou derrapar em possíveis vácuos metodológicos, já que os artigos representam recortes de investigações em curso ou concluídas, sinalizar, neste texto, quais foram os caminhos escolhidos pelos estudiosos que participaram da Compós naquele

período e traçar o que chamamos de ‘arquitetura da metodologia’.

Para apresentar esse mapeamento, pretendemos compreender o lugar e a abordagem da metodologia nas pesquisas apresentadas entre 2000 e 2022 que tem o rádio e a mídia sonora como objeto de análise, mesmo que a metodologia não esteja, nesses artigos, apresentada, uma vez que, como iremos detalhar na análise, muitos textos são, na realidade, ensaios ou descrição de histórias e memórias de emissoras, programas e profissionais. Alguns, inclusive, são relatos de experiência e descrição de levantamentos sem a apresentação de métodos, como iremos mostrar mais à frente.

Análise das complexidades metodológicas

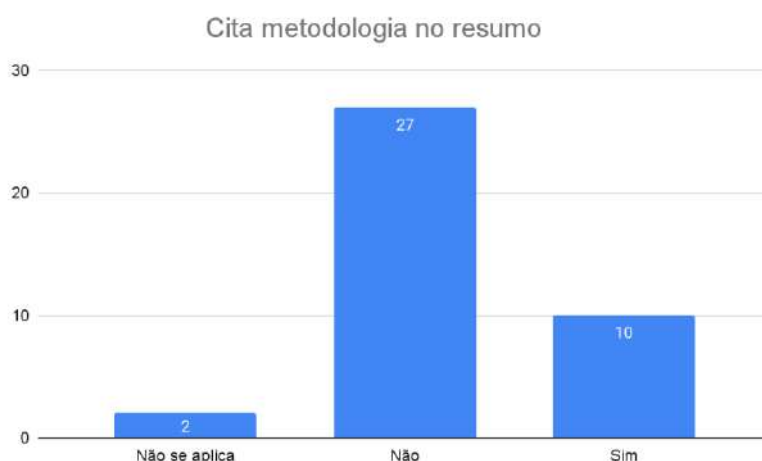
Antes de partirmos para os elementos que compõem a ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos da Compós destacamos que este estudo, com foco na metodologia, teve um ponto de partida: a investigação acerca da epistemologia nas pesquisas sobre rádio (Lopez et. al. 2023). Naquele primeiro momento, a coleta de dados envolveu busca da Compós com upload e arquivamento de todos os textos encontrados. Os dados sistematizados e categorizados (inclusive com metodologia) inicialmente geraram um arquivo de 147 páginas. Em um segundo momento, a maioria do(a)s pesquisadore(a)s passaram a integrar o projeto “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo” (Lopez, 2023), adotando estratégias de revisão sistemática e instrumentos de coleta como planilha, com codificação orientada por livro de códigos (Reyes; Bogumil; Welch, 2021), que facilita o trabalho coletivo de codificação de grande volume de dados .

Para compreendermos a ‘arquitetura da metodologia’, realizarmos a análise, após a sistematização dos 39 artigos elaborados para o evento naquele período de 22 anos. Nessa fase, estudamos o resumo, as palavras-chave, a introdução, a seção metodológica e as referências. Sobre a questão de pesquisa, se a metodologia aparece no resumo dos textos, identificamos que 27 artigos não fazem nenhuma menção. A NBR 6028 (Associação [...], 2021) recomenda

que o resumo de um trabalho científico deve apresentar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões.

No caso dos artigos estudados, eles se enquadram na categoria de resumo informativo, que deve informar ao leitor quais as finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento. Da amostra, apenas 10 artigos fazem referências, no resumo, da metodologia utilizada. A categoria “não se aplica”, com apenas dois resumos, foi criada para representar artigos sem resumo (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 - Metodologia no resumo



Fonte: dados da pesquisa

Duas perguntas dialogam quando buscamos identificar se a metodologia era citada e qual o tipo de pesquisa. Na análise, 27 artigos não citam a metodologia no resumo, dois não têm resumo e 10 citam, porém, em três artigos aparece o implícito, ou seja, é descrito o procedimento, mas não nomeia a metodologia, ou seja, conforme identificados, também por Prata, Martins e Avelar (2019), há a explicitação do método de coleta de dados em detrimento da metodologia utilizada.

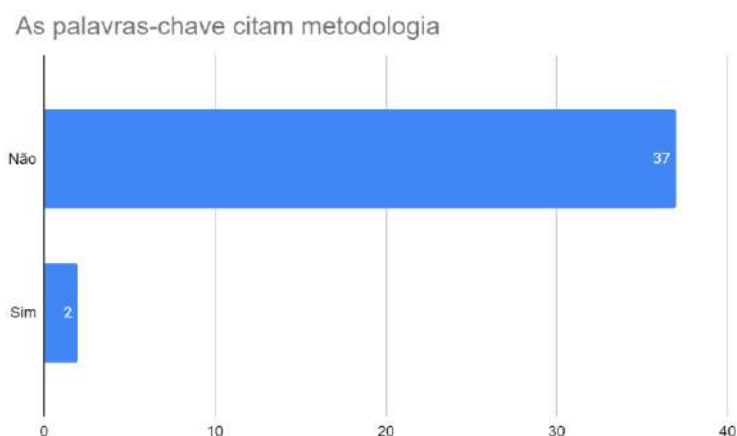
Quadro 1 - Tipo de pesquisa/metodologia citada no resumo

Tipo de pesquisa/metodologia citada no resumo
1- "Estudo de caso"; 2- "Pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas com integrantes de emissoras de rádios comunitárias"; 3 - "Pesquisa bibliográfica"; 4- "pesquisa bibliográfica e documental"; 5- "Estudo de caso"; 6 - "A metodologia do mês composto, realizamos uma análise temática e de conteúdo"; 7- "estudo de caso exploratório"; 8 "pesquisas bibliográfica, documental, conceitual e empíricas (quantitativa e qualitativa"; 9 "Metodologia descritiva"; 10 - "Análise de redes sociais".

Fonte: dados da pesquisa

Nas **palavras-chave**, a referência à metodologia (s) se materializa em dois textos: "etnografia", em 2013, e "Análise de Redes Sociais", em 2019. Interessante observar a ausência em 37 artigos (ver Gráfico 2). No contexto no qual o rádio se insere em um ambiente multiplataforma, na era da datificação, da mineração de dados e das buscas indexadas, a palavra-chave é representativa do conteúdo do documento.

Gráfico 2 - Metodologia nas palavras-chave



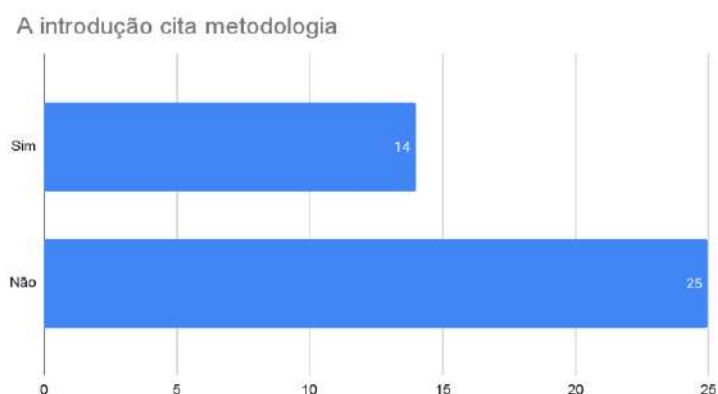
Fonte: dados da pesquisa

Atualmente, a pesquisa brasileira em rádio começa uma nova etapa no processo de internacionalização e o mercado internacional é mais rigoroso nesse aspecto. Por isso, a definição por determinadas palavras-chave em detrimento de outras indica as intenções comunicativas do pesquisador ao definir as temáticas mais relevantes de seu estudo.

Os dados apontam, portanto, que, do ponto de vista de escolher entre três a cinco palavras-chave, como determina a norma técnica, o termo metodologia tem sido relegado a um plano inferior na escala de importância, estando realçadas palavras mais vinculadas à temática e ao objeto da pesquisa, sinalizando o que o pesquisador considera mais relevante a ser abordado no artigo. A baixíssima expressividade do termo metodologia nas palavras-chave é um indicador de que este foi um tema negligenciado, o que também reforça umas das inquietações que balizam a pesquisa cujos resultados apresentamos em parte neste artigo.

Após a etapa de sinopse do artigo, passamos a nos concentrar na Introdução. Conforme indicam os manuais de metodologia científica, a introdução de um artigo deve trazer uma apresentação do assunto, o (s) objetivo (s), a metodologia e o problema de pesquisa. A análise mostrou que 25 (cerca de 64%) textos aprovados nos GT's, com o tema rádio, não apresentam a metodologia utilizada. Apenas 14 (aproximadamente 36%) detalham os procedimentos metodológicos empregados (ver Gráfico 3). Entende-se que esta lacuna demonstra a necessidade de clareza das trilhas adotadas para a realização da pesquisa, de modo a evitar ou minimizar confusões conceituais e o senso comum, para que, assim, haja maior rigor científico na elaboração do texto.

Gráfico 3 - Metodologia na Introdução



Fonte: dados da pesquisa

Como a introdução deve fornecer uma visão global do tema abordado, a descrição, ainda que breve, da metodologia empregada, sinaliza quais são as pistas importantes para o leitor. De modo mais detalhado ou mais sucinto, a apresentação prévia dos procedimentos adotados ajuda a responder questões essenciais em uma pesquisa científica, entre as quais: 1) como os objetivos serão alcançados? e 2) por meio de quais instrumentos metodológicos? Considerando o intercâmbio de conhecimentos provocado por um encontro como a Compós, a definição clara dos métodos contribui para corroborar as bases epistemológicas sobre as quais se assentam as pesquisas em rádio e mídia sonora (Lopes et. al., 2023).

Também é importante destacar a evidente necessidade por parte dos pesquisadores e pesquisadoras de adaptar a pesquisa para estudar o objeto sonoro. Um dos textos, por exemplo, escolhe o “modelo de análise semiótica”, ao mesmo tempo em que questiona a adaptação para o objeto sonoro, deixando explícito o percurso da pesquisa. É fundamental evidenciar a trajetória, mas, de maneira recorrente, ela se sobressai à descrição metodológica de modo geral.

No Quadro 2, demonstramos os termos utilizados para indicar a metodologia adotada na Introdução dos artigos analisados. São recortes sintéticos dos 14 textos que aparecem no Gráfico 3.

Quadro 2 - Recortes das Introduções

Termos que indicam a metodologia na Introdução
1- “análise semiótica”; 2- “análise dos programas”, “inclui tanto uma abordagem da produção cultural quanto da recepção”; 3- “análise diferente daquela do documento escrito”; “caminho”; 4 - “periodização”; 5- “pesquisas bibliográficas e documentais”; 6- “análise”; “trajetória”; 7 - “pesquisa participante”; 8- “revisão de autores”; “abordagem híbrida”, “etnografia”; 9 - “método rapsódico”; 10- “revisão bibliográfica”; 11- “análise descritiva”; 12 - “observação”; 13 - “métodos digitais de pesquisa”; 14- “análise descritiva”

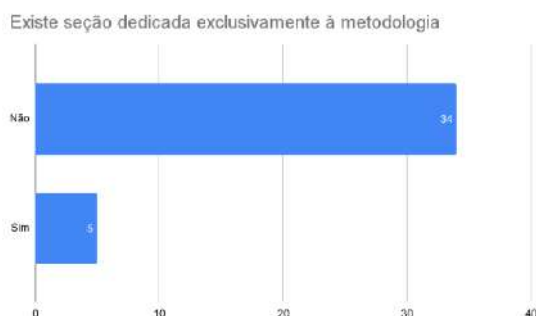
Fonte: dados da pesquisa

De modo geral, a Introdução foi o espaço no qual os artigos mais indicaram

a metodologia. Ao compararmos os grupos positivos para metodologia no resumo e na introdução, descobrimos que dos dez que aparecem como 'sim' no Gráfico 1, apenas cinco estão representados na coluna 'sim' Gráfico 3. Há um subtexto que parece indicar que, ao citar a metodologia no resumo, já foram cumpridas as exigências acerca da questão.

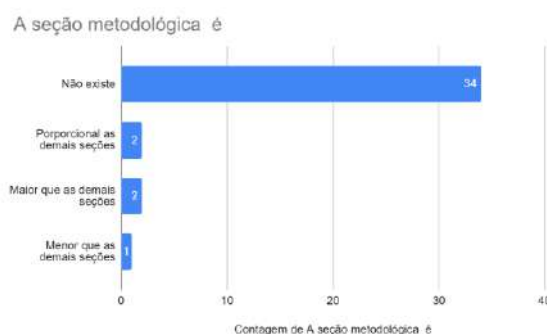
Na etapa do **"Desenvolvimento"**, investigamos se havia algum item que especificasse a metodologia. Apenas cinco artigos (ver Gráfico 4) abrem espaço para integrar a metodologia nas discussões e resultados apresentados. Embora, uma seção específica, em artigo científico não seja exigência, considerando que artigos científicos são pequenos estudos que vão permitir uma leitura mais aprofundada quando o leitor tem acesso à descrição da metodologia empregada para os resultados obtidos. Caso ele esteja no processo de produção científica do conhecimento com um objeto semelhante, ele pode aplicar os passos e repetir a experiência.

Gráfico 4 - Seção metodológica específica



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 5- Sobre a dimensão da seção de metodologia



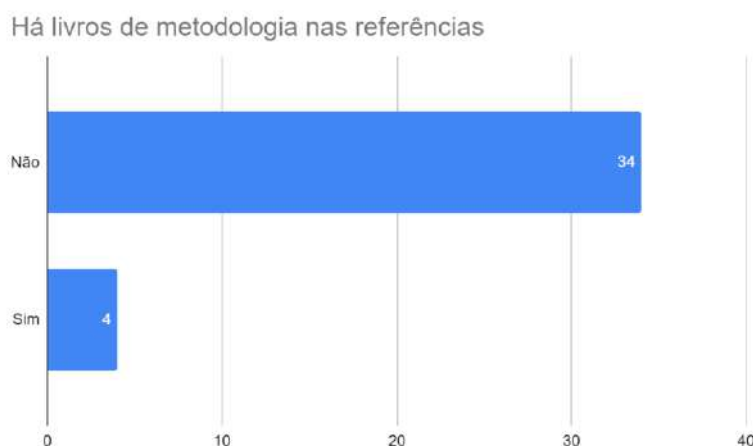
Fonte: dados da pesquisa

Entre os trabalhos que apresentavam seção específica sobre metodologia, observamos mais um dado: se havia ou não equilíbrio do segmento particular em relação às demais seções do artigo. Por meio do olhar comparativo da espacialidade e da materialidade textual, observar se o lugar próprio da metodologia é igual, maior ou menor que os demais (ver Gráfico 5) nos dá pistas da importância da questão para a pesquisa com rádio apresentada na Compós

até 2022. Por um lado, é fato que a ausência nos diz muito. Por outro lado, dos cinco trabalhos que dedicam espaço à metodologia: em dois deles a seção metodológica é proporcional às demais, em outros dois ela é maior e em um é menor. Esses trabalhos estão no intervalo temporal que vai de 2008 a 2019. Outro ponto importante é o cruzamento de dados dos cinco artigos que têm espaço específico para metodologia, com a introdução e o resumo. Neste subgrupo, em específico, quatro citam metodologia na introdução. O número cai para três em relação ao resumo.

Por fim, dos quase 800 livros citados nas referências dos 39 artigos (ver Gráfico 6), somente cinco livros apareceram nos quatro artigos que tiveram citação. Interessante perceber também que em três artigos apenas um livro de metodologia estava nas referências e somente um citou dois livros. Outro ponto importante, já elencado em artigos anteriores, é sobre a consolidação das pesquisas, o aprimoramento do processo metodológico nos artigos submetidos, como indicador do avanço científico da área de rádio, e a construção sólida de critérios de cientificidade. Se 12 artigos citaram metodologia em algum momento e as referências são indicadoras, oito artigos deixaram de mencionar fontes usadas ao longo do texto.

Gráfico 6: Referência de metodologia



Fonte: dados da pesquisa

Na amostra mais recente, ou seja, quando começam aparecer artigos

sobre rádio na Compós, a partir das fases citadas, as pesquisas sobre rádio já eram consideradas distantes dos primeiros momentos. Essa amostra analisada teria, então, dois fatores que tornariam a produção científica diferente: o amadurecimento e o grau de exigência para um artigo ser aceito na Compós, sem perder de vista que são GT's com critérios e dinâmicas diferentes. Isso porque o GT específico para estudar o rádio e a mídia sonora, Estudos Radiofônicos, só surgiu em 2023.

Considerações

Este artigo nasceu da inquietação que tínhamos para sistematizar reflexões sobre as metodologias postas em circulação nos artigos que tematizam o rádio, considerando o espaço temporal de mais de duas décadas de pesquisa na área (22 anos) dentro da Compós. Com o desafio de compreender as complexidades metodológicas nos estudos sobre rádio, realizamos uma pesquisa exploratória que encontrou 39 artigos nos anais da Compós. A partir deles, começamos a traçar o que denominamos de 'arquitetura da metodologia'. Para fins de análise, investigamos o corpus em seus diversos aspectos: do resumo às referências, com a finalidade de observar como se dá a ocorrência da metodologia em palavras-chave, na introdução, no desenvolvimento e em seções específicas para a abordagem do assunto.

A referência à metodologia empregada em apenas 10 resumos atesta que um dos principais itens a serem descritos na sistematização do texto científico está sendo desprezado, tendo os autores atribuído maior destaque aos objetivos e às temáticas, por exemplo, deixando também o método implícito, conforme a análise mostrou. Enquanto palavra-chave, metodologia esteve presente em apenas dois artigos, com um intervalo de seis anos de um para o outro, evidenciando que este não é um assunto preferencialmente tratado, reforçando, também, a necessidade de pesquisas como esta, cuja tarefa precípua é abordar a metodologia, contribuindo para ampliar e facilitar os mecanismos de busca sobre este tema.

A falta de uma seção específica para apresentar os métodos empregados na coleta, tratamento e análise dos dados, verificada em 34 artigos, evidenciou esta lacuna, impedindo não apenas que se compreenda uma das partes essenciais da pesquisa, mas que se avance na identificação e construção de abordagens multimetodológicas nos estudos de rádio, conforme já observado por outros autores da área. Entre as diversas questões que guiaram esta investigação, identificar o lugar e a abordagem da metodologia fornece uma espécie de ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos da Compós, aqui estudados, que apresentaram investigações, ou às vezes até ensaios, para compartilhar pesquisas acadêmicas ou dividir experiências profissionais.

Apesar dos encontros nacionais da Compós terem se convertido em um espaço privilegiado, nos artigos que abordaram aspectos pertinentes ao rádio até 2022, verificamos um esquecimento, pelo menos em grande parte deles, de um detalhamento da metodologia, métodos ou procedimentos metodológicos, impossibilitando a apresentação de uma ‘arquitetura’ de métodos próprios para se estudar o fenômeno do rádio. Os caminhos identificados na análise sinalizam que, no âmbito da Compós, grande parte dos estudiosos, até aquele ano, não destacou as metodologias de suas pesquisas. Isto reforça que as abordagens metodológicas no campo da radiofonia estão em plena necessidade de revisão e estruturação. A perspectiva, contudo, é que esse desafio seja superado com o trabalho específico do GT Estudos Radiofônicos, criado em 2023, para reforçar a importância de se ter um olhar próprio para os caminhos das pesquisas que atravessam o multifacetado mundo do rádio.

Prata, Martins e Avelar (2021), em seus estudos sobre a revista radio-leitura, e Kischinhevsky et al (2015), na análise dos artigos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) entre os anos de 2001 e 2015, identificam, assim como neste estudo, a necessidade de se adotar abordagens multimétodos para dar conta das dinâmicas dos processos radiofônicos. O amadurecimento, elencado em investigações anteriores, é mostrado pelos dados quantitativos, que indicam

aumento de produção científica de qualidade na área, porém, em termos de questões como maior rigor com os aspectos metodológico dos artigos e metodologias, ainda prevalecem a revisão bibliográfica, a pesquisa documental, as entrevistas, os estudos de caso, a análise de conteúdo e os estudos de recepção.

Na Compós, assim como nos artigos da Intercom, Kischinhevsky et al (2015), são poucos os trabalhos com abordagens metodológicas mais elaboradas que tragam uma análise multifacetada, multiplataforma e hipermediática do conteúdo sonoro e menos ainda são as pesquisas que utilizam metodologias multimétodos. O que reforça o indicativo para a área olhar com mais firmeza para este não tão novo desafio como estratégia de intensificar os processos de amadurecimento e de internacionalização da produção científica brasileira no campo do rádio e das mídias sonoras.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028: Informação e documentação: Resumo, resenha e resensão - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2021.

BRYM, Roberto J; LIE, John; HAMLIN, Cynthia Lins; MUTZEMBERG, Remo, SOARES, Eliane Veras; SOUTO MAIOR, Heraldo Pessoa. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BOUDON, Raymond. Metodologia. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (org.). **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

CUNHA, Márgda. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p.30-46, maio/ago. 2021.

DEL BIANCO, Nélia; ZUCULOTO, Valci. 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 82-109, mai./ago. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. In: **Revista Rádio Leituras**. Ano I, Num 01, Edição Julho – Dezembro, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HAUSSEN, Dóris. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**, dezembro: 119-126. EDIPUCRS.

Porto Alegre. 2004

HAUSSEN, Dóris. Trajetória das pesquisas em rádio no Brasil. **Revista Rádio-Leituras**, Ano II(02): 107-115, Julho-Dezembro. 2011. www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/379/346

HAUSSEN, Dóris. Revistas de comunicação brasileiras registram a pesquisa sobre rádio (2002-2012). **RBCC**, 39(3): 155-165, set./dez. São Paulo. 2016.

HAUSSEN, Dóris. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. **Anais** do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville (SC). 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, José Luiz; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. **Anais** do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT4-RM.htm. Acesso em: 9 jan 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. In: **Anais** do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; DE MARCHI, Leonardo; CHAGAS, Luã; FERREIRA, Gustavo; VICTOR, Renata; VIANA, Luana. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. Intercom – **RBCC**, 40(3): 91-108, set/dez. 2017.

LOPES, Paulo Fernando; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MONTEIRO, Patrícia. Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 14, n. 3, p. 9-39, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo. Ouro Preto, 2023, mimeo.

LOPEZ, Débora, MUSTAFÁ, Izani. 2012. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. **Matrizes**, ano 6, 1: 189-205, jul./dez. São Paulo, 2012.

LOPEZ, Debora, JÁUREGUI, Carlos; FREIRE, Marcelo; QUADROS, Miriam; MEIRELES, Norma; KOCHHANN, Roscéli; SENA, Marcelo; SILVA, Thiago; LOPES, Vitor Hugo de Oliveira; GARIGLIO, Livia. Estudos de podcasting: panorama da pesquisa em teses e dissertações brasileiras. In: **Anais** 46º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUC-Minas, 2023.

LOPEZ, Debora; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaina. Metodologia para análise de referências com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. in: **Anais** 44º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 2021.

LOPEZ, Debora, FREIRE, Marcelo. Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos. In. **Anais** 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville (SC), 2018.

MOREIRA, Sonia Virginia. 2005 Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In A. Bragança & S. Moreira (org.), **Comunicação, acontecimento e memória**, vol. 1. 1 ed. São Paulo: Intercom. 2005

MEDITSCH, Eduardo. Entrevista in PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa. In. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 47-81, mai./ago. 2021.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom – 20 anos. in Revista **Rádio Leituras**. Ano II, Num 02, Edição Julho – Dezembro, 2011.

PRATA, Nair; Martins, Henrique Cordeiro; Avelar, Kamilla Morando. A divulgação científica sobre rádio no Brasil: Um estudo da revista Rádio-Leituras. in. **Estudos em Comunicação** nº 29, 159-175, Dezembro, 2019.

PRATA, Nair; MUSTAFÁ, Izani; PESSOA, Sônia Caldas. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM) - v.3, n.1, jan-jun, 2014.

Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio

De las ondas sonoras a las producciones científicas: mapeo de académicos que han trabajado y/o trabajen en radio

From sound waves to scientific Productions: mapping of academics who have worked and/or work in radio

Izani Mustafá; Kátia Fraga; Nayane Cristina Rodrigues de Brito

Resumo

O artigo é um mapeamento das mulheres acadêmicas do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e do Grupo Temático História da Mídia Sonora da ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia que trabalharam e/ou trabalham em alguma rádio. Por meio da pesquisa exploratória (Martino, 2018; Gil, 2002) foram identificadas 38 mulheres. Num segundo momento, foi enviado um questionário on line (google forms) e 27 delas responderam às questões semiestruturadas. Todas trabalharam em rádios comerciais, educativas/públicas ou comunitárias e têm uma trajetória de sucesso e com muitas experiências. Muitas delas, agora como

>> Como citar este texto:

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 181-201, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Izani Mustafá

izani.mustafa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

Professora do curso de Jornalismo e da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão e é Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia.

Kátia Fraga

katiafraga@ufv.br

<https://orcid.org/0000-0002-8723-0014>

Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Regionalidades da Universidade Federal de Viçosa. Concluiu o estágio Pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nayane Cristina Rodrigues de Brito

nayanebritojornalista@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Professora substituta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. É doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

professoras em diferentes universidades públicas ou privadas do Brasil, são coordenadoras de projetos de extensão e de pesquisa dedicados às mídias sonoras.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; Rádio; Mulheres; Acadêmicas; Pesquisadoras.

Resumen

Este artículo presenta a las académicas del Grupo de Investigación en Radio y Medios Sonoros de Intercom (Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de la Comunicación) y del Grupo Temático de Historia de los Medios Sonoros de ALCAR (Asociación Brasileña de Investigadores en Historia de los Medios) que han trabajado o trabajan en radio. Mediante una investigación exploratoria (Martino, 2018; Gil, 2002), se identificaron 38 mujeres. Posteriormente, se distribuyó un cuestionario en línea (Formularios de Google) y 27 de ellas respondieron preguntas semiestructuradas. Todas han trabajado en radios comerciales, educativas/públicas o comunitarias y cuentan con una trayectoria exitosa y una amplia experiencia. Muchas de ellas, actualmente profesoras en diversas universidades públicas y privadas de Brasil, coordinan proyectos de extensión e investigación dedicados a los medios sonoros.

Palabras clave: Historia de los Medios Sonoros; Radio; Mujeres; Académicas; Investigadoras.

Abstract

This article maps out the women academics in the Radio and Sound Media Research Group of Intercom (Brazilian Society for Interdisciplinary Communication Studies) and the Thematic Group on Sound Media History of ALCAR (Brazilian Association of Media History Researchers) who have worked or currently work in radio. Through exploratory research (Martino, 2018; Gil, 2002), 38 women were identified. Subsequently, an online questionnaire (Google Forms) was distributed, and 27 of them responded to semi-structured questions. All have worked in commercial, educational/public, or community radio and have successful careers with extensive experience. Many of them, now professors at various public and private universities in Brazil, coordinate extension and research projects dedicated to sound media.

Keywords: History of Sound Media; Radio; Women; Academics; Researchers.

É preciso dar visibilidade às profissionais do rádio¹

Este artigo é uma versão revisada, ampliada e aprofundada a partir de uma pesquisa apresentada no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom Nacional 2024² e no XV Encontro Nacional de História da Mídia 2025³. Relembramos que, mesmo após 106 anos de história do rádio brasileiro⁴, pouco sabemos da presença das mulheres e, praticamente, não existem bibliografias e trabalhos científicos, como artigos apresentados em congressos e publicados em revistas da área da comunicação e da história, sobre essas profissionais.

Embora o rádio só tenha sido consolidado como objeto de estudo científico no campo acadêmico há 60 anos (Zuculoto, 2016), é importante reconhecer o pioneirismo da jornalista e pesquisadora Maria José de Andrade Lima, a Zita. Formada em Jornalismo em 1963 pela Universidade Católica de Pernambuco, Zita iniciou suas publicações na revista *Comunicações & Problemas* e, em 1967, concluiu o mestrado na UnB, transformando sua dissertação no livro *Princípios e Técnica de Radiojornalismo* (1970). Ainda assim, como destaca Zuculoto (2016, p. 27), é apenas a partir da década de 1990 que os estudos científicos sobre o rádio ganham visibilidade e reconhecimento acadêmico.

No entanto, compreendemos que é preciso avançar e dar visibilidade a muitas outras mulheres que estão no campo acadêmico e trabalharam e/ou trabalham ainda em rádio ou estão como coordenadoras de projetos de extensão de rádio em universidades onde trabalham. Para isso, nosso objetivo neste artigo é apresentar um mapeamento das pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

¹ Trabalho revisado e ampliado a partir de um artigo apresentado no **GT História da Mídia Sonora**, integrante do XV Encontro Nacional de História da Mídia. Financiada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001.

² O 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação foi realizado na Univali (SC), nos dias 5 e 6 de setembro de 2024.

³ O XV Encontro Nacional de História da Mídia, organizado pela ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia, foi realizado no ICSA da UFOP de Mariana, de 27 a 29 de agosto de 2025.

⁴ Consideramos que a primeira emissora a fazer transmissões no país foi a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, em Recife (CARTA DE NATAL, 2019).

Comunicação e do Grupo Temático História da Mídia Sonora da ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, considerados os grupos que mais reúnem investigadores dos estudos radiofônicos. Inicialmente realizamos um levantamento exploratório (Martino, 2018; Gil, 2002) que depois foi cruzado e analisado com um questionário (*google forms*) enviado pela lista de discussões de e-mail e pelo canal de conversação *WhatsApp*. Assim conseguimos ter um quadro que identifica a participação e a relevância feminina no rádio e na pesquisa acadêmica.

Acreditamos que este estudo é um contributo importante também para a historiografia do rádio, iniciada na Pesquisa Nacional Coletiva intitulada “A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico”, coordenada pelas professoras Juliana Gobbi Betti, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e Valci Zuculoto, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo delas é desenvolver uma revisão do relato histórico do desenvolvimento do rádio brasileiro, incluindo o gênero como uma categoria de análise, evidenciando a contribuição das mulheres na constituição do meio no país. Num artigo de 2024 elas aprofundam a proposta e afirmam que “as mulheres participaram do desenvolvimento do rádio brasileiro desde a formação das primeiras emissoras”, mas, completam, “pouco sabemos sobre como se deu tal participação, menos ainda sobre as contribuições femininas para a popularização ou para os processos de inovação que possibilitaram a constante renovação da relevância política e social do meio” (Betti e Zuculoto, 2024, p. 210).

As autoras relembram que existem histórias narradas das cantoras do rádio, que se destacaram nas décadas de 1940, 1950, mas pouco se sabe daquelas que ocuparam cargos de gestão e produção no rádio. Para Betti e Zuculoto (2024, p. 210), essa “ausência se configura e se mantém a partir de um conjunto de condições que inclui questões socioculturais e políticas, bem como o avanço lento na construção de um diálogo verdadeiramente interdisciplinar com os estudos históricos”. Apesar das pesquisadoras citarem alguns trabalhos que retratam a presença das mulheres no rádio,

a não regularidade e a inexistência de estudos mais abrangentes sobre as profissionais femininas e suas contribuições para desenvolvimento histórico do rádio brasileiro vêm acarretando um processo de exclusão e apagamento. Isso porque a ausência do relato se estende e se consolida como uma ausência da própria história. (Betti e Zuculoto, 2024, p. 212).

Também concordamos que a ausência dos relatos das trajetórias das profissionais do rádio favorece o apagamento de suas histórias. E destacando uma afirmação de hooks (2022, p. 43), acreditamos que o “movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas”. A partir dessa reflexão da teórica feminista, vamos fortalecer o movimento feminista porque estamos reconstruindo as trajetórias de mulheres acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham no rádio ou na coordenação de projetos de extensão de rádio, mídias sonoras ou podcasts.

Neste artigo, estamos dando visibilidade para mulheres profissionais que contribuíram para a história do rádio brasileiro do final do século 20 e século 21, emprestaram suas vozes para transmitir notícias, comandaram equipes, foram às ruas fazer reportagens, dividiram seus espaços com colegas mulheres, homens e LGBTQIAP+. Então, estamos, como enfatiza hooks (2022, p. 42), produzindo uma “demanda de recuperação da história das mulheres” considerada uma “das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo”.

Assim como Betti e Zuculoto (2024), pretendemos ampliar os estudos e dar visibilidade às mulheres que trabalharam e/ou trabalham em rádio, sendo que muitas, como professoras em universidades públicas e privadas, continuaram próximas do fazer rádio e produzir programas em áudio. E dessa maneira também estaremos “incluindo a participação das mulheres no percurso histórico do rádio” (Betti e Zuculoto, 2024, p. 212). Neste artigo, assim como Betti e Zuculoto (2024, utilizamos o gênero como categoria de análise.

Metodologia

Como estratégia metodológica inicial, realizamos uma pesquisa exploratória (Martino, 2018; Gil, 2002) nos Grupos de Pesquisas Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e História da Mídia Sonora da ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia para identificar as pesquisadoras acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em alguma rádio e/ou estejam atuando em projetos de extensão envolvendo o rádio e as mídias sonoras. Depois, a fim de nos certificarmos e confirmar informações levantadas, elaboramos um formulário *on line* (*google forms*), enviado no final de abril e que se manteve aberto até 5 de maio de 2025, com doze perguntas semiestruturadas, incluindo a identificação (nome, formação acadêmica - Jornalismo, Radialismo, Publicidade e Propaganda ou outros); autodescrição (negra, parda, preta, branca, indígena, quilombola); e informações descritivas e subjetivas sobre a experiência e a contribuição delas na trajetória do rádio brasileiro: início do trabalho; tempo de atuação; funções exercidas, incluindo apresentação de programas; lembranças dos momentos vivenciados; ocupação atual e se as pesquisas desenvolvidas ao longo da trajetória acadêmica abordaram a emissora ou as emissoras na(s) qual(uais) atuou ou atua.

Ao todo, 29 pessoas responderam ao formulário compartilhado nas redes de pesquisa. Uma pessoa do sexo masculino também preencheu os dados e como o questionário era voltado para o perfil feminino, não pudemos considerar as respostas. Entre os respondentes, consideramos a resposta de um homem trans que fez uma transição de gênero após a pandemia da covid-19. Enquanto mulher acadêmica ela trabalhou em rádio e agora como homem se mantém no mercado de trabalho. Portanto, nosso *corpus* de respostas considera para este artigo 27 mulheres acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio.

No **Quadro 1**, abaixo, a relação das mulheres que responderam ao questionário:

**Quadro 1 – Mulheres acadêmicas que responderam ao questionário
(google forms)**

Nome da profissional	Rádio em que trabalhou e/ou (trabalha)
Adriana Gomes Ribeiro	Rádio comunitária (2000) e Rádios da EBC/RJ
Ananda Kallyne Muniz Portilho	Rádio CBN Araguaína/TO
Claudia Irene de Quadros	98 FM e CBN Curitiba/PR
Debora Cristina Lopez	Rádio Nacional Sul, em Ponta Grossa/PR
Evelyn Iris Leite Morales Conde	Rede de Rádio Boa Vontade, CBN Pantanal, Rádio Cidade, Universitária UNIDERP FM, Educativa Cultura FM/RO e CBN Amazônia (2020 a 2023)
Helen Pinto de Britto Fontes	Rádio Continental AM, Antena Um FM, Globo AM, Manchete AM, Alvorada FM, Opus 90 FM.
Isabeau Cotrim Ferreira Pinto Sant'ana	Rádio Comunitária 87.9 FM/ Frederico Westphalen/RS
Isabela S Vieira	Rádios da EBC
Izani Mustafá	Rádio Guaíba AM/RS, Bandeirantes/RS, Difusora AM/SC, Joinville Cultural FM/SC e WEB Rádio UFMA ITZ
Janete El Haouli	Rádio UEL FM/PR
Karina Woehl de Farias	Rádio Eldorado, Hulha Negra, Eldorado e Som Maior/SC
Karlo Daniel Rodrigues	Rádio Arte FM, comunitária Cidade FM de Itabirito e Mariana FM
Kátia Fraga	Sistema Gazeta de Rádio (ES)
Lenize Villaça Cardoso	Rádio Alvorada, Capital-AM SP, CBN-SP, Web Rádio Mackenzie e Rádio Cultura FM, da Fundação Padre Anchieta/SP
Lilian Martins Zaremba da Camara	Rádio MEC/RJ
Luizy Aparecida da Silva Carlos	Rádio Frei Caneca FM/PE
Maíra Rossin Gioia de Brito	Rádio CBN/PR
Maria Angelica Aleixo Beck Lourenço	Rede Boa Vontade 1260 e AM 84.3 FM.
Maria Jovelina da Cruz Guimarães Araújo	Rádio Cidade FM, Transamérica, 103 FM, Top FM, CBN Recife, Globo, Clube de Pernambuco e Folha FM
Mirian Redin de Quadros	Rádio Jornal da Manhã, Educativa Unijui FM, Universidade AM e Uni FM
Nair Prata Moreira Martins	Rádio Tiradentes (Sistema Globo de Rádio) e Cultura (Rede Itatiaia de Rádio)
Norma Maria Meireles Macêdo Mafaldo	Rádio Igaraçu AM/PI; Educadora de Parnaíba AM, Antares AM, Educativa do Piauí AM/PI, Antena 10 FM/PI, Cabo Branco FM/PB, Web Rádio Intercampus UFPB/PB e Web Rádio Porto do Capim
Patrícia Rangel Rodrigues	Rádio Gazeta, Sistema Globo de Rádio/CBN e Tupi
Rafaete de Araujo	Rádio comunitária Arca FM/MA
Sheila Borges de Oliveira	Rádio CBN Recife/PE
Sônia Caldas Pessoa	BHFM, Globo AM, Itatiaia, Extra FM e CBN/BH

Valci Regina Mousquer Zuculoto	Rádio Gaúcha/RS, Rádio Guaíba, free-lancer para emissoras livres, FM Cultura/RS e Web Rádio Ponto UFSC/SC
--------------------------------	---

Fonte: As autoras

Algumas das mulheres acadêmicas citadas acima continuam atuando em rádio porque são professoras de universidades públicas ou privadas e são coordenadoras de projetos de extensão focados na produção em áudio.

Infelizmente, a chamada ao questionário não foi respondida por algumas pesquisadoras acadêmicas que trabalharam em rádio, identificadas numa pesquisa exploratória no currículo lattes, realizada para um artigo inicial apresentado em 2024, no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São elas: Ana Baumworcel (Rádio Jornal do Brasil/RJ), Daniela Souza (Rádio Educadora FM/BA e Rádio Bandeirantes em Santos/SP), Giovana Mesquita (Sistema Globo de Rádio/PE), Lúcia Paula Trentin (Rádio Udesc FM Joinville/SC), Luana Viana (Rádio UFOP/MG), Magda Cunha (RBS, Rede Pampa de Comunicações e Empresa Jornalística Caldas Júnior/RS), Mariane Quadros (Rádio da Universidade/RS), Marizandra Rutilli (Rádio Jornal da Manhã e Rádio Educativa Unijuí FM/RS), Nélia Del Bianco (Rádio Difusora de Goiânia/GO), Sônia Virgínia Moreira (Rádio Jornal do Brasil/RJ) e Vera Raddatz (Rádio Educativa Unijui FM/RS). Isso significa que existem nos dois grupos (Intercom e ALCAR) mais 11 mulheres acadêmicas que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho em alguma emissora. Portanto, identificamos um total, até agora, de 38 pesquisadoras e profissionais que desenvolveram e/ou desenvolvem alguma atividade no rádio.

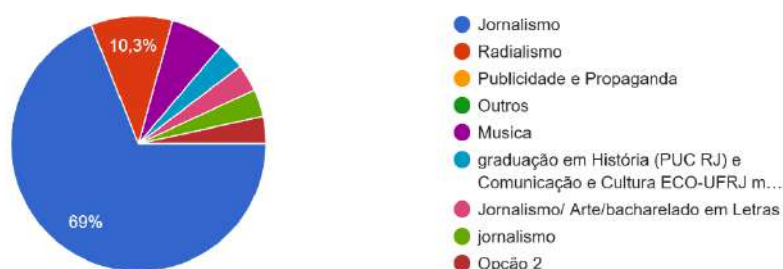
Para descrever a trajetória profissional de pelo menos três mulheres acadêmicas, definimos como critério de escolha as coordenadoras mais recentes do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom: Nair Prata (2011-2012; 2013-2014), Valci Zuculoto (2015-2019) e Debora Cristina Lopez (2021-2024).

Análise dos dados coletados nos questionários (*google forms*)

Os dados coletados junto às 27 pesquisadoras que atuaram no campo do

rádio fornecem um panorama significativo sobre o perfil acadêmico e demográfico desse grupo. A análise das informações identificatórias, incluindo nome completo, formação superior e data de nascimento, possibilita uma compreensão acerca dessas profissionais e suas trajetórias. O **Gráfico 1** apresenta elementos sobre a formação superior das profissionais que participaram da pesquisa.

Gráfico 1 – Representação da formação superior das 27 pesquisadoras



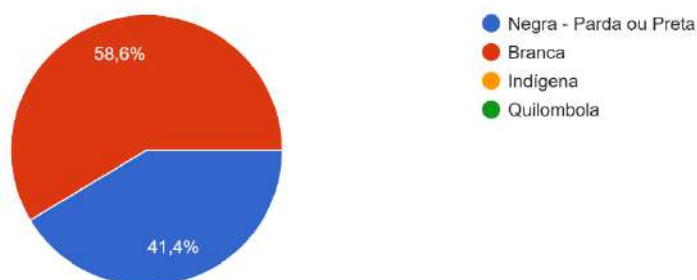
Fonte: As autoras

A predominância de formações em Comunicação Social, Jornalismo e áreas correlatas aponta para uma relação entre a formação acadêmica e a prática profissional no campo radiofônico. Essa correlação evidencia que o rádio é um campo especializado, demanda conhecimento técnico e teórico específicos. A diversidade observada em outras áreas de formação sinaliza a interdisciplinaridade que permeia os estudos sobre rádio.

Na análise dos dados sobre faixa etária e trajetórias profissionais constatou-se uma concentração de pesquisadoras nascidas entre as décadas de 1960 e 1980, o que sugere a presença de profissionais com experiência consolidada. Este dado corrobora para a historicidade do campo, uma vez que as acadêmicas dessa faixa etária podem contribuir com memórias para o desenvolvimento das práticas e pesquisas em rádio. A presença de profissionais mais jovens também é importante, pois indica a renovação geracional e a permanência de mulheres da área.

No **Gráfico 2** verificamos dados sobre a identificação racial/étnica das participantes da pesquisa.

Gráfico 2 – Identificação racial/étnica das entrevistadas.



Fonte: As autoras

A maioria das respondentes se identifica como branca, o que representa uma proporção de 58,6%. A presença de 41,4% de pesquisadoras negras (pardas ou pretas) aponta avanços quanto a presença dessas mulheres no meio radiofônico. Nenhuma participante se declarou indígena ou quilombola, o que sugere, até a escrita deste artigo, a invisibilidade desses grupos. Esses dados alertam para a necessidade de equidade racial na participação feminina no rádio.

A análise das 27 respostas à pergunta “Quando e como você começou a trabalhar em rádio?” apresenta uma diversidade de trajetórias que se estendem de 1977 a 2024, evidenciando a presença de mulheres no rádio ao longo de quase cinco décadas. Muitas iniciaram suas atividades ainda durante a graduação, por meio de estágios formais ou informais, em emissoras comerciais, universitárias ou comunitárias, especialmente em regiões como o Sul e o Sudeste do Brasil.

Essas trajetórias revelam que o rádio foi, para muitas dessas mulheres, não apenas um espaço de trabalho, mas também de militância, pesquisa acadêmica e construção de identidades. A atuação em emissoras como a Rádio UEL FM, Rádio Ponto UFSC, rádios comunitárias e universitárias, assim como a presença em veículos tradicionais, principalmente das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país, como CBN, Globo, Cultura, Guaíba, Gaúcha, Nacional, MEC e

Itatiaia, demonstra o trânsito entre grandes veículos e a comunicação comunitária e universitária.

As respostas demonstram que a presença feminina no rádio abrangeu posições estratégicas como chefia de redação, coordenação de produção, direção de emissora, além da realização de conteúdos autorais e educativos. As profissionais desempenharam papéis como repórteres, redatoras, locutoras, produtoras, editoras, pauteiras, apresentadoras, sonoplastas, operadoras de som e coordenadoras pedagógicas, o que indica uma atuação nas etapas de concepção, execução e gestão de conteúdo radiofônico.

Quanto aos programas apresentados pelas entrevistadas, constatou-se uma diversidade de formatos e temáticas. As profissionais relataram experiências que vão desde programas jornalísticos diários com prestação de serviços, entrevistas e coberturas especiais, até produções culturais e musicais de caráter experimental. Também se destacam iniciativas voltadas a públicos específicos, como programas religiosos, feminino ou rural, e experiências educacionais em rádios universitárias.

As lembranças relatadas pelas pesquisadoras demonstram marcas emocionais, que vão da realização à frustração. As memórias positivas ressaltam o papel do rádio como espaço de vínculo, sobretudo na interação com os ouvintes.

As narrativas também destacam o rádio como ambiente de aprendizado, formação crítica e conquistas profissionais. Em contrapartida, os relatos de experiências negativas expõem um cenário de precarização: excesso de trabalho, baixos salários, assédios, discriminação de gênero e violência simbólica.

A análise das respostas à questão sobre a incorporação da experiência profissional em rádio nas pesquisas acadêmicas demonstra uma relação entre prática e produção científica no campo radiofônico. Entre as 27 pesquisadoras participantes, observamos que uma parte considerável articula, de modo direto ou indireto, suas vivências nas emissoras com os objetos de estudo desenvolvidos.

Diversas docentes e pesquisadoras que participaram da pesquisa desenvolvem projetos relacionados ao jornalismo sonoro, radiojornalismo, mídias sonoras e artes sonoras, muitas delas coordenando grupos de pesquisa, programas de extensão e produções audiovisuais, como web rádios e podcasts. Além disso, algumas atuam na formação de estudantes de graduação e pós-graduação.

A vida profissional no rádio de três mulheres acadêmicas

Neste subcapítulo vamos apresentar o perfil das três últimas coordenadoras do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Algumas informações foram complementadas com uma revisão em seus currículos lattes, disponível *on line* pelo CNPq⁵.

Debora Cristina Lopez

Formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1998), Debora Lopez é doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2009) e mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005). Concluiu estágios pós-doutorais em Comunicação Audiovisual na Universidad de Extremadura (Espanha), sob a supervisão do Prof. Dr. Daniel Martín-Pena (2022) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019), sob a supervisão da profa. Dra. Sonia Virginia Moreira.

Debora é (re)conhecida pelo perfil de profissional solidária, acolhedora e incentivadora para novos/as pesquisadores/as e por criar e desenvolver amplas parcerias. Outra marca pessoal é seu largo sorriso, repleto de afeto e doçura. Aos 47 anos, é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Minas Gerais.

⁵ Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>.

Tornou-se uma protagonista e grande referência no cenário de pesquisadores da mídia radiofônica no Brasil e em outros países. Entre as produções mais conhecidas, é autora de "Novo Rádio, Velhas Narrativas" (Livros Labcom, Portugal, 2022) e de "Radiojornalismo Hipermediático" (Livros Labcom, Portugal, 2010) e organizadora de "Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção" (Ed. Unijuí, 2020) junto a Vera Raddatz, Valci Zuculoto e Marcelo Kischinhevsky e "Estudos Radiofônicos no Brasil" (Intercom, 2016), em parceria com Valci Zuculoto e Marcelo Kischinhevsky.

Até final de 2024, Debora era a coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom (2021-2024). Atualmente, é vice-coordenadora do Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos da Compós- Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (2024-2026) e integra o Conselho Geral da Associação das Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) como Diretora de Relações Institucionais (2024-2026). Destacada em suas atuações, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão 2025, como coordenadora do Grupo de Pesquisa ConJor na Categoria Grupo Inovador, e como diretora da Rede Rubra, o Prêmio Luiz Beltrão 2025 na categoria Instituição Paradigmática.

A jornalista começou a trabalhar em rádio como estagiária (sem supervisão formalizada à época, produzindo jornalismo com um colega de turma, como ela mesma respondeu nesta pesquisa) na Rádio Nacional Sul, em Ponta Grossa, em 1995, onde atuou por quatro meses. Na Rádio Difusora de Ponta Grossa trabalhou por menos de um ano, em 1996. Fez cobertura especial esportiva na Rádio Cultura de Guarapuava, no ano seguinte.

Nas emissoras em que trabalhou exerceu funções nas áreas de reportagem, apresentação e operação de som. Na Rádio Nacional Sul foi âncora em um radiojornal e apresentadora de um programa noturno de música e jornalismo chamado "Terra, Cidade e Informação". Quando perguntada sobre quais foram as suas melhores e piores lembranças nas emissoras em que atuou, Debora evidencia boas lembranças de coberturas especiais, especialmente na editoria de política, "que impactaram de alguma maneira na cidade". Lembra

também do “companheirismo e apoio de alguns colegas, em redações majoritariamente masculinas”, que a ajudavam “a acreditar no trabalho que eu desenvolvia, mesmo com as dificuldades de ser mulher no rádio dos anos 1990”.

Todavia, enfrentou “muitas situações de discriminação de gênero nas práticas cotidianas”. E reforçou: “nas rádios, eu tinha mais dificuldade de conseguir reconhecimento do que meus colegas homens”. Debora disse ter convivido no ambiente de trabalho com várias formas de assédio, incluindo piadas sexistas. Segundo a jornalista, isso não era exclusividade do rádio: “o rádio por ser um espaço extremamente masculino, talvez revele isso mais para gente”. Ela reforça que a situação piorou nos últimos tempos com o crescimento de valores conservadores da extrema direita, principalmente com propagação de discursos de um lugar de autoridade como a presidência da república, acarretando um retrocesso imenso em relação aos direitos humanos. No campo do jornalismo, as mulheres sofreram vários e graves ataques no cenário nacional.

Apesar disso, Debora Lopez acredita que para reverter esse retrocesso conjuntural a base da luta feminista é a resistência. “É uma resistência coletiva. Então, essa é uma vantagem. A gente não resiste sozinha, né? Então, a gente resiste pelo jornalismo, mas a gente não resiste só pelo jornalismo. A gente resiste pela docência, mas não resiste só pela docência. Nada do que a gente faz é individualizado quando a gente pensa em luta feminista, em coletividade, né?”, aponta. Acrescenta, ainda que a força da resistência coletiva é um fator preponderante para vencer mais essa fase da história do Brasil: “Eu acho que a gente chegou num nível de articulação, num nível de percepção do que a gente pode fazer se a gente faz junto”.

Nair Prata

Nair Prata Moreira Martins é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. É mestre em Comunicação (Universidade São Marcos) e é doutora em Língua Aplicada (UFMG). No doutorado realizou estágio na Universidade do Minho, em Portugal,

com bolsa de estudos da CAPES. Também realizou estágio de pós-doutoramento em Comunicação na Universidad de Navarra (Espanha) e hoje é bolsista de Produtividade em Pesquisa C (CNPq).

Tem 31 livros publicados e organizados, entre eles, três de sua autoria: “Panorama do rádio no Brasil” (2011), “O rádio entre as montanhas - histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira” (2011) e “Webradio: novos gêneros, novas formas de interação” (2009). Contabiliza também 65 capítulos de livros. É uma das mais destacadas pesquisadoras acadêmicas do rádio nos grupos de pesquisa em que está sempre presente e participante. E é uma importante referência para os colegas e estudantes da área da comunicação.

Ela se considera negra e afirma que começou a trabalhar em rádio logo depois de formada, em 1983, na Rádio Tiradentes, uma empresa do Sistema Globo de Rádio, instalada em Belo Horizonte. Ficou nesse veículo por dois anos e, em seguida, mudou-se para a Rádio Cultura, empresa da Rede Itatiaia de Rádio, também de Belo Horizonte. E ela não parou por aí. Logo depois ainda trabalhou na Rádio Itatiaia. Ao todo foram 18 anos de trabalho em emissoras de rádio. Nas estações por onde esteve ocupou funções de noticiarista, produtora e repórter.

Ganhou muita experiência que é sempre dividida com os alunos nas faculdades por onde lecionou e ainda leciona. Atualmente, ela é pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Na Universidade FUMEC, em Minas Gerais, é professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento, professora do curso de Jornalismo e coordenadora da Rádio FUMEC. Também está liderando a pesquisa “El podcast em el ecosistema mediático de América Latina y el Caribe e faz parte da Red Internacional de Historiógrafos de la Comunicación.

As pesquisas desenvolvidas ao longo da sua trajetória acadêmica estão relacionadas ao rádio, a começar pela dissertação de mestrado, intitulada “A fidelidade do ouvinte de rádio - fatores determinantes da audiência fiel”, escrita quando trabalhava na Rádio Itatiaia. Segundo ela, a pesquisa foi realizada por

meio de entrevistas com cerca de 400 ouvintes da emissora. Um estudo de recepção que é bastante complexo para ser feito e, cuja área de rádio e mídias sonoras ainda carece.

Quem conhece Nair Prata, sabe que o trabalho não a intimida. Como pesquisadora atuante em diversas entidades como Intercom, ALCAR e SBPJor - Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo), abriu muitas frentes como a criação do Grupo de Interesse na ALAIC – Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação, o Rádio e Mídia Sonora. Em 2025 está como editora da Revista Mediação e é proprietária de uma editora, a Libriana Editorial. Entre os vários títulos de reconhecimento está o Prêmio Luiz Beltrão 2013, na categoria Liderança Emergente; o 3º lugar nacional no Prêmio Freitas Nobre de Doutorado 2008, concedido pela Intercom; e no mestrado ganhou o Prêmio Intercom 2001 de Melhor Dissertação de Mestrado do Ano, na categoria Rádio e TV.

No percurso junto às entidades, Nair Prata foi Diretora científica da Intercom (2017-2020; 2020-2023), coordenou o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom por dois mandatos (2011-2012; 2013-2014), foi diretora Regional Sudeste da Intercom (2014-2017) e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2015-2019).

Valci Zuculoto

A trajetória acadêmica e profissional de Valci Regina Mousquer Zuculoto é uma das mais significativas contribuições ao campo do radiojornalismo e da mídia sonora no Brasil. Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é Mestra e Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ (ECO/UFRJ). Atualmente, é professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua desde 1990, com ênfase em jornalismo sonoro,

radiojornalismo e comunicação pública.

Sua experiência profissional no rádio teve início ainda nos anos 1970, quando, como estudante, foi contratada pelo jornal Zero Hora e pela Rádio Gaúcha, dois dos principais veículos do Grupo RBS no Rio Grande do Sul. Atuou como redatora, repórter e editora de noticiários. Foi também diretora da FM Cultura de Porto Alegre (1999–2003) e produtora do programa Grande Rio Grande, irradiado pela Rádio Guaíba.

Na UFSC, fundou e coordena a Rádio Ponto UFSC, uma das primeiras webemissoras universitárias do Brasil, consolidando um espaço experimental e formativo para o jornalismo sonoro. Foi vice-presidente da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) entre 2022 e 2024 e é líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFA), certificado pelo CNPq. Também integra o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora do Marahão (GP RPM).

Sua atuação científica inclui uma longa trajetória. Desde 2023 Valci é a presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (ALCAR), onde foi Diretora Científica (2019-2023). Ainda atuou como coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (2015-2019) e da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (Radiojor/SBPJor), da qual é uma das fundadoras. Também é secretária de Educação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e diretora do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

É autora de “No Ar – A história da notícia de rádio no Brasil” e “A programação de rádios públicas brasileiras”, e é organizadora e coautora de dezenas de livros sobre rádio, jornalismo e história da mídia, com destaque para coletâneas como “Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção”, “Comunicação e a Historicidade das crises na História da Mídia no Sul do Brasil”, “Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, “História e memória da mídia em tempos de violências e resistências”,

“Teorias do Rádio - Textos e Contextos V. 2” e “Formação Superior em Jornalismo - Uma exigência que interessa à sociedade V. 2”.

A produção científica inclui também capítulos em obras referenciais como “Jornalismo e história da comunicação”, “Jornalismo: reflexão e inflexão”, “Do ecossistema radiofônico à comunicação de mercado: novos horizontes”, “Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica”, “80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro”; “Radialismo no Brasil - Cartografia do Campo Acadêmico”, “Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários”, “Rádio e Pânico 2 - A Guerra dos Mundos 75 anos depois”, “70 anos de radiojornalismo no Brasil”, “Caminhos do campo comunicacional no Brasil e na Argentina”, “Teorias do Rádio - Textos e Contextos-Volume 1”, “Rádio e Pânico - A Guerra dos Mundos 60 anos depois”, “Rádio Brasileiro - Episódios e Personagens” e “E o rádio? Novos Horizontes Midiáticos”.

Reconhecida nacionalmente, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão da Intercom em duas categorias: Liderança Emergente (2017) e Maturidade Acadêmica (2024). Atualmente, é Diretora Editorial da Série Mídia Sonora da Editora Insular.

Com uma carreira marcada pela prática jornalística, militância sindical e excelência acadêmica, Valci Zuculoto é uma referência no campo da mídia sonora, tendo contribuído de forma decisiva para a consolidação do radiojornalismo como objeto de ensino, pesquisa e extensão no Brasil.

Considerações finais

Este mapeamento ampliado, revisado e aprofundado, realizado com um questionário *on line* (*google forms*) enviado para as mulheres acadêmicas de dois grupos relevantes e que estudam rádio, podcasts e mídias sonoras, como o Rádio e Mídia Sonora da Intercom e História da Mídia Sonora da ALCAR, foi muito positivo.

O trabalho iniciado como pesquisa exploratória em currículo lattes, para um Resumo Expandido de 2024 e um artigo apresentado no Grupo Temático do

XV Encontro Nacional de História da Mídia em 2025, agora está mais completo e resultou na identificação de 38 profissionais mulheres que trabalharam e/ou trabalham em rádio e são pesquisadoras acadêmicas.

Destacamos que desse total, 27 responderam ao questionário semiestruturado, enviado em final de abril e disponível até 5 de maio de 2025. As 11 profissionais citadas neste artigo foram identificadas por meio da pesquisa exploratória em seus currículos lattes. Mas não descartamos a possibilidade de que outras mulheres que se integraram a um dos grupos de pesquisa da Intercom ou da ALCAR tenham uma história de vida em alguma rádio.

Neste artigo percebemos ainda que a maioria dessas acadêmicas continuam estudando esse veículo de comunicação que no Brasil completou 106 anos de existência. Algumas se mantêm atuando em rádios universitárias e/ou projetos de extensão de rádio nas instituições onde trabalham. Uma observação necessária. Para esta investigação não realizamos a comparação de gênero para saber quantos são mulheres e quantos são os homens que participam dos encontros científicos. Deixamos aqui como uma proposta futura.

Como não podemos narrar as histórias e relembrar as memórias de todas neste artigo, optamos por fazer uma descrição das três últimas coordenadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Nair Prata (2011-2012; 2013-2014), Valci Zuculoto (2015-2019) e Debora Cristina Lopez (2021-2024).

Nosso objetivo aqui foi mapear as mulheres, a partir da perspectiva de gênero, para dar visibilidade as suas histórias na participação e na construção do rádio brasileiro. Também consideramos que estamos contribuindo para a Pesquisa Nacional Coletiva intitulada "A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico", coordenada pelas professoras Juliana Gobbi Betti (UFOP) e Valci Zuculoto (UFSC), cuja finalidade é desenvolver uma revisão do relato histórico do desenvolvimento do rádio brasileiro, incluindo o gênero como uma categoria de análise, evidenciando a contribuição das mulheres na constituição do meio no país.

A atuação das pesquisadoras que participaram da pesquisa em diferentes

emissoras de rádios e funções demonstra a versatilidade delas no fazer radiofônico e suas contribuições para a história da radiodifusão no Brasil. Também se destacam relatos marcados por disputas políticas e resistência, como o caso da jornalista demitida por justa causa após participar de uma greve. Esses testemunhos evidenciam que a atuação das mulheres no rádio não se limita à técnica ou à presença simbólica, mas envolve disputas por espaço, linguagem e poder na mídia sonora.

Referências

BETTI, Juliana Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Florianópolis: UFSC, 2021. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libanio. 19º ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora. Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). **Anais**. XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>.

MUSTAFÁ, Izani; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres que trabalham em rádio em quatro cidades da Região Tocantina (MA). **Anais**. Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Imperatriz (MA), 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/simcom-2023?lang=pt-br>.

MUSTAFÁ, Izani.; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de; **Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento e histórias de pesquisadoras que trabalharam e/ou trabalham em rádio**. Artigo apresentado no XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Mariana (MG): ALCAR, 2025.

Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>.

SCOTT. Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. (1-35). Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso: 20 jun. 2024.

ZUCULOTO, Valci.; BETTI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. **Anais**. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2022.

ZUCULOTO, Valci; GOBBI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: MUSSE, C. F.; MAGNOLO, T. S.; ZUCULOTO, V. (Orgs.) **História e memória da mídia em tempos de violências, lutas e resistências**. São Paulo: ALCAR, 2024.

ZUCULOTO, Valci. A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. (Orgs.). **Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016. (Coleção GP'S – grupos de pesquisa, vol. 22).